

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

ANTONIO MARCOS DA SILVA

EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: PROJETO CAMPUS
DAS ARTES E SUA INFLUÊNCIA NA VIDA DE ADOLESCENTES DO CENTRO
CULTURAL VILA PRUDENTE DA CIDADE DE SÃO PAULO

Dissertação apresentada ao Programa de
Educação, Arte e História da Cultura da
Universidade Presbiteriana Mackenzie, como
parte dos requisitos para a obtenção do título de
Mestre em Educação, Arte e História da Cultura.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Petra Sanchez Sanchez

São Paulo

2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

S586e Silva, Antonio Marcos da

*Educação não-formal e transformação social:
Projeto Campus das Artes e sua influência na vida de
Adolescentes do Centro Cultural Vila Prudente da Cidade de
São Paulo. / Antonio Marcos da Silva. - - São Paulo, 2006.*

201 p; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da
Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2006.

Orientação: Profª Drª Petra Sanchez.

Bibliografia: p.: 172-175

1. *Conscientização* 2. *Favela*. 3. *Paulo Freire*.
4. *Transformação*. I.Título.

CDD: 374.012

ANTONIO MARCOS DA SILVA

EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: PROJETO CAMPUS
DAS ARTES E SUA INFLUÊNCIA NA VIDA DE ADOLESCENTES DO CENTRO
CULTURAL VILA PRUDENTE DA CIDADE DE SÃO PAULO

Dissertação apresentada ao Programa de
Educação, Arte e História da Cultura da
Universidade Presbiteriana Mackenzie, como
parte dos requisitos para a obtenção do título de
Mestre em Educação, Arte e História da Cultura.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Petra Sanchez Sanchez – Orientadora
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof^a. Dr^a. Ana Maria Araújo Freire
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof. Dr. Norberto Stori
Universidade Presbiteriana Mackenzie

A pesquisa que resultou na presente dissertação recebeu apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, Bolsa de Mestrado (12 meses) e recursos do Fundo Mackenzie de Pesquisa MackPesquisa.

Dedicatórias

Ao meu pai, Antonio Pereira da Silva (in memoriam): homem contemplativo, construtor de estradas, de casas e de sonhos que, num simples olhar, costumava dizer-me “Vá em frente!”; por isso, sempre presente na minha busca insistente pela dignidade da vida.

À minha mãe, Erondina Augusta da Silva, mulher “terrivelmente feliz”, que, com sua alegria ontológica assumida diante da vida e dos seus tropeços, sempre me incentivou à formação instigante e permanente da vida e que, no auge dos seus 81 anos de vida e beleza, apoiou-me com rigor de sempre, na construção e realização desta pesquisa.

À Denise Stoklos, pelo incentivo ético e estético que encontrei na poética do seu trabalho com o Teatro Essencial, tão decisivo nas minhas escolhas em favor da vida e do legado que temos de oferecer à nossa humanidade e àquela que virá. Profunda gratidão, sempre.

À Maria Fernanda de Jesus Lopes, freira da Congregação Oblatas do Santíssimo Redentor, pelo seu amor incondicional aos excluídos, “homens e mulheres” das ruas do mundo e da vida. Seu gesto de acolhida e vivência junto a esses excluídos revelou-me a face do amor. Eternamente agradecido.

Ao irmão e amigo Patrick Joseph Clarke, tão presente neste trabalho por meio da sua Voz Dissonante junto aos “esfarrapados do mundo”; pela sua luta e epopéia na libertação coletiva dos favelados da Zona Leste da cidade de São Paulo. Também minha profunda gratidão.

A todas as crianças, adolescentes, jovens e moradores da favela de Vila Prudente, partícipes deste projeto junto ao Centro Cultural Vila Prudente que me acolheram e, assim encharcaram-me com seus sonhos e com suas lutas.

Agradecimentos

A Deus, “gracias a la vida que me ha dado tanto”.

À Profª. Drª. Petra Sanchez Sanchez, pelo carinho com que conduziu a orientação desta pesquisa, com seu rigor e amizade. Meu muito obrigado.

À Profª. Drª. Ana Maria Araújo Freire, por sua participação e contribuição, orientando-me na compreensão aprofundada da obra e pensamento de Paulo Freire.

Ao Prof. Dr. Norberto Stori, por sua preciosa contribuição nesta Banca, com sua sensibilidade como artista e educador das artes.

Ao Prof. Atílio Brunacci, pelas valiosas sugestões e criteriosa revisão do texto.

À CAPES, pela bolsa de estudos concedida, e ao Mackpesquisa pelo auxílio, minha gratidão.

Aos professores do programa em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Mackenzie, sempre empenhados em oferecer um olhar interdisciplinar na produção do conhecimento.

Aos colegas e às colegas do curso que, ao longo da convivência e do aprendizado, se tornaram cúmplices da vitória de mais uma etapa vencida em nossas vidas.

Aos meus irmãos e irmãs Maria Augusta, Araci Augusta, Maria das Graças, Iolanda Augusta, Nerice Augusta, José Geraldo e Reinaldo Marques, sempre presentes na minha vida e na minha caminhada.

As arte-educadoras Claudia Stracci e Raquel Guedes que assumiram com determinação o Projeto Campus das Artes.

Aos amigos e amigas que me acompanharam e me incentivaram, em especial Adriene de Albuquerque Prado, Enesoe Chan, Rogério Halila, Tarcísio Brum e Wellington Alves de Andrade. Minha gratidão.

À Família Iwashita (Shoichi, Kyoze, Irene e seu esposo) que em muito devo-lhes carinho especial na caminhada com meus estudos.

A Josefina de Novais Chaves Benedictis e Walter Ribeiro Benedictis Júnior, amigos e incentivadores na minha caminhada pela busca do saber.

Ao amigo André Raitani, designer gráfico que gentilmente criou a capa artística desse trabalho.

Aos “Anjos da Guarda”, Ademir Munhoz e Marilda Aparecida Maffei Munhoz.

Gratidão por tudo que fizeram para comigo e para mim ao longo dessa pesquisa, e pela convivência fraterna em Piracaia (SP).

À cidade de Piracaia, onde me refugiei para escrever este trabalho amparado pela beleza das suas serras, pelo frescor do seu ar e pelo canto dos seus pássaros e com sua gente tão calorosa.

Ao Centro Cultural Vila Prudente (CCVP), que, ao longo desses anos, acolheu minhas idéias e meus sonhos de uma vida melhor para os moradores da favela.

Aos arte-educadores e arte-educadoras e demais profissionais colaboradores do Centro Cultural Vila Prudente (CCVP) que muito me incentivaram e apoiaram-me durante a minha licença para a elaboração desta pesquisa.

Ao Movimento de Defesa do Favelado (MDF), por ter me proporcionado o contato e a convivência com os moradores da favela de Vila Prudente.

A Função da Arte

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

- Me ajuda a olhar! (GALEANO, 2005, p. 15).

Há outra forma curiosa de nos entregarmos gostosamente ao desafio. Trata-se da curiosidade estética. Ela me faz parar e admirar o pôr do sol. É o que me detém, perdido na contemplação da rapidez e elegância com que se movem as nuvens no fundo azul do céu. É o que me emociona em face da obra de arte que me centra na boniteza (FREIRE, 2004, p. 77).

A gente tem medo de deixar a imaginação voar, mas é preciso deixá-la voar! Não voar a ponto de se perder, mas voar, imaginar coisas concretas, coisas possíveis, com as crianças. Então, a partir dessa escuta do mundo, dessa fotografia do mundo, você pode também, em função dos vizinhos da escola, por exemplo, sugerir e levar as crianças a fazer escritas, a usar a palavra escrita sobre as suas escutas do mundo nos muros da cidade. (FREIRE e GUIMARÃES, 1986, p. 47).



Foto 01 - *Performance*: Carlos José Alves, frequentador do Centro Cultural Vila Prudente durante oficina de artes plásticas, em 1998.

Resumo

O objetivo deste trabalho foi analisar o meu projeto: “Campus das Artes: a favela como espaço antropológico da arte”, implantado em 2002 no Centro Cultural Vila Prudente na Zona Leste de São Paulo, na favela de Vila Prudente. O projeto propunha a um grupo de vinte jovens, entre homens e mulheres, um novo olhar sobre a estética da favela por meio das artes visuais, visando contribuir para o processo de mudança em suas vidas e na comunidade. Para tanto, foram considerados sujeitos deste estudo seis jovens que passaram pelo Campus das Artes e sujeitos das mudanças ocorridas em suas vidas. A análise do projeto inseriu-se no contexto de uma pesquisa interdisciplinar, levando em consideração a base teórica da epistemologia do conhecimento construída pelo educador Paulo Freire. A metodologia utilizada foi a qualitativa do tipo participante. Os resultados mostram que a maioria dos jovens entrevistados consideraram que o projeto propiciou oportunidades de inserção deles na realidade onde vivem, porque muitos conseguiram não só atuar na favela como também compreender os mecanismos de exclusão a que estão sujeitos e entender como deixar de ser “Seres Menos” para ser “Seres Mais”. Concluiu-se, assim, que os jovens compreenderam a favela não como um lugar para condenação, mas como um lugar de possibilidades de transformação, sem condenar suas vidas e suas histórias. O presente estudo destacou não só a necessidade de valorizar sempre mais a educação não-formal, face à realidade existente em regiões carentes, como também avaliou a importância do emprego da arte para a promoção do desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Conscientização, Favela, Paulo Freire, Transformação, Juventude.

Abstract

The objective of this research was to analyse the project of my authorship, Campus das Artes (Arts Campus): the favela (Brazilian slums) as an anthropological art space, established in 2002 at the Vila Prudente Cultural Center, at the east zone of São Paulo, at the Vila Prudente favela. The project proposed to a group of twenty young people, both men and women, a new look over the aesthetic of the favela through visual arts, aiming to contribute to the changing process in their lives and the community. For so, six young people that attended the Arts Campus and the changes occurred in their lives were considered the subjects of this study. The project analysis was inserted in the context of an interdisciplinary research, taking into consideration the theoretical basis of the epistemological knowledge built by the Brazilian educator Paulo Freire. It was used the participant observation qualitative methodology. The results showed that the most part of the young people interviewed considered that the project opened opportunities for their insertion in the reality where they live, for many were able not only to act, but also to comprehend the exclusion mechanisms they are subjected to and how to stop being “Seres Menos” (Lesser Beings) to become “Seres Mais” (Better Beings). It was concluded through this that the young people comprehended the favela not as a place for condemnation, but as a place of possibilities of transformation without jeopardizing their lives and histories. The present study highlighted not only the need to value always more the informal education, in the face of the existing realities of needy regions, but also the importance of the employment of art in the promotion of the human development.

Key words: Consciousness-raising, Favela, Paulo Freire, Transformation, Youth.

Lista de Fotos e Figuras

Foto 01 - Performance: Carlos José Alves, freqüentador do Centro Cultural Vila Prudente durante oficina de artes plásticas, em 1998.....	8
Foto 2 - Serra do Curral, em Belo Horizonte – 1985.	21
Figura 3 - Logomarca do Projeto Betânia	25
Foto 4 - Jovem observa painéis pintados pelas crianças do CCVP em parede externa na favela, 1998	35
Foto 5 - O MDF durante ato público em defesa do direito à moradia nos anos 80. Foto: Acervo MDF.....	50
Foto 6 - Paulo Freire dialogando com Patrick Clarke no final dos anos 70. Foto: Arquivo Patrick Clarke.	53
Foto 7 - Lideranças do MDF reunidos na Praça da Sé em São Paulo. Foto: Acervo MDF.....	57
Foto 8 - Vista geral da favela de Vila Prudente, fotografada pelos jovens do Campus das Artes Foto: Acervo CCVP	60
Foto 9 - Favela de Vila Prudente. Antiga Rua da Linha ainda com os trilhos de trem. Foto: Acervo MDF.....	63
Foto 10 - Apresentação do Grupo Andarilhos na favela Vila Prudente, em frente à igreja de São José Operário, 1998.	65
Foto 11 - Pe. Patrick Clarke com os primeiros arte-educadores do CCVP	

Foto: Acervo CCVP.....	67
Foto 12 - Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns recebendo as crianças do CCVP nos primeiros anos do centro cultural. Foto: Acervo Patrick Clarke.....	71
Foto 13 - Brian Maguire artista plástico irlandês no CCVP fazendo retrato de criança, 1998.	72
Foto 14 - Tábata e Pâmela no interior de suas casas com retratos desenhados por Brian Maguire e que foram colocados na 24ª Bienal de São Paulo, 1998.....	73
Foto 15 – Detalhe do painel pintado por crianças do CCVP exposto no colégio Saint Paul, São Paulo, 1988.....	74
Foto 16 - Visitante na exposição “Casa da Cultura Brian Maguire” no Colégio Saint Paul em 1998.	74
Foto 17 - Criança durante Auto de Natal no CCVP	76
Foto 18 - 1ª Ação Eco-Criança na cidade de Piracaia (SP), em 2005.	78
Foto 19 - Fernandes Pereira “retratando” Patrick Clarke	80
Foto 20 - Os músicos Cecília Siqueira e Fernando Lima apresentando na sala Denise Stoklos, do Centro Cultural Vila Prudente, 2005.....	81
Fotos 21, 22, 23 e 24: Artistas circenses da favela Vila Prudente durante performance.....	82
Figura 25 – Retrato de Paulo Freire pintado por Fernandes Pereira da Silva. Essa obra ocupa a sala Paulo Freire do CCVP.....	90

Foto 26 - Paulo Freire ao centro, com Pe. Patrick e Selerino nos anos 90. Foto: Acervo Patrick Clarke	96
Foto 27 - Oficina de artes plásticas na Rua da Igreja, da com o arte-educador Tarcísio Brum, de camisa amarela.	104
Foto 28 - Adolescente participante do Projeto Campus das Artes durante mostra de trabalhos no Instituto Tomie Ohtake.....	108
Foto 29 - Jovem da oficina escultura em argila, durante encontro na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Foto: Acervo CCVP.....	109
Figura 30 - Cartaz da exposição Arte Favela exposto no Galpão da Pizza, na Vila Olímpia. Acervo: CCVP	110
Foto 31 - Participantes do Projeto Campus das Artes, durante visita ao Museu de Arte Moderna – MAM.	113
Foto 32 - Participantes do Campus das Artes durante oficinas de artes plásticas no CCVP. Foto: Acervo CCVP.....	114
Foto 33 - Fachada do prédio 1 Darci Ribeiro decorado, com mosaico feito por crianças, Jovens e membros da comunidade de Vila Prudente.	115
Foto 34 – Guto Lakaz dialogando com participantes do Campus das Artes. Foto: Acervo CCVP	116
Figura 35 - Desenho feito por mãe dos participantes do Campus das Artes, durante encontro de pais no CCVP.....	120

Figura 36 - Alunos do Campus das Artes, durante visita ao Instituto Tomie Ohtake. Foto: Acervo CCVP.....	121
Foto 37 – Fachada de moradia da favela de Vila Prudente, tirada por jovem, durante caminhada fotográfica pela favela. Foto: Acervo CCVP.....	123
Figura 38 – Favela retratada através da técnica linoleogravura por André de Souza que participou do Campus das Artes	125
Foto 39 - Óleo sobre tela “As cinco portas”, pintado por Fernandes Pereira da Silva durante o Campus das Artes	126
Figura 40 - Detalhes de moradias da favela de Vila Prudente. Estética abordada pelo Projeto Campus das Artes.....	128
Foto 41 - Igreja São José Operário, no interior da favela Vila Prudente. Cenário para o filme “Carandiru” de Hector Babenco	130
Foto 42 - Gravação do documentário “Histórias da Vida Real”. Interior da favela de Vila Prudente. Foto: Acervo CCVP.....	131
Foto 43 - Paineis pintados pelos integrantes do Campus das Artes, durante mostra da exposição Arte Favela no Galpão da Pizza na Vila Olímpia. Foto: Acervo CCVP.	137
Foto 44 - Escultura em argila feita pelos participantes do Campus das Artes.	138
Foto 45 - Escultura em argila feita pelos participantes do Campus das Artes.	138
Foto 46 - Participante do Campus das Artes durante entrevista para a	

TV Cultura, falando sobre seu trabalho e obra. Foto: Acervo CCVP.	139
Foto 47 - Participante durante oficina de pintura no Projeto Campus das Artes do CCVP. Foto: Acervo CCVP.....	139
Foto 48 - Mosaico feito no piso do 2º andar do Prédio 04 São Francisco de Assis	140
Foto 49 - Grupo de jovens trabalhando em oficina de mosaico no CCVP	140
Foto 50 - Produção do documentário “Histórias da Vida Real” Foto: Acervo CCVP.....	142

Lista de Quadros

Quadro 1 Caracterização dos sujeitos da pesquisa	149
Quadro 2 Temas e Categorias.....	151
Quadro 3 Subcategorias da categoria: Sensibilização para com a vida	152
Quadro 4 Subcategorias da categoria: Formação da consciência crítica	153
Quadro 5 Subcategorias da categoria: Sujeitos da transformação social.....	154
Quadro 6 Subcategorias da categoria: Domínio de novas competências	155
Quadro 7 Subcategoria da categoria: Compreensão da arte como exercício da cultura...	156
Quadro 8 Subcategorias da categoria: Conscientização política da favela.....	157
Quadro 9 Subcategorias da categoria: Construção da auto-estima.....	158
Quadro 10 Subcategoria da categoria: Promoção da cidadania dos adolescentes.....	159
Quadro 11 Subcategoria da categoria: Diálogo com os adolescentes	160
Quadro 12 Subcategoria da categoria: Envolvimento da comunidade com o documentário	160
Quadro 13 Subcategorias da categoria: Discussão da estética da favela	162

Lista de Siglas

ABRINQ	- Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente
CAFOD	- <i>Catholic Agency for Overseas Development</i>
CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CARITAS	- <i>Catholic Agency for Overseas Aid and Development</i>
CCVP	- Centro Cultural Vila Prudente
CEB	- Comunidade Eclesial de Base
CNBB	- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNT	- Central Nacional de Televisão
CPT	- Comissão Pastoral da Terra
ECA	- Estatuto da Criança e do Adolescente
ESPM	- Escola Superior de Propaganda e Marketing
FGV	- Fundação Getúlio Vargas
IVF	- Instituto Vicentino de Filosofia
ISTOÉ	- <i>Revista IstoÉ</i>
JOC	- Juventude Operária Católica
MAM	- Museu de Arte Moderna
MASP	- Museu de Artes de São Paulo
MDF	- Movimento de Defesa do Favelado
MOVA	- Movimento de Alfabetização
OAB	- Ordem dos Advogados do Brasil
OM	- Organizações Martinez
ONGs	- Organizações Não - Governamentais
ONU	- Organização das Nações Unidas
SAGA	- <i>Movimiento de Investigación Teatral</i>
SÓVIDA	- Associação Solidários Pela Vida
TAOS	- Terapias Alternativas e Orientação em Saúde
TROCAIRE	- <i>Irish Catholic Agency For World Development</i>
UNESCO	- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNIBES	- União Brasileiro-Israelita do Bem Estar - Social
UNIFAI	- Centro Universitário Assunção

UNI-Italo - Centro Universitário Ítalo-Brasileiro
UPM - Universidade Presbiteriana Mackenzie

SUMÁRIO

1. MEMORIAL	20
2. INTRODUÇÃO	27
2.1 Relevância da Pesquisa.....	36
2.2 Hipóteses.....	40
2.3 Objetivos.....	41
3. METODOLOGIA	42
3.1 Metodologia Aplicada.....	42
3.2 População-Alvo.....	44
3.3 Levantamento dos Dados.....	44
3.4 Coleta de Dados	46
3.5 Análise dos Dados.....	46
4. O CENÁRIO DA PESQUISA	48
4.1 O que é o Movimento de Defesa do Favelado – MDF.....	48
4.2 O que é o Centro Cultural Vila Prudente – CCVP.....	60
5. A COMPREENSÃO CRÍTICA DE EDUCAÇÃO DE PAULO FREIRE	83
5.1 O Legado de Paulo Freire	91
6. EDUCAÇÃO: INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	97
6.1 Educação Não-Formal	102
7. O PROJETO CAMPUS DAS ARTES.....	106
7.1 Descrição e Análise	112
7.1.1 Os Aspectos Artísticos.....	112
7.1.2 Os Aspectos Culturais.....	127
7.1.3 Os Aspectos da Elaboração do Documentário.....	131
7.1.4 Resultados Imediatos do Documentário	135
7.2 O Projeto Campus das Artes na Perspectiva dos Princípios Freireanos.....	141
8. RESULTADOS E DISCUSSÃO	148
8.1 Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa	148
8.2 Análise dos Temas.....	150
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	167
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	172
APÊNDICES	176
ANEXO	200

1. MEMORIAL

“La libertad, Sancho, es uno de los más preciosos dones que a los hombres dieron los cielos; con ella no pueden igualarse los tesoros que encierra la tierra ni el mar encubre; por la libertad así como por la honra se puede y debe aventurar la vida, y, por el contrario, el cautiverio es el mayor mal que puede venir a los hombres” (CERVANTES, 2004). 1

Nasci na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, no ano de 1965, em um bairro operário, próximo de várias indústrias. Na minha infância e adolescência, a Serra do Curral - hoje tombada como patrimônio cultural da cidade de Belo Horizonte – projetava-me para além das montanhas, almejando outros horizontes, outros lugares. Geograficamente, parece que as serras nos vigiam. Por isso, sempre tive a impressão de que o horizonte atravessava a vida da gente. Ainda na infância, juntamente com alguns colegas, ousei subir a serra para ver o que havia do outro lado... A descoberta maior foi que havia mais serras... Cresci então pensando em outros lugares.

Desde a infância e até hoje, a imagem da Serra do Curral, dominando os arredores de Belo Horizonte, me persegue. Como um amuleto, sinto que me dá força e inspiração para os meus devaneios e o meu caminhar.

Minha infância na capital mineira foi marcada pelas festas populares, circos e parques de diversão, brincadeiras em campos de várzea e de rua, aventuras nas serras, passeios pelos parques da cidade com meus pais e irmãos. Ainda criança, comecei a ajudar na economia doméstica, trabalhando em supermercados, lojas, bares e parques de diversão. Os primeiros anos de ensino e aprendizagem me levam a recordar a “Escolinha da Tia Luci”, onde recebi as primeiras instruções para o aprendizado da leitura e da escrita.

¹ CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de La Mancha*. Espanha: Real Academia Española/Asociación de Academias de la Lengua Española, 2005. p. 984.

“A liberdade, Sancho, é um dos mais preciosos dons que aos homens deram os céus; com ela não podem igualar os tesouros que encerram a terra ou que o mar encobre; pela liberdade, assim como pela honra, se pode e deve aventurar a vida, e, pelo contrário, a prisão é o maior mal que pode suceder aos homens”



Foto 2 - Serra do Curral, em Belo Horizonte - 1985

Quando tinha sete anos, visitei pela primeira vez a cidade em que nascera minha mãe, Inhapim, localizada na região do Vale do Aço, próxima às cidades de Ipatinga e Caratinga em Minas Gerais. Nessa viagem, conheci meus avós maternos. Ambos tinham um semblante de muita seriedade e de muito zelo pelos filhos e netos. Na Vila dos Marques onde viviam meus parentes, impunham-se com aspecto de muito respeito uma igreja, uma escola e um cemitério que ficava no alto da serra, tudo construído pelo meu avô. Depois da sua morte, a escola adotou o seu nome.

A lembrança da primeira e única visita aos meus avós maternos marcou-me para sempre. A dedicação do meu avô com o povo da vila tocou-me profundamente. Ficou a imagem de um homem simples, trabalhador, profundamente religioso e solidário com o povo. Da minha avó ficou a lembrança de uma mulher contemplativa, alegre e dedicada aos filhos. Também recordo-me dela trabalhando o seu crochê.

Vivi o período da meninice com um espírito marcado pela busca curiosa de saber. Às vezes passava manhãs e tardes numa biblioteca de um bairro vizinho, envolvido no mundo da leitura.

Em casa, lia muitas revistas e livros que, porventura, alguém trazia para mim. Nesses encontros com a leitura, um dia descobri numa revista sobre aviação a vida de Santos Dumont o qual deixou-me fascinado por sua busca curiosa e inventiva. Fascínio do seu ideário de inventor e aviador, do homem que não desistiu de voar ao ver tantos projetos seus sem sucesso.

Aos doze anos, comecei a freqüentar em Belo Horizonte o “Sebo do Amadeu”, localizado na rua dos Tamoios, nº 748 e que ainda hoje se mantém no mesmo endereço. Um dia comprei no respectivo sebo um volume resumido da obra *Dom Quixote de la Mancha*. Com a leitura da novela de Miguel de Cervantes, apaixonei-me pela história de Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança.

Por trás da aventura de Quixote eu enxergava a liberdade sonhada e almejada por tantos homens e tantas mulheres ao longo da história. A soberana liberdade de as pessoas poderem decidir sobre suas vidas sem pressão e sem condicionamentos; sujeitos do ato de pensar, de expressar e atuar em um mundo que pede mudanças a todo momento.

Serras, serras e mais serras... Caminhos, lugares, cidades, gente... Quixote e a luta contra seus moinhos e inimigos... Santos Dumont e a busca incessante do vôo impossível... Nessas duas lembranças, o impulso para eu caminhar para frente sem medo de apostar no futuro.

Saí de Belo Horizonte aos dezessete anos para estudar em Curitiba, no Paraná. Apresentei-me para o Serviço Militar na capital paranaense no ano de 1982. Desisti no dia do teste por causa do medo de ser prejudicado na carreira com os estudos.

Ingressei na Congregação dos Filhos da Sagrada Família, ordem religiosa de origem espanhola, em Curitiba, depois de ter sido marcado por uma frase de Jung sobre o sacerdócio: a de “ver aparecer uma geração de sacerdotes capazes de entenderem novamente a linguagem da alma”².

² Citado em “Introdução à coleção *Amor e Psique*”, da Paulus Editora, 1985.

Como membro dessa instituição religiosa, cumpri os estudos do ensino médio no Colégio Estadual do Paraná e o começo do ensino superior no curso de filosofia no Instituto Vicentino de Filosofia (IVF). Ainda nesse mesmo colégio freqüentei as oficinas de artes onde participei dos cursos de xilogravura e escultura em argila. Também conclui o curso de Expressão pela Palavra.

Entre fevereiro de 1990 e junho de 1991, morei em Buenos Aires (Argentina) a mando dos meus superiores religiosos para me dedicar aos estudos da história dessa congregação e aprimorar a língua espanhola. Ao voltar para o Brasil, em 1991, aos poucos fui retornando aos cursos de teatro e dança, com licença da congregação. Em Curitiba, comecei também a freqüentar a Casa do Poeta, e com o apoio da Fundação Cultural de Curitiba, publiquei o *Pacote de Poesia*, um projeto totalmente artesanal com impressão tipográfica.

Em 1992 decidi abandonar a caminhada junto à ordem religiosa. Fui, então, dedicar-me de vez aos estudos da mímica, yoga³, dança, consciência corporal, teatro e fotografia. Profissionalizei-me na consciência corporal em Curitiba com a técnica da professora Milena Morozowicz, cujo pai introduzira a dança moderna no Paraná. Foi um período de resgate do prazer pelas artes do corpo e de voltar um olhar sobre mim mesmo sem negligenciar minha vocação primeira para com a arte.

Em 1993, em Curitiba, trabalhei na Livraria Ghignone para a qual produzi e apresentei na extinta Rede OM (Organizações Martinez), hoje CNT (Central Nacional de Televisão), o quadro *Best Seller*, sobre livros no programa *Auto Astral*.

A partir do ano de 1994, comecei a atuar na área do chamado Terceiro Setor, coordenando um projeto de medicina alternativa em Belo Horizonte, na organização Terapias Alternativas e Orientação em Saúde (TAOS Nazaré), no qual ajudei a criar o seu nome. A experiência no campo social se deu pela primeira vez em 1987, ainda em Belo Horizonte, trabalhando na secretaria de uma creche onde fiquei por um curto período.

³ Em Curitiba concluí o curso de Filosofia Oriental na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Em Belo Horizonte também estudei yogaterapia com George Kritkós.

Ainda em 1994 e também em Belo Horizonte, ministrei aulas de yoga para um grupo da chamada “maior idade”. Obtive minha primeira formação em yoga na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais em 1986 frequentando o curso Filosofia e Técnicas do Yoga.

Em 1995, assumi em Curitiba a coordenação da Casa de Apoio Solar do Girassol, para portadores do vírus HIV, mantida pela Associação Solidários Pela Vida (SÓVIDA). Nesse período, comecei a aprofundar meus estudos na área do Terceiro Setor, também participando de cursos e conferências como palestrante.

Para o grupo Sóvida produzi, no ano de 1996, o evento Dançar para não dançar, inspirado na trajetória do bailarino Rudolf Nureyev que conviveu com o vírus do HIV. O evento reuniu artistas comprometidos com a dança como veículo de promoção humana.

Em 1997, a convite do padre Patrick Clarke, mudei-me para São Paulo para assumir a coordenação da Casa de Cultura na favela de Vila Prudente que, um ano depois da minha chegada, passou a ser chamada de Centro Cultural Vila Prudente (CCVP), projeto mantido e criado pelo Movimento de Defesa do Favelado – MDF, que atua na Zona Leste de São Paulo desde o ano de 1978. A propósito, padre Clarke foi o fundador do MDF, do qual falaremos mais a frente.

Em 1998 atuei como fotógrafo convidado a convite do artista irlandês Brian Maguire que se apresentou para a 24ª Bienal de São Paulo.

No Rio de Janeiro, em 1999, atuei como consultor na elaboração do estatuto da Associação Solidários Amigos de Betânia e na criação da sua logomarca. Essa associação tem como objetivo resgatar a cidadania dos moradores da cidade do Rio de Janeiro acolhendo-os em regime de moradia em lares onde são assistidos por diversos profissionais.



Figura 3 - Logomarca do Projeto Betânia

Com a minha vinda para a cidade de São Paulo em 1997, resgatei meus estudos acadêmicos concluindo a graduação em Filosofia e especializando-me em Psicopedagogia no Centro Universitário Assunção (UNIFAI) e Administração Para Organizações do Terceiro Setor pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV/S.P). Também iniciei-me nos estudos da Antropologia Teatral, criada pelo italiano Eugênio Barba, ocasião em que participei de duas mostras e pesquisa na Argentina e Uruguai no ano de 1997 promovidas pelo Movimento de Investigacion Teatral - SAGA. Em 2000, estudei com a atriz, autora e diretora Denise Stoklos⁴, criadora do Teatro Essencial.

Em 1997 produzi o clip documentário “*SAMPA*” com mais cinco pessoas. Em 2002, através do Projeto Campus das Artes nasceu a idéia de realizar um documentário sobre a favela da Vila Prudente na perspectiva dos jovens que vivem ali e que participaram do projeto referido acima. Com a experiência dos jovens atrás da câmera produzindo *Histórias da Vida Real* realizei em seguida o documentário Centro Cultural Vila Prudente: arte e cultura na favela, apresentado em Sidney, na Austrália em 2003.

Em março de 2005 aceitei o convite para a docência do ensino superior no programa de pós-graduação *latu-sensu* do Centro Universitário Ítalo-Brasileiro (UNI-Ítalo), lecionando as disciplinas de Didática do Ensino Superior e Terceiro Setor nos cursos de Controladoria e Assessoria Executiva.

⁴ Teatro Essencial: “Onde apenas o vivo, a energia vital, a força de sobrevivência do humano se estabelecem como base do teatro. Uma idéia surgida da própria organicidade da resistência sul-americana, onde a Sociedade-mãe e o Estado-pai abandonam o recém-nascido e só lhe prometem carência. A idéia de um teatro que carrega a resistência desse povo para a cena”. (STOKLOS, 1993, p. 17).

E, ao fechar esta suscinta apresentação biográfica, prossigo entre duas recordações: a caminhada de luta e o desafio de seguir construindo um amanhã, com a certeza hoje de que *O Mundo não é. O mundo está sendo*,⁵ como nos recorda o saudoso Paulo Freire.

⁵ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 76.

2. INTRODUÇÃO

Esta dissertação, dentro do Programa de Educação, Arte e História da Cultura, insere-se no contexto de uma pesquisa sobre a análise e construção de um novo olhar estético e ético da favela de Vila Prudente e do seu processo de conscientização e construção da autonomia na vida de jovens adolescentes que moram na favela e que frequentam o Centro Cultural Vila Prudente (CCVP). Os jovens - considerados aqui como sujeitos da pesquisa - passaram pelo Projeto Campus das Artes: a favela como espaço antropológico da arte, no ano de 2002, projeto esse apoiado pela Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente (ABRINQ) dentro do programa Geração Jovem, dessa mesma instituição. O Geração Jovem apoiou diversos projetos voltados para o atendimento aos jovens da periferia de São Paulo que não tinham acesso a algum projeto de arte e cultura.

O incentivo da Fundação Abrinq em apoiar tais projetos objetivava contribuir para o desenvolvimento do protagonismo latente nos jovens.

O Centro Cultural Vila Prudente, fundado em 1990 pelo missionário irlandês padre Patrick Joseph Clarke, da Congregação do Espírito Santo, entidade religiosa católica também conhecida por Congregação dos Espiritanos, desde a sua origem, serviu-se das idéias do pensador e educador Paulo Freire. Freire já no início da fundação do Movimento de Defesa do Favelado (MDF), esteve muito presente no trabalho da entidade a favor dos favelados da cidade de São Paulo nas suas lutas e conquistas pelos direitos à moradia, educação, cultura e arte, conscientizando o povo da favela no sentido de garantir o exercício de sua cidadania.

A favela de Vila Prudente, com o apoio do MDF, também conheceu o Movimento de Alfabetização – MOVA, criado por Freire e que, até hoje, continua presente na comunidade. Desde cedo, a favela conheceu o método de alfabetização criado por Freire. Por esse método, o povo descobre que “Contexto é o mundo onde a vida vive a sua história”⁶.

No vídeo Paulo Freire conversa com Patrick, produzido pelo MDF, Freire declara que

⁶ BRANDÃO, Carlos Rodrigues: Paulo Freire, o menino que lia o mundo. São Paulo: Unesp, 2005. p. 23.

* Ana Maria Araújo Freire teve participação nesta obra de Brandão sobre a vida de Paulo Freire, inserida na “Série Paulo Freire” pela Editora Unesp também coordenada por ela.

“o futuro é uma invenção da gente e que compete a nós enquanto gente, enquanto povo, enquanto classe social e também enquanto indivíduos, transformando o presente com a experiência que o passado nos deu, criar o futuro”.

Do ponto de vista pessoal, a experiência dos anos anteriores no CCVP contabilizou não só os projetos realizados com a arte-educação mas, principalmente, a convivência com o povo da favela. Experiência de “contexto” onde o *aprender-e-ensinar* se davam no *con-viver*, no estar e sonhar juntos.

Assim, ao longo de 1997 a 2004, fui acentuando minha experiência junto aos que passaram pelo Centro Cultural Vila Prudente. Constatei que a arte possuía papel importante no desenvolvimento da cultura, na apreensão da realidade onde se vive, como também nos projetos para ocupar nosso merecido lugar no mundo. Por isso, Paulo Freire, no desenvolvimento e na compreensão dos saberes necessários à prática educativa, pregou também o cultivo da ética e da estética como sendo “decência e boniteza de mãos dadas”.

Minha significativa prática de artista e educador social levou-me à convicção de que é possível acreditar em um novo paradigma no qual educação, arte e cultura não estejam desvinculados de uma prática sócio-político-educativa. Essa visão interdisciplinar possibilitou desenvolver o Projeto Campus das Artes: a favela como espaço antropológico da arte com os jovens da favela de Vila Prudente.

Essa nova experiência de atuar junto aos jovens de uma favela de São Paulo necessariamente possibilitou um contato maior com suas realidades, sempre desafiadoras para o seu crescimento. Mas também fez-me perceber que a expressão artística, juntamente com outras modalidades de expressão, assim como o esporte, muito contribui para o desenvolvimento do adolescente.

A psicóloga Valentina Pigozzi discorre bem sobre a necessidade da expressão artística na vida do adolescente:

A arte é uma necessidade humana, principalmente para os jovens. Sua função está em mitificar o mundo. Ou seja, tornar o racional e concreto em

emocional e abstrato, fazendo no mundo do exterior um paralelo daquilo que se processa no mundo interior de um ou de vários indivíduos (PIGOZZI, 2002, p.31).

Outro fator marcante para o desenvolvimento do Projeto Campus das Artes: a favela como espaço antropológico da arte foi o seu caráter interdisciplinar, levando-se em conta que educação, arte e cultura estiveram presentes o tempo todo entrelaçadas, conferindo aos jovens uma maior participação nessas três esferas da produção do conhecimento.

A professora Ana Mae Barbosa acredita que não podemos entender a cultura de um país sem conhecer sua arte. E a arte, por sua vez, também assume papel transformador e fator de desenvolvimento cultural:

A arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento. Através das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. [...] eu diria que a arte capacita um homem ou uma mulher a não ser um estranho em seu meio ambiente nem estrangeiro no seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence (BARBOSA, 1998, p. 16).

O Campus das Artes deu uma dimensão política aos jovens que dele participaram pelo fato de criar condições para eles discutirem e refletirem sobre suas vidas e atuação dentro da favela. Discussão e reflexão que fizeram-nos crer que toda mudança acontece por meio da intervenção crítica de cada um em uma determinada realidade. Intervenção essa defendida por Paulo Freire como sendo uma oportunidade de mulheres e homens se verem como sujeitos da história.

Os trabalhos do projeto implantados e desenvolvidos no período de março de 2002 a abril de 2003, tiveram a favela como um pólo de desenvolvimento de educação e cultura a partir da minha própria experiência no Centro Cultural Vila Prudente junto à comunidade.

Durante o período de execução do projeto, 20 jovens, moradores da favela pesquisaram a estética da comunidade; levaram para o ateliê as experiências recolhidas nos momentos de observações, e transformavam-nas em discussão e produção de material visual. Para isso, diversas técnicas artísticas foram trabalhadas no projeto Campus das Artes: xilogravura, pintura acrílica, carvão vegetal sobre tela, gravura em linóleo e xilogravura, escultura (argila), mosaico, papel marchê, fotografia e produção de documentário.

O projeto Campus das Artes promoveu ainda diversas visitas a museus e galerias de artes de São Paulo: Museu de Arte Moderna (MAM), Instituto Itaú Cultural, Museu de Artes de São Paulo (MASP), Instituto Tomie Ohtake e Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). Propiciou também um contato direto com os artistas Tomie Ohtake, Nuno Ramos, Claudio Tozzi, Carlos Matuk, Maria Bonomi e Guto Lakaz. O contato ocorreu na sede do Instituto Tomie Ohtake durante oficinas de artes para os jovens participantes do projeto.

Iniciativas como essas possibilitaram aos jovens e aos arte-educadores envolvidos perceberem que é possível desvelar uma outra estética presente na arte e em projetos que estão fora do chamado “mercado cultural”. Em vez de mantermos e perpetuarmos como uma verdade a arte mostrada nas famosas galerias, tivemos a possibilidade de ver e ouvir que a arte nas camadas pobres da sociedade não é um mero objeto sem valor, como se fosse o produto de uma experiência considerada como “folclore”.

A esse propósito, Lúcia Santaella nos adverte das ciladas que nos são apresentadas em relação ao que é ou não é estético:

[...] Por outro lado, o desprezo pela dimensão estética em produções – ditas artísticas engajadas – dirigidas ao povo (como se efeitos estéticos não passassem de meros traços decorativos burgueses) revela não só um profundo desconhecimento quanto ao potencial da função político-social das criações artísticas, como também um desprezo pelo próprio povo, como se a este o estético não fizesse falta (SANTAELLA, 1995, p. 42).

É oportuno ressaltar ainda que o Projeto Campus das Artes – a favela como espaço antropológico da arte, revelou de forma contundente que o Centro Cultural Vila Prudente é

um espaço transformador por excelência. O que se confirma no depoimento do seu fundador e diretor, padre Patrick Clarke:

O Centro Cultural Vila Prudente é uma proposta pedagógica que tem a ver com a transformação do indivíduo, da socialização dos seus sonhos por meio da arte, da música, da pintura, do teatro, do lazer, do viver, da felicidade verdadeira que encontra em preencher sua capacidade criadora. A ocupação do tempo é consequência de uma proposta pedagógica muito mais profunda: como dizia Paulo Freire: de um gozo de subjetividade. Eu sou alguém, ninguém me tira isso⁷.

Ao buscarmos especificamente, hoje, um perfil do jovem brasileiro perante os movimentos de arte e cultura no país, damos conta de que, segundo pesquisa realizada pelo Instituto da Cidadania no final de 2003 e citada em texto da Fundação Abrinq sobre a dimensão do sonho dos jovens, vemos que:

Quantificou uma percepção comum sobre o acesso dos jovens a espaços e serviços de cultura e lazer. Entre outros dados, o estudo mostrou que mais de 60% nunca haviam ido a um teatro, exposição fotográfica ou museu; mais de 50% jamais estiveram em show de música ou em uma biblioteca sem ser a da escola; e quase 90% delas nunca participaram de projetos culturais realizados por governos ou organizações não-governamentais ou integraram centros de juventude⁸.

Essa mesma pesquisa registrada pela Fundação Abrinq também observou que:

[...] se por um lado, esses jovens são reféns da carência generalizada de serviços que lhes garantam o direito à cultura e ao lazer, eles demonstram uma vontade latente de participação e transformação. Quando perguntado se gostariam de fazer parte de espaços comunitários, de 42 a 57% dos jovens entrevistados acenaram positivamente para a possibilidade de freqüentar locais que vão de associações de amigos de bairro a grupos de defesa do

⁷ Depoimento extraído do vídeo: *Centro Cultural Vila Prudente: Arte e Cultura na Favela*.

⁸ Dados extraídos da publicação “*Juventude Presente: Lições do projeto Geração Jovem*” da coleção *Dá Pra-Resolver* – Fundação Abrinq Pelos Direitos da Criança e do Adolescente. 2004, p. 5.

meio ambiente. Além disso, 92% deles afirmaram acreditar que sua vida pessoal vai melhorar nos próximos cinco anos. Esses dados mostram que há uma dimensão da condição do jovem que está sendo ignorada: a do sonho. A mensagem desses jovens é que não basta somente alcançar o binômio estudo e trabalho. Para eles, a felicidade e a realização pessoal passam também por exercitar a criatividade, expressar seus sentimentos e idéias, ser reconhecidos por seus potenciais e esforços⁹.

Sem dúvida, o jovem é gente. Não sem razão, então, Paulo Freire, no livro *Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa*, salienta que:

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam”. (FREIRE, 2004, p.54).

Ninguém está fadado a não ser nada. O direito supremo dos homens e das mulheres pela vida é, por natureza, ontológico. Ou seja, um atributo constitutivo do ser humano. Não nascemos para ser simples objetos. Nascemos para ser sujeitos. Os obstáculos não se eternizam porque homens e mulheres, conscientes da condição de sujeitos, lutam pela dignidade; se comprometem a agir “politicamente” sobre suas realidades muitas vezes carregadas de opressão. Sonham e lutam pela transformação.

Todavia, o exercício da cidadania entre os nossos jovens ainda é apenas um conceito teórico que não sai do papel. É recente para a nossa história a participação dos jovens nas ações políticas. Pensar o jovem hoje participando e atuando no meio onde vivem, necessariamente, nos leva a reconhecer que lhes é negado o direito de se sentirem os protagonistas suas vidas e suas histórias.

Maria Cecília de Souza Minayo adverte:

⁹ Dados extraídos da publicação “*Juventude Presente: Lições do projeto Geração Jovem*” da coleção *Dá Pra-Resolver* – Fundação Abrinq Pelos Direitos da Criança e do Adolescente. 2004, p. 5.

Cabe dizer que pensar o jovem, nos dias de hoje, implica tornar relevantes seus espaços, suas idéias e práticas. Implica sobretudo considerá-los como atores com os quais é possível e necessário estabelecer uma relação dialógica, construindo espaços que permitam e favoreçam a formulação de soluções aos seus problemas – que, em última instância, são também os nossos problemas, são questões de toda a sociedade. [...] Cabe lembrar que pensar o espaço dos jovens nos dias de hoje é tornar relevante o seu lugar social, suas idéias e seu potencial criativo. Implica, sobretudo, considerá-los atores com quem é possível e necessário estabelecer uma relação dialógica, sabendo que podem contribuir para a formulação de soluções para os seus problemas e os problemas da sociedade (MINAYO, 1999, p. 7).

Minayo, discorrendo sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, ainda salienta:

A construção coletiva e a promulgação do ECA, o trabalho de mobilização e a pressão exercida pelos movimentos sociais e demais instituições da Sociedade Civil vieram coroar uma nova concepção de direitos. Todo o movimento social da década de 80, voltado para a democratização da sociedade após longos anos de ditadura, pode-se dizer que teve sua culminância no reconhecimento da criança e do adolescente como sujeitos de direitos plenos (MINAYO, 1999, p.16).

Todavia aos jovens damos poucas oportunidades para que cresçam dentro de um exercício pleno de cidadania e no sentido de fazê-los crer que eles são protagonistas da história e não simples figurantes no cenário social. Se Paulo Freire aponta o futuro como uma invenção da gente, muito mais cedo esse futuro tem de ser construído pelos nossos jovens que tão pouco lhes é dado de atenção e de oportunidades.

Minayo também acrescenta:

O país possui uma das piores distribuições de renda do mundo, tendo como consequência profundas desigualdades socioeconômicas, das quais as crianças, adolescentes e jovens são as maiores vítimas. Apresenta graves

problemas educacionais, grandes desigualdades nas formas de adoecimento e morte, além de sérios entraves nas questões de moradia, oportunidades de trabalho e de lazer. Assim, esses jovens vivenciam e representam o ser jovem de formas marcadamente distintas, influenciados por diferentes inserções sociais que conduzem a oportunidades diferenciadas e seletivas de acesso a bens materiais e culturais. (MINAYO, 1999, p.17).

Apesar desse triste e real panorama, muita coisa significativa pode – e deve – ser feita para melhorar em favor das pessoas. Assim é que logo percebi a possibilidade de a arte contribuir como ferramenta de transformação social, assim que me envolvi com as crianças e adolescentes a partir do ano em que ingressei no CCVP, ano de 1997. No texto que escrevi para a exposição fotográfica *Um olhar sobre o Projeto* em 1998 comentei:

Nas vidas dessas crianças não é só violência que está presente. Existe outra violência comum na vida do ser humano: a do romper o sentimento de morte para vir à tona a vida com ação transformadora. É quando as crianças interpretam, pintam na parede do barraco o jardim imaginário da favela e dançam quando escutam as batidas de suas tradições, construindo assim uma performance de resistência, para nestes tempos de desvínculo e desesperança contruírem um outro olhar, um outro registro na História que, guardado na memória do espírito, construam um novo olhar sobre suas vidas¹⁰

E os jovens também, quando lhes são dadas oportunidades de inclusão, de atuação e inserção no mundo do qual a sua realidade está inserida, nos provocam e nos desafiam. Para isso é preciso de autonomia pela qual o jovem tem direito de passar e construir, como afirma Pigozzi ao falar sobre o processo da construção da autonomia:

O jovem vive no tempo presente, de forma diversa de como o fez durante a infância. Agora ele pode nomear o presente, pois já tem uma história passada e uma projeção futura. Aproveitar o dia, por isso mesmo, significa muito mais do que viver o dia de hoje, mas antes é fazer o dia de hoje. Seus sonhos

¹⁰ Extraído do fôlder: “Centro Cultural Vila Prudente – Exposição: Um olhar sobre o Projeto”, 1998.

e esperanças necessitam de auxílio para se transformar em projetos. A família, e a escola ou a própria sociedade devem se organizar no sentido de dar forma a esses sonhos, oferecer condições para que as esperanças ganhem corpo e os jovens nunca deixem de acreditar em um mundo melhor (PIGOZZI, 2002, p. 71).



Foto 4 - Jovem observa painéis pintados pelas crianças do CCVP em parede externa na favela, 1998.

2.1 Relevância da Pesquisa

Ao propor estudar aqui o Projeto Campus das Artes: a favela como espaço antropológico da arte, me vi buscando também compreender os resultados obtidos com trabalhos desenvolvidos ao longo de um ano com jovens da favela de Vila Prudente. Com efeito, levar os jovens a buscar um outro olhar na favela iria revelar-lhes uma identidade pela qual, conseqüentemente, o ambiente da favela já não mais seria vista com um olhar de condenação. Ao aceitar o aspecto positivo de tal realidade, os jovens passariam a querer revelá-la como um local que pode ser melhorado a partir de sua inserção crítica nela. Assumir tal identidade seria, talvez, um conhecimento aprimorado do olhar consciente sobre a realidade, levando-o a assumir sua história e procurando modificá-la. Vale ressaltar aqui que em Paulo Freire a inserção crítica consiste na intervenção de homens e mulheres no mundo para transformá-lo, portanto é conscientizadora. Percebe-se, pois, que tal realidade seria percebida, de uma maneira multidimensional em função das inúmeras facetas que uma favela e seus moradores apresentam. Nessa realidade, homens e mulheres, jovens ou não, estão o tempo todo construindo suas experiências de vida. Assim, a primeira relevância desta pesquisa constituiu em demonstrar como tudo ocorre. Na dinâmica nesse tipo de assentamento humano, fato esse compreendido por Jurjo Torres Santomé quando comenta:

A compreensão de qualquer acontecimento humano sempre está entrecruzada por diversas dimensões, é multifacética. Homens e mulheres são compostos de dimensões bioquímicas, mas também, e de maneira muito relevante, de história, de tradições. As experiências individuais nos âmbitos familiares e em todas as demais instituições das quais participamos normalmente deixam suas marcas. A cultura, mentalidade e expectativas de qualquer pessoa são fruto de uma história vivida no seio de uma ou várias famílias, resultado de sua participação ativa dentro de grupos sociais, étnicos, de gênero, de condicionamentos geográficos, históricos, biológicos, etc. Se admitirmos uma diversidade experiencial na vida dos seres humanos, isto quer dizer que, para compreender qualquer fenômeno social, é imprescindível levar em consideração informações relativas a todas essas dimensões, com capacidade para modelar pessoas e classes

sociais. Assim, é lógico afirmar que a realidade é multidimensional (SANTOMÉ, 1998, p. 45).

Um outro dado relevante neste estudo é a sua práxis interdisciplinar que acompanha o desenvolvimento do projeto. Com efeito, educação, cultura e arte não só estiveram entrelaçadas em uma mesma realidade, como também comprovaram sua eficiência dentro de tal abordagem. Valeu, pois, como uma grande aposta para este início de século XXI, como, aliás, defende Santomé:

Também é preciso frisar que apostar na interdisciplinaridade significa defender um novo tipo de pessoa, mais aberta, flexível, solidária, democrática e crítica. O mundo atual precisa de pessoas com uma formação cada vez mais polivalente para enfrentar uma sociedade na qual a palavra mudança é um dos vocábulos mais freqüentes e onde o futuro tem um grau de imprevisibilidade como nunca em outra época da história da humanidade (SANTOMÉ, 1998, p. 45).

Cumprе salientar, de igual modo que se tratou de um projeto desenvolvido na área do Terceiro Setor e no âmbito da educação não-formal. Por conseguinte, é um tipo de projeto que contribuirá como estudo sistematizado de uma experiência ocorrida ao longo de um ano e que contou com resultados relevantes para a avaliação de programas e políticas públicas voltadas para o jovem e adolescente dentro do universo das Organizações Não – Governamentais - ONGs¹¹. Assim sendo, ficou demonstrado que, quando são oferecidas aos jovens oportunidades de protagonizar sua vida e sua história, eles demonstram que são capazes de colaborar e mudar a realidade de exclusão em que vivem cotidianamente.

Outros aspectos considerados no presente estudo se prestam ainda para consignar a relevância da nossa contribuição mediante a realização do projeto:

¹¹ Organização Não-Governamental – São entidades de direito civil sem fins lucrativos que têm finalidades sociais e que promovem a cidadania. Atuam nas áreas do meio ambiente, cultura, educação, direitos humanos, economia solidária, etc.

- projetos sociais voltados para os jovens, podem servir-se da educação, da arte e da cultura e colaborar de forma interdisciplinar para produzir o conhecimento e ser instrumento da transformação social em áreas tidas como de exclusão;

- o envolvimento da abordagem da estética e da ética como ferramentas inseparáveis da transformação social, levando em consideração os resultados obtidos junto à comunidade e na vida dos jovens aqui apontados como sujeitos da pesquisa;

- o apoio dado ao uso das imagens (fotografia e vídeo) para a análise de resultados alcançados junto aos jovens que participaram do projeto. A imagem aqui é utilizada não apenas com fins de ilustração, mas como forma de texto e registro da memória. Para Bairon e Petry:

A imagem libera-se da racionalidade linear justamente quando ela nos abre um mundo estético e nos oferece uma experiência. Abrindo um mundo, a imagem transforma-se em roteiro, causando uma fissura na linearidade da expressão midiática. A imagem deixa de ser ilustração e se transforma em palco, assumindo a reticularidade da sua expressão como sua principal expressividade (BAIRON, PETRY, 2000, p.111).

- o aprofundamento e o olhar crítico do projeto Campus das Artes a partir da compreensão de educação em Paulo Freire na implementação de um projeto em arte-educação voltado para os jovens vivendo em uma favela de São Paulo;

Com efeito, a experiência do Centro Cultural Vila Prudente com a arte-educação se identifica com os princípios da prática pedagógica libertadora desenvolvida por Freire; prática que ocorre no aprender a partir da própria história e da realidade local através da inserção cultural e antropológica. Teoria, aliás defendida por inúmeros educadores e líderes de movimentos sociais no Brasil e no mundo, que seguem os princípios do exercício pedagógico freireano.

Por último, mas não menos relevante, nosso intuito é colaborar com esta pesquisa na disseminação e na sistematização de uma experiência ocorrida na área do Terceiro Setor. A

idéia é contribuir com futuros estudos que podem ser desdobrados em duas vertentes: o primeiro, será a função da arte-educação e seu papel como ferramenta de transformação social frente a desafios que contam com o protagonismo da juventude vivendo em áreas de risco; o segundo é considerar a importância da educação não-formal e seu lugar estratégico na incógnita do século XXI.

2.2 Hipóteses

Foi aqui considerada a importância de ações sociais voltadas para fomentar dentro das ONGs a construção de uma realidade em que o jovem se reconheça como protagonista da história e não como um simples figurante. A partir daí, nasceu o pressuposto de que, ao oferecer oportunidades para o desenvolvimento de atividades artísticas aos jovens que se encontrem em ambiente social de exclusão, enfatizando os aspectos estéticos e éticos, contribui-se, em muito, para a descoberta e o desenvolvimento de diferentes valores como, por exemplo, a amizade, o respeito ao outro, o amor à vida e ao local onde vivem. São oportunidades que se constroem e que incluem o exercício da cidadania e da democracia, não só no seu espaço de moradia, como também na sociedade em geral.

Outra hipótese surgida refere-se ao trabalho com jovens junto ao Centro Cultural Vila Prudente, mediante a experiência com o Projeto Campus das Artes: a favela como espaço antropológico da arte em 2002, ou seja, a oportunidade oferecida de uma inserção efetiva na comunidade, está se contribuindo não só para o seu desenvolvimento político e humanístico, como também está se sensibilizando-os para com temáticas ignoradas no seu convívio junto à comunidade da qual fazem parte. Essas “temáticas ignoradas” incluem os valores com a própria vida em todas as suas competências ou dimensões – quer existenciais, quer sociais.

Quando oferecemos aos jovens condições para desenvolver tais competências, tornamo-los agentes de mudanças, comprovando postura defendida por Freire:

Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros (FREIRE, 2004, p. 41).

Neste sentido, o processo de pesquisa valeu-se do pressuposto de que a estética e a ética não são seres etéreos e não se encontram em estado puro; elas fazem parte da experiência humana, mas não são mero objeto descartável; fazem parte de experiências de homens e mulheres tidos como criadores e sujeitos de ações coletivas em vistas de uma

transformação também coletiva.

2.3 Objetivos

Objetivo geral

Investigar como a arte contribuiu no processo de desenvolvimento dos jovens sujeitos da pesquisa, frequentadores do Centro Cultural Vila Prudente e que participaram do Projeto Campus das Artes, com ênfase nas transformações ocorridas nas suas vidas.

Objetivos específicos

Analisar o Projeto Campus das Artes: a favela como espaço antropológico da arte, tendo como base a teoria do conhecimento de Paulo Freire.

Avaliar o grau de inserção e de conscientização dos jovens sujeitos desta pesquisa em relação à comunidade de Vila Prudente e ao Centro Cultural Vila Prudente.

3. METODOLOGIA

O estudo aqui apresentado realizou, primeiramente, um levantamento bibliográfico que tratava os temas relevantes desta pesquisa quais sejam: a inserção cultural e conscientizadora do jovem na comunidade por meio das artes plásticas e o papel das artes para o desenvolvimento da pessoa. Ao mesmo tempo, houve um aprofundamento da teoria epistemológica freireana como instrumento da conscientização e transformação social.

3.1 Metodologia Aplicada

A metodologia aplicada será em torno de uma abordagem antropológica de acordo com que descreveram Lavelle e Dionne, ou seja:

Estratégia de pesquisa com dados existentes através da qual um pesquisador participa da vida de um grupo para observá-lo de seu interior. A técnica de coleta da informação privilegiada por essa abordagem é a observação participante. (LAVILLE e DIONNE, 1999, p. 331).

Vale mencionar que a pesquisa participante foi utilizada pela primeira vez por Paulo Freire, sendo ele seu criador embora não reconhecido. Como tal, Ana Maria Araújo Freire, pesquisadora e continuadora da obra de Paulo Freire é quem informa:

Acho oportuno assinalar, porque é importante dizê-lo, que o “Método Paulo Freire” inaugurou com o processo interativo de busca da palavra pronunciada pelos que desejavam se alfabetizar, a pesquisa participante, embora esse “feito” nem seja reconhecido e nem atribuído ao seu criador, Paulo Freire (FREIRE, 2006, p. 343).

Nos passos de Paulo Freire e em outras palavras, a metodologia valer-se-á dos contatos feitos com os jovens aqui apontados como sujeitos da pesquisa ao longo do desenvolvimento do Campus das Artes. Foi quando me coloquei no cotidiano do grupo, compartilhando das suas vivências em relação a conteúdos, tendo como significativa resposta

a atuação de todos os jovens que se revelaram prontamente participantes e participativos.

3.2 População-Alvo

Consistiu em seis jovens que freqüentaram o projeto aqui mencionado entre abril de 2002 a abril de 2003.

3.3 Levantamento dos Dados

O método para coletar dados se serviu da análise de documentos e de materiais (textos, livros, revistas e vídeos documentários) desenvolvidos ao longo do projeto. Outra estratégia utilizada foi a História de Vida, uma vez que o Projeto Campus das Artes: a favela como espaço antropológico da arte utilizou muito de relatos registrados em dois documentários: *Histórias da Vida Real* e *Centro Cultural Vila Prudente: Arte e Cultura na favela*.

A esse respeito, Laville e Dionne comentam:

Os documentos redigidos a partir das histórias de vida são, muitas vezes, extremamente vivos: neles descobrem-se pontos de vista originais sobre experiências pessoais, até mesmo íntimas em detalhes, nas quais se delineiam, de modo implícito às vezes, acontecimentos, se não históricos, pelo menos públicos, uma organização social e cultural que vive e evolui quando não é subitamente modificada. Obtêm-se assim belas ocasiões de compreender como as pessoas representam esses fenômenos e acontecimentos históricos, sociais ou culturais, como passam por eles, vividos na indiferença ou em uma participação mais ativa. É uma maneira de recolocar o indivíduo no social e na história: inscrita entre a análise psicológica individual e a dos sistemas socioculturais, a história de vida permite captar de que modo indivíduos fazem a história e modelam sua sociedade, sendo também modelados por ela (LAVILLE e DIONNE, 1999, p. 159).

Esse mesmo método para coletar dados se valeu de igual modo, de um questionário normatizado e de uma entrevista não-diretiva, estruturados de acordo com os padrões da Pesquisa Qualitativa. Chizzotti explica:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI, 2005, p. 79).

Por sua vez, a entrevista não-diretiva, ainda de acordo com esse autor, parte do princípio de que:

O informante é competente para exprimir-se com clareza sobre questões da sua experiência e comunicar representações e análises suas, prestar informações fidedignas, manifestar em seus atos o significado que têm no contexto em que eles se realizam, revelando tanto a singularidade quanto a historicidade dos atos, concepções e idéias (CHIZZOTTI, 2005, p. 93).

A escolha do uso da entrevista não-diretiva levou em consideração suas vantagens e limites uma vez que apresenta uma profusão de informações, interferências emocionais, além de o entrevistado colocar-se como o sujeito de todas as situações narradas por ele.

O método da entrevista vem se mostrando um bom instrumento para auxiliar a coleta de dados para a pesquisa pretendida, uma vez que o diálogo com os participantes poderá trazer contribuições importantes para o estudo pretendido.

A esse respeito, Pádua comenta:

A entrevista como um dos procedimentos mais usados em pesquisa de campo, tem suas vantagens como meio de coleta de dados: possibilita que os dados sejam analisados quantitativa e qualitativamente, pode ser utilizada com qualquer segmento da população (inclusive analfabeta) e se constitui como técnica muito eficiente para obtenção de dados

referentes ao comportamento humano (PÁDUA, 2004, p. 70).

3.4 Coleta de Dados

Um roteiro elaborado permitiu realizar as entrevistas e obter os dados almejados. O roteiro foi constituído de várias questões, de modo a permitir a condução das entrevistas em função das respostas pretendidas.

As entrevistas foram previamente agendadas, ocasião em que se aplicou a cada participante o questionário preparado anteriormente (Apêndice p. 169).

Cabe salientar que foi solicitado a devida autorização de cada um entrevistado, cumprindo, assim, o que determina a Comissão de Ética da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

3.5 Análise dos Dados

Os dados obtidos com as respostas das entrevistas serão tabulados e analisados conforme propõe Bardin no seu método de análise de conteúdo. Para Chizzotti (2005, p. 98), o objetivo da análise de conteúdo é “compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”.

Uma vez colhidos os dados, chega-se ao processo final de sistematização, quando deverão ser classificados em categorias. Conforme explicita Bardin (1977, p. 103), categorizar “é o processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes ao conteúdo”.

Laville e Dionne explicam:

Uma primeira organização dessa documentação mostra-se logo necessária, com frequência realizada à medida dos progressos da

coleta: as entrevistas são transcritas, o material é descrito em uma lista cronológica dos documentos, acompanhado de notas sobre a natureza e a fonte de cada um e, eventualmente, um breve apanhado de seu conteúdo. A finalidade é facilitar seu uso, permitir ao pesquisador encontrar-se rapidamente no momento da análise e da interpretação em função de suas questões e hipóteses. Questões e hipóteses que, aliás, guiaram a escolha dos documentos e orientam também esta primeira organização do material (DIONNE e LAVILLE, 1999, p.214).

Em seguida, chega-se à fase necessária para organizar melhor o material bruto da pesquisa. Dionne e Laville consideram que essa fase compreende:

Um estudo minucioso de seu conteúdo, das palavras e frases que o compõem procurar-lhes o sentido, captar-lhes as intenções, comparar, avaliar, descartar o acessório, reconhecer o essencial e selecioná-lo em torno das idéias principais... É esse o princípio da análise de conteúdo: consiste em desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação (DIONNE e LAVILLE, 1999, p.214).

4. O CENÁRIO DA PESQUISA

4.1 O que é o Movimento de Defesa do Favelado – MDF

O sociólogo Octavio Ianni (2004, p. 50), ao descrever alguns aspectos da religião católica do povo brasileiro e da sua contribuição na construção da nossa identidade, fala da presença de um catolicismo solidário com as elites dominantes, que detêm o poder de deliberar sobre os destinos do povo. Todavia, ele salienta “que alguns setores do clero sempre estiveram e continuam solidários com setores sociais subalternos, na cidade e no campo”.

E é bem nesse contexto de uma Igreja tida como progressista e solidária com os excluídos/as, assentada nas Comunidades Eclesiais de Base - CEB¹² e na Teologia da Libertação¹³ que nos anos 70 nasceu o Movimento de Defesa do Favelado – o MDF.

A causa do MDF é a luta e a defesa do povo favelado, considerando-se que a discriminação desse povo é muito grande. Uma idéia preconceituosa rotula-o como sendo marginais e que a solução para o problema é simplesmente extirpar ou remover as favelas.

Tal idéia é alimentada pelo sistema imobiliário e pelo setor da construção civil para recuperar terrenos urbanizados com o intuito de investir na construção de grandes empreendimentos imobiliários, propiciando ao espaço urbano significativas ilhas de condomínios fechados.

Para os movimentos sociais ligados às questões do direito ao uso da terra, a favela é uma expressão física, social e cultural das contribuições urbanas. E a solução está na urbanização desses assentamentos humanos com direito à posse do terreno.

¹² Comunidade Eclesial de Base – pode ser assim entendida: é um grupo de pessoas que, tendo a mesma fé religiosa, esforçam-se e se ajudam para viver o Evangelho, realizando na prática a união visível entre si e com os demais cristãos, a ação missionária, o aprofundamento do cristianismo, a expressão cultural, juntamente com o compromisso de transformar a realidade social (Pe. José Marins. *A comunidade Eclesial de Base*. São Paulo, s.d. (p. 76).

¹³ Teologia da Libertação: Movimento teológico católico, desenvolvido na América Latina durante a década de 1960. Constitui uma reação à extrema pobreza e à injustiça social encontradas em grande parte do Terceiro Mundo.

Na história mais recente do Brasil, com a visão neoliberal dos últimos governos e mesmo no governo atual, nota-se uma negligência numa política habitacional de interesse social. Com isso, o fenômeno da favelização iniciado nos anos de 1940, só tende a crescer em detrimento da falta de políticas de distribuição justa e igualitária do uso da terra.

Segundo dados obtidos junto ao MDF, nos anos 90 estimava-se um milhão de favelados dentro do município de São Paulo. Já em 2002, esse número aumenta para 1.170 mil pessoas. Em 1991 o município de São Paulo já tinha 585 favelas. Em 1993 sobiu para 612 e, em 2002, o número atingiu 2.018 favelas.

O Movimento de Defesa do Favelado nasceu na década de 80, quando um grupo de favelados da Zona Leste da capital lutava por melhorias dentro das favelas. Contava com o apoio articulador da Igreja Católica, especialmente nas pessoas do já citado missionário irlandês padre Patrick Clarke; de Ana Boran, freira franciscana irlandesa e de D. Luciano Mendes de Almeida, então bispo auxiliar.

Passou a existir legalmente como pessoa jurídica em 1985 e, de acordo com o seu estatuto, empenhado na “luta por direitos, contra a marginalização socioeconômica e cultural dos moradores de favelas”. Sua missão era “resgatar, defender e promover a cidadania dos favelados, na sua dimensão política, artística, pedagógica e religiosa, mediante o tripé: presença, resistência e solidariedade”.

De acordo com o seu estatuto, os objetivos do MDF são os seguintes:

Ser presença no meio das favelas, a fim de testemunhar o valor imprescindível de todo ser humano, independente de sua condição social; acompanhar e ser ponto de referência para discussões, reflexões e ações de interesse da comunidade. Acompanhar os projetos concretos que surgem no decorrer do tempo, voltados às aspirações da comunidade; ajudar a encontrar recursos humanos, técnicos e financeiros para o desenvolvimento dos projetos e atuar junto às autoridades constituídas em prol dos direitos dos favelados e na defesa de seus interesses legítimos.

Nota-se que a preocupação geral do MDF é atuar junto às “bases” populares, com propósitos democráticos e participativos.



Foto 5 - O MDF durante ato público em defesa do direito à moradia nos anos 80.
Foto: Acervo MDF.

Paulo Freire teve uma longa militância nos movimentos sociais promovidos pela Igreja Católica. Iniciou na antiga Juventude Operária Católica (JOC), ainda quando vivia em Recife. Também viu crescer seu método de alfabetização e conscientização dentro desses mesmos movimentos sociais. Numa entrevista para o Movimento de Defesa do Favelado declarou a importância da luta das organizações populares no processo de libertar homens e mulheres da escravidão das injustiças sociais e da pobreza. . A construção dos princípios da luta do MDF em prol da causa dos favelados muito se deve ao contato com a obra de Freire a favor dos excluídos:

Eu acho que o papel dos movimentos sociais é um papel importantíssimo de natureza política, de natureza ética e de natureza estética. Eu não afasto a boniteza de nada. Eu acho que os movimentos teriam de encarnar nos movimentos populares a boniteza da libertação. É brigando que entenderam

sua briga como um grande poema; como sonetos; como epopéias. A briga é uma coisa bonita. E sendo bonita necessariamente é ética. [...] Eu acho que só quem não briga é que não tem futuro e quem não tem futuro não tem presente. Porque o futuro afinal de contas não é uma província que fica distanciada de mim, muito além de mim a espera que eu chegue lá. Pelo contrário, eu sou fazedor do futuro. Somos nós, enquanto gente, enquanto povo, enquanto classe social e também enquanto indivíduos, transformando o presente com a experiência que o passado nos deu, criar o futuro. O futuro é uma invenção da gente¹⁴

Freire teve um papel fundamental no surgimento do MDF. A consistência da sua obra e luta em favor dos menos favorecidos/as inspirou o Movimento a confirmar a formação de um grupo de homens e mulheres lutando pelo direito da moradia, sem esquecer a sua atuação e formação política. O MDF ainda mantém em algumas favelas o Movimento de Alfabetização (MOVA), criado por esse grande educador e implantado desde o início das suas atividades junto aos favelados da Zona Leste da cidade de São Paulo.

Gabriel de Santis Feltran descreve com precisão o início da participação de Paulo Freire no Movimento de Defesa do Favelado:

As pastorais e as comunidades eclesiais de base (CEBs) organizaram as populações faveladas de São Paulo, especialmente a partir da segunda metade da década de 1970, para lutar por uma vida melhor, como se sabe. No caso de Patrick e dos que o cercaram no início do trabalho, próximos a esses setores da Igreja, evangelizar significava também mobilizar a população, com um compromisso político claro, além do religioso. [...] Da busca de Patrick, exatamente porque ela se encontra com a busca de tantos outros no período, vai nascer o MDF. [...] é desde sempre muito marcante no histórico do MDF a participação de Paulo Freire, bem como a presença do movimento de alfabetização de jovens e adultos inspirado na sua presença intelectual e militante. A ligação entre o método de alfabetização empreendido por Paulo Freire e seus seguidores influenciava e se nutria,

¹⁴ Depoimento extraído do vídeo *Teto e Chão: a história do movimento de defesa do favelado*.

mutuamente, do método de organização popular dos movimentos do período (FELTRAN, 2005, p. 228).

Para Feltran, o trabalho de alfabetização de Freire estava presente na luta diária dos favelados da Vila Prudente envolvidos pelo trabalho de conscientização do MDF:

O método de atuação se baseava em investigar, nos discursos proferidos pelos favelados, suas preocupações centrais, expressas, vejamos, pelas palavras que se repetiam em suas falas. As palavras que proferiam os favelados revelavam o mundo, o cosmos que eles habitavam, por serem elas reveladoras das percepções que faziam sobre o mundo e sobre si mesmos. Observá-las fazia visitar a cabeça do favelado para organizar intervenção que partisse disso. Compreendê-las e compreender como os outros as compreendiam, portanto, significava também realizar um mundo comum (FELTRAN, 2005, p. 229).

Patrick Clarke, no vídeo *Paulo Freire conversa com Patrick*, comenta a importância da participação de Paulo Freire no surgimento do Movimento de Defesa do Favelado:

Paulo Freire foi fundamental para o MDF no sentido de mostrar uma coerência com a proposta de transformação que nós temos com o pessoal da favela, com uma prática miúda de estar com o pé no chão, de estar nas bases, de estar de cá para chegar lá, de estar discutindo o óbvio, sem ter medo que seja alienação. [...] Neste processo ele teve um papel de intelectual, de parceiro, de parteiro, companheiro e amigo, fazendo-nos acreditar que você, mesmo sendo humilde e pequeno, pode e deve sonhar com a transformação deste mundo.

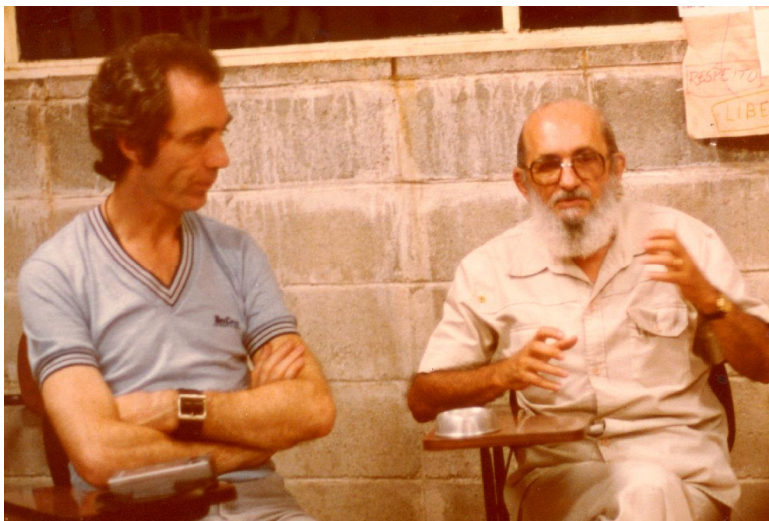


Foto 6 - Paulo Freire dialogando com Patrick Clarke no final dos anos 70.
Foto: Arquivo Patrick Clarke.

Clarke reconhecia ainda que os encontros e rezas em torno da vida, da luta e dos sonhos do povo das favelas de São Paulo serviram de base para alimentar o surgimento do MDF:

Eu vim para o Brasil realmente sem saber o que ia fazer por aqui. Eu vim como missionário. O que é isso? Missionário é um missionado para quê? Trazer mais uma carga de preconceitos e opressões e projetos já feitos por lá para botar em cima do povo daqui? Não. É muito fácil ver que o povo se juntou pela reza; juntou nas reuniões, juntou na reza dos terços. Ah, você é de lá, você é de Campos Sales no Ceará, não sabia.[...] Ah, lembro da sua família... O povo foi se conhecendo nessa troca de miúdos; troca de coisas muito simples... Aquele que vem tomar café; que vem rezar juntos. Então surgiu creche, surgiu esgoto, surgiu grupo de jovens. Surgiu depois Casa de Cultura, surgiu consciência política, surgiram perguntas sobre porque estamos aqui; porque tínhamos de sair de lá onde tínhamos terra, mas não tínhamos casa nem emprego. Só miséria. Acho que o MDF nasceu daí. Brotou do chão, seco, pobre, desgraçado, miúdo. Mas acho que virou centro do mundo. Hoje é o centro do mundo. Acho que utopia é isso. Utopia faz da periferia o centro. E você se sente gente ali.¹⁵

¹⁵ Depoimento extraído do vídeo *Teto e Chão: a história do movimento de defesa do favelado*

Diante de toda essa sucinta apresentação da dinâmica inicial do MDF, fica fácil entender que desde o início das suas lutas, o MDF vem assessorando mais de trinta favelas, já tendo chegado a estar em mais de quarenta delas, na Zona Leste de São Paulo.

Então, o pesquisador Gabriel de Santis Feltran confessa:

O MDF tem mais de 20 anos de lutas e, ao mesmo tempo em que sempre buscou articular atuação bastante presente do interior de mais de 30 favelas da Zona Leste de São Paulo, acessou por vezes um projeto político amplo de transformação social. Evidentemente isso foi conseguido não apenas pelas suas forças internas, mas graças a múltiplas formas de interagir com diversas outras iniciativas populares, instituições, movimentos e indivíduos (FELTRAN, 2005, p. 209).

O MDF, desde o seu nascimento em prol da conscientização política dos favelados, optou por atuar não só nas esferas internas da luta, mas no campo externo onde a política elabora suas leis. Feltran também reforça tal momento da luta do Movimento:

[...] orientado para negar o isolamento e a comunitarização da atuação política movimentista; a atuação dos favelados, desde a concepção que rege a criação do MDF, deveria ativamente acessar esferas externas às favelas, e mais do que isso, uma dimensão pública da sociedade, na defesa da universalização de seus direitos (FELTRAN, 2005, p. 210).

Internamente, então, destaca-se a prática da solidariedade. A solidariedade é uma atitude notável e sempre esteve muito presente na vida dos favelados. Desde a fundação do MDF, o mutirão tornou-se uma identidade marcante do movimento. No vídeo *Teto e Chão*, Patrick Clarke conversa com alguns moradores e lideranças comunitárias de uma favela assistida pelo MDF nos anos 80. A conversa gira em torno da atuação deles junto à comunidade à respeito de uma obra (canalização de esgoto), reconhecendo o valor do trabalho feito em mutirão:

Então, vocês vejam como vocês cresceram a partir da tragédia para se unir, não é? Ficar unido e resistir à manipulação e hoje vocês estão numa posição

forte para conseguir aquilo que é uma solução melhor. Então acho que é a lição que está aí para todos nós¹⁶.

Na verdade, o mutirão foi uma grande conquista política do Movimento de Defesa do Favelado nos anos 80. Muitas favelas da Zona Leste, em regime de mutirão, conseguiram levantar no lugar de barracos suas casas. O depoimento de uma militante exalta tal conquista:

Acho que foi a maior felicidade; o maior sonho da minha vida [...] Aquela emoção, com aquela alegria, com aquele gosto e prazer; saber que um dia eu ia entrar dentro de uma casa e não continuar dentro de um barraco¹⁷.

Ainda nos anos 80, os favelados de São Paulo se colocaram na posição de luta pela Concessão do Direito Real de Uso da Terra. Tratava-se de um projeto de lei que transitara na Câmara dos Vereadores de São Paulo por quase 18 anos para em seguida, ter a sua reprovação por um voto contra. As lideranças e os integrantes dos movimentos de moradia sentiram-se traídos. Um depoimento de uma líder no vídeo *Teto e Chão* confirma que o povo entendeu o fato não só como mais uma reprovação de um direito, mas como mais uma traição em suas lutas:

A gente teve toda uma luta por quase 18 anos. E esse projeto, quando a gente conseguiu finalmente colocar ele na Câmara, ele não é votado. Acho até que eles têm um trunfo por trás disso, político. Que é ter a grande massa para eles bater; dar tapinhas nas costas na época de eleições e conseguir os votos.

Esse testemunho vem confirmar que o trabalho de base do MDF é, essencialmente, de conscientização política. O depoimento aqui apresentado é de uma mulher que, de mera favelada, tornou-se uma pessoa conscientizada e politizada, entendendo o jogo e o mecanismo oficial da máquina política. Entendeu também que, na negação do seu direito e no dos outros favelados, os homens públicos fortaleciam sua presença no poder, garantindo assim uma longa permanência no quadro político.

¹⁶ Depoimento extraído do vídeo *Teto e Chão: a história do movimento de defesa do favelado*

¹⁷ Idem.

Feltran comenta:

O MDF nada mais é do que a interação entre esforços ativos de um pequeno grupo militante, que tinha os pés colocados em campo comum a centenas de outros pequenos grupos militantes. Nos depoimentos, o movimento surge e se consolida, o que é notável, depois da vivência coletiva da luta. O MDF, na visão dos entrevistados, não é causa, mas é um resultado das lutas (FELTRAN, 2005, p. 232).

Hoje, o MDF caminha para quase trinta anos de luta junto aos favelados da Zona Leste da capital. Os desafios são grandes para conseguir manter a mesma dinâmica dos tempos do seu surgimento na década de 70, por ocasião da efervescência dos movimentos sociais em todo o Brasil. Hoje, no meio dos favelados reina ainda o espírito de luta, mas também não se pode negar a experiência dos momentos de desesperança. Os motivos são vários, cumprindo destacar o crescimento da falta de expectativas, a violência e as drogas.

A análise de Feltran não deixa dúvidas:

O narcotráfico, hoje, cerceia inclusive a ação dos movimentos sociais nas favelas. Às vezes não é nem mesmo possível entrar nas favelas para distribuir convites para assembléias do Movimento. A paisagem se faz, portanto, com desemprego, violência, falta de esperança e medo, que sem dúvida auxiliam a entender a queda de participação e descrédito da população com relação a saídas antes bem trabalhadas pelos movimentos (FELTRAN, 2005, p. 262).



Foto 7 - Lideranças do MDF reunidos na Praça da Sé em São Paulo.
Foto: Acervo MDF.

Essa realidade, porém, não impõe uma estagnação. Tanto é assim que, na busca de parcerias para a concretização de seus projetos, o MDF tem contado com o apoio de agências e fundações estrangeiras como a *Catholic Agency for Overseas Development – CAFOD* - da Inglaterra; a *Irish Catholic Agency for World Development – TROCAIRE* - da Irlanda e da *Catholic Agency for Overseas Aid and Development - CARITAS AUSTRALIA* – da Austrália. No Brasil tem contado com convênios junto a Prefeitura de São Paulo, Fundação Abrinq e a Pastoral da Saúde, da Arquidiocese de São Paulo.

Além desses parceiros, de modo específico, o Movimento de Defesa do Favelado conta com o compromisso solidário da Igreja - Região Episcopal Belém de São Paulo - com a causa dos excluídos e excluídas.

Sem a perspectiva de esmorecimento, temos os dizeres de Leonardo Boff - um dos teóricos da Teologia da Libertação - no seu livro *A Voz do Arco-Íris* quando fala sobre a gestação de um povo novo a partir dos movimentos sociais, destaca a formação e contribuição desses movimentos para os dias de hoje, bem como a importância da organização popular:

O processo fez-se nesta linha: do seio da massa, sob a atuação de líderes carismáticos, agentes de educação popular e agentes religiosos, formaram-se comunidades, associações e movimentos populares de todo o tipo. Nesses espaços, foram surgindo atores sociais conscientes, críticos, com vontade de modificar a realidade circundante e de gestar as sementes de um outro tipo de sociedade, mais participativa, popular e democrática. A articulação dessas associações gerou o movimento popular brasileiro. Ele está fazendo da massa um povo organizado. E povo só existe quando se elabora uma consciência coletiva, se desenha um projeto nacional e se instauram as práticas para implementá-lo. Desafio histórico dos intelectuais orgânicos e da pedagogia popular é gestar, mediante a organização da massa, as associações, as comunidades, os movimentos de toda ordem (por terra, casa, saúde, escola, direitos humanos, sindicalismo militante, etc.), o povo brasileiro. Ele ainda não se constitui totalmente. Predominam as massas deserdadas e destituídas. Elas gritam e querem ser povo participante e organizado. Mas lentamente, como fruto da luta popular e de seus aliados, está nascendo finalmente, o povo brasileiro (BOFF, 2000, p. 61).

E acrescenta esse teólogo:

Esse povo, pela participação social nos movimentos e pela militância dos partidos ligados à sua causa e luta, obriga a sociedade política a escutá-lo, a negociar, e destarte a diminuir os níveis de violência estrutural (BOFF, 2000, p. 62).

Vale lembrar que Paulo Freire, na mesma trilha humanista de Boff, tinha no projeto de uma política neoliberal seu pior inimigo, pelo fato de tal projeto defender uma ética do mercado e negar a “ética universal do ser humano”. Freire nos pedia para lutar “bravamente” a favor da ética universal do ser humano.

Aos movimentos sociais, eixo estratégico transformador da sociedade, cabe somar junto ao sonho de Paulo Freire, a denúncia diária contra toda e qualquer negação da vida:

Não creio que as mulheres e os homens do mundo, independentemente até de suas opções políticas, mas sabendo-se e assumindo-se como mulheres e homens, como gente, não aprofundem o que hoje já existe como uma espécie de mal-estar que se generaliza em face da maldade neoliberal. Mal-estar que terminará por consolidar-se numa rebeldia nova em que a palavra crítica, o discurso humanista, o compromisso solidário, a denúncia veemente da negação do homem e da mulher e o anúncio de um mundo “genteficado” serão armas de incalculável alcance (FREIRE, 2004, p. 128).

4.2 O que é o Centro Cultural Vila Prudente – CCVP

A favela¹⁸ de Vila Prudente é um dos núcleos de maior atuação política do Movimento de Defesa do Favelado e onde se conquistaram maiores avanços dentro da luta do movimento. Nela está localizado o Centro Cultural Vila Prudente.

A favela está situada nas imediações da torre das linhas de transmissão de eletricidade da Eletropaulo, na travessa da avenida Capitão Pacheco Chaves, rua Dianópolis e avenida Professor Luiz Ignácio de Anhaia Melo, no bairro da Vila Prudente. Segundo dados do MDF, sua população conta com mais de 8 mil pessoas, morando aproximadamente em mais 1.300 barracos, numa área de 31.000 metros quadrados. Mais da metade da população encontra-se na faixa etária de 0 a 14 anos.¹⁹

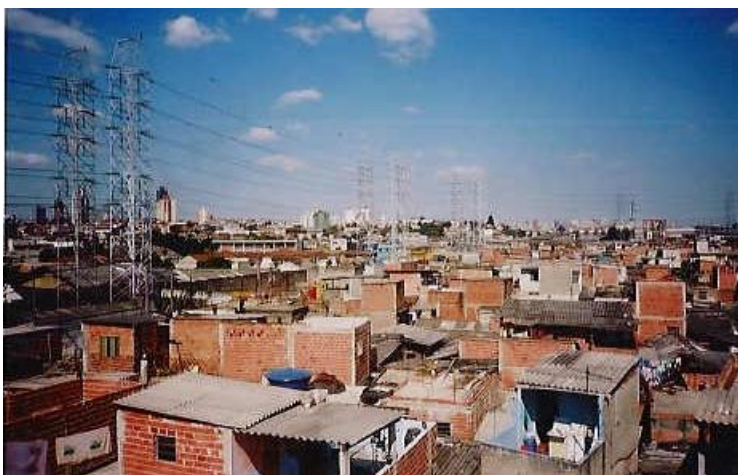


Foto 8 - Vista geral da favela de Vila Prudente, fotografada pelos jovens do Campus das Artes
Foto: Acervo CCVP

A favela de Vila Prudente conta com a presença significativa dos padres espiritanos que atuam na frente dos projetos implantados pelo MDF, representados hoje pela: Creche

¹⁸ “Favelas são assentamentos humanos, espontâneos e não convencionais, por isso carentes de arruamento e serviços de saneamento básico, nos quais as habitações são construídas geralmente pelos próprios moradores, em áreas de domínio público ou em propriedades particulares abandonadas. As favelas surgem quase sempre em terrenos de menor valor imobiliário, situados em encosta ou sujeitos a inundação. A primeira favela surgiu no Morro da Providência, no Rio de Janeiro, junto à Central, no início do século. Sua população era formada pelos (soldados) sobreviventes da Guerra de Canudos, que foram autorizados a construir barracos em terrenos sem valor de mercado, como recompensa aos serviços prestados à Pátria. Em Canudos, na Bahia, havia uma encosta chamada de Morro da Favela, que, por sua vez, é uma planta típica das caatingas. O nome Favela teve aí a sua origem. E a partir daí a palavra “favela” passou a ter um significado tão simbólico do Brasil quanto as cores verdes e amarelas”. Disponível em http://www.todafruta.com.br/todafruta/mostra_conteudo.asp?conteudo=791 Acesso em 18 jul. 2003.

¹⁹ Dados obtidos nos acervos do Movimento de Defesa do Favelado.

Júlio César de Oliveira, pelo Centro Cultural Vila Prudente e pelo Centro de Pastoral Dom Oscar Romero.

Tem ainda a atuação de um grupo de franceses que mantêm o projeto Arca de Noé, que recebe crianças na faixa etária de 3 a 6 anos.

Além desses projetos, a comunidade está, de igual modo, organizada na Associação de Amigos da Favela de Vila Prudente.

Outras denominações religiosas como, por exemplo, evangélicos e espíritas também estão presentes na favela.

Feltran, em pesquisa sobre os movimentos sociais dentro da cidade de São Paulo, destaca a favela de Vila Prudente com grandes significados políticos para o MDF:

A atuação do MDF na favela da Vila Prudente começou com a pesquisa, como chama Patrick, ou o levantamento de palavras-chaves proferidas pelos moradores, temas geradores que identificavam em geral um problema social, do mundo das necessidades. [...] Na Vila Prudente o esgoto, os ratos, a sujeira eram temas correntes, segundo Patrick. A partir dessas palavras, o movimento procurou favorecer a criação de grupos de trabalho. As campanhas de alfabetização formavam técnica e politicamente quadros para liderar a mobilização comunitária, chamar para as reuniões religiosas, acompanhar as discussões, participar das manifestações, das discussões na Prefeitura. Em algum tempo de trabalho de base, muitos moradores estavam mobilizados para tentar construir uma rede de esgoto na favela. A equipe do MDF conseguiu assessoria técnica para isso, e havia recursos do exterior para a elaboração do projeto, assinado pelo Pe. Patrick, como responsável solicitante. Com apoio de muitos moradores, foi iniciado o mutirão, para abrir a rede, etc (FELTRAN, 2005, p. 233).

Para esse autor, foi entre as articulações no interior da favela de Vila Prudente que o MDF também construiu seu projeto político:

[...] é importante ressaltar que o início da atuação do movimento esteve muito vinculado à atuação específica na favela da Vila Prudente. É no interior da favela que se consolida, para os militantes iniciais, uma concepção de mundo que se torna o projeto político que vai oferecer critérios de articulações mais ampliadas do MDF. Pelas formas com que o movimento se consolida na Vila Prudente, é possível perceber como os alicerces da aparição pública dos movimentos sociais se fundam, certamente, em trajetórias longas e compostas por aprendizados de inúmeras lutas pontuais (FELTRAN, 2005, p. 232).

O Centro Cultural Vila Prudente, o CCVP, fundado em 1990 como referido antes, originalmente nasceu como Casa da Cultura em um local destinado à instalação de um velório devido à ocorrência de vários assassinatos dentro da favela. O projeto do velório não chegou a ser viabilizado porque o número de mortes diminuiu.

Em 1998, um ano depois à frente da coordenação da Casa de Cultura, propôs a mudança do seu nome para Centro Cultural Vila Prudente, sendo aceito pelo seu fundador e diretor Pe. Patrick Clarke.

Ao tornar-se Centro Cultural Vila Prudente, ocorreu uma integração maior do Centro Cultural Vila Prudente com a favela e com outros projetos *do* MDF dentro da comunidade como a Creche Júlio César, o Salão do Povo e a Igreja São José Operário.

Essa integração já tínhamos experimentado quando, no ano anterior, o CCVP ajudou na realização de um desfile de mulheres da comunidade que haviam terminado um curso de cabeleireiro/a promovido pelo Salão do Povo. As aulas foram dadas pela profissional Helena Nakacima, voluntária do MDF na época.

A missão do CCVP atesta ocuidado com a integração da favela:

Oferecer condições de cidadania para que as crianças, adolescentes, jovens e comunidade da Vila Prudente participem do processo de integração na vida e

na sociedade por meio das artes, da cultura e educação como expressão do conhecimento e transformação ²⁰.



Foto 9 - Favela de Vila Prudente. Antiga Rua da Linha ainda com os trilhos de trem.

Foto: Acervo MDF

Passamos a considerar a favela como uma extensão maior do CCVP. Nessa fase, a providência foi levar as oficinas para os espaços públicos da favela. Então, várias oficinas de artes aconteciam nos finais de semana em frente à igreja São José Operário ou no pátio superior da Creche Júlio César. Companhias de teatro mambembe e circo se apresentavam, despertando a um só tempo, no povo alegria e espanto. Em 1998, houve a apresentação da companhia de teatro e circo Duo Macaco, da Itália, que, pela primeira vez se apresentava no Brasil.

Em 1997 elaborei um documento com um texto sobre o CCVP, então Casa da Cultura, no qual já se destacava a postura política do CCVP junto à comunidade da favela:

O Projeto da Casa da Cultura na Vila Prudente é hoje um grande desafio dentro da política neoliberal do governo, onde as culturas subalternas perdem seu espaço de expressão e ainda correm o risco de serem confinadas

²⁰ Extraído da Carta de Princípios do CCVP.

por tal modelo de gestão. É um desafio e um privilégio para aqueles que dele se aproximam e nele trabalham. Hoje, em uma sociedade neoliberal, globalizante e excludente, poder oferecer o exercício da arte é sonhar e fazer uma rua, uma vila, um bairro, uma cidade e um país melhor. A Casa da Cultura, como projeto, deseja e almeja ser Projeto Piloto da criação, do sonho, da vida e da arte. Sabemos que o artista é aquele que cria o novo. Sempre foi assim. Não queremos a morte nem a antecipação desta. Vejo tantos becos na favela e penso: podemos com o nosso projeto, com a nossa arte e com os sonhos de tanta gente daqui apontar, em cada final de túnel, uma luzinha. O Projeto Casa da Cultura, na Vila Prudente quer ser esta luzinha... Porque, Velório não. Farol, sim!²¹

Nesse mesmo documento, Pe. Patrick Clarke definiu o que vinha a ser a Casa da Cultura:

A Casa da Cultura é um sonho de que este mundo nosso é de todos. E de modo especial, dos pequenos. Das crianças. É um lugar onde a herança de ser criança é algo sagrado. E esse Sagrado tem o poder de tudo transformar. É nesse espaço que se experimenta o tesouro da criatividade, na dança, no canto, e na aventura de brincar com tinta e com a Bem-aventurança de estar vivo. Livre e cheio de graça e gratidão. Um pedaço do Paraíso no meio do mundo querendo proclamar que aqui se sonha. A fraternidade de todos e a fraternura que faz o sentido do viver de cada um. É a casa onde a arte é a expressão que une corpo e alma na dança da alegria, da integração e da transformação. A aventura começou em junho de 1990. Passou por fases difíceis e momentos críticos. Também conheceu momentos de glória. Hoje continua caminheira na estrada da esperança utópica acreditando que seja possível virar este mundo; cravar este chão. E assim, convicto de que “o mundo vai ver uma flor brotar do impossível chão”²².

A existência do Centro Cultural Vila Prudente integrado à favela de Vila Prudente vem garantindo aos seus freqüentadores, principalmente as crianças e os adolescentes, direitos conquistados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente no artigo 58:

²¹ Extraído do documento “Projeto Casa da Cultura – Vila Prudente”, ano 1997.

²² Idem.

No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade de criação e o acesso às fontes de cultura.



Foto 10 - Apresentação do Grupo Andarilhos na favela Vila Prudente, em frente à igreja de São José Operário, 1998.

O artigo 59, por seu lado, ainda incentiva a existência dos centros culturais:

Os municípios, com apoio dos estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude.

A Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente - uma expressão concreta do Estatuto da Criança e do Adolescente - define os centros culturais como:

Espaços de complementação educacional para desenvolver a expressão artística de jovens de baixa renda, nos horários alternativos ao da escola. Realizam oficinas de dança, teatro, capoeira, pintura, circo, literatura, fotografia, vídeo, entre outras, sempre tendo a cidadania como referência. Além de trabalharem temas como a auto-estima, a criatividade, a

concentração, o belo, o sonho, os centros culturais garantem o direito à cultura²³.

Diante do que está expresso nesses documentos, uma reflexão se impõe: a experiência do Centro Cultural Vila Prudente junto à favela, leva-nos a acreditar que a reconstrução do homem e da mulher marginalizado/a também acontece por meio da arte e da cultura como ações transformadoras.

Exemplo dessa reconstrução nos vem de Marly, uma das primeiras arte-educadoras do CCVP, em depoimento para um vídeo institucional do MDF. Ela fala da arte como possibilidade de mudança:

Existe uma coisa muito bonita por trás de toda essa miséria: é a possibilidade de recriar, de reinventar o mundo, de reinventar a própria vida. E isso é uma coisa de extrema importância²⁴.

Nos últimos anos, o CCVP ampliou seu quadro de funcionários e colaboradores, aumentando significativamente o número de oficinas e o de beneficiados/as. Ao melhorar as instalações do projeto, cuidou-se de não perder de vista sua autonomia e identidade junto aos movimentos sociais.

²³ Extraído do documento 15º Relatório Semestral “Projeto Nossas Crianças”, da Fundação Abrinq, julho – dezembro de 2000.

²⁴ Fala extraída do vídeo *Teto e Chão: a história do Movimento de Defesa do Favelado*.



Foto 11 - Pe. Patrick Clarke com os primeiros arte-educadores do CCVP
Foto: Acervo CCVP.

Hoje, esse espaço cultural na favela atende um número aproximado de oitenta crianças, além de adolescentes, jovens, mulheres e homens da comunidade que participam de inúmeras atividades de arte, cultura e lazer, como, por exemplo, oficinas de artes visuais, teatro, dança, circo, capoeira, música, mosaico e confecção de bijuterias.

O projeto que começou suas atividades em uma sala pequena, paradoxalmente destinada a um velório – um emblema da morte – hoje, como símbolo da vida, está distribuído por quatro prédios dentro da favela, mantendo sua arquitetura em sintonia com a estética local.

A partir do ano de 2004 cada prédio e sala receberam nomes de personalidades marcantes para a história mais recente do Brasil. Homens e mulheres que sonharam e lutaram por um Brasil melhor no campo da educação, da cultura, das artes, da preservação do meio ambiente ou da luta contra a pobreza e a fome.

O prédio 01, que conta com um ateliê de artes e uma biblioteca, homenageou um dos nossos maiores antropólogos, Darcy Ribeiro. O ateliê leva o nome do artista plástico irlandês

Brian Maguire, que levou o CCVP para a 24ª Bienal de Artes de São Paulo em 1998. A biblioteca tem o nome de Anne Clarke²⁵.

O prédio 02 recebeu o nome do ambientalista Chico Mendes²⁶, assassinado por lutar pela causa da preservação da floresta Amazônica e estar junto aos seringueiros do Estado do Acre. Esse prédio conta com uma cozinha e um refeitório. Homenagem também a Herbert de Souza, o Betinho, colocando seu nome no refeitório por ele ter combatido a fome e a miséria no Brasil.

A cozinha tem o nome da freira militante das causas ambientais Dorothy Mae Stang²⁷, também assassinada por assumir a luta em defesa da preservação da Amazônia

O educador Paulo Freire, que passou fome ainda na infância, salienta bem os danos que provoca na vida de tantas crianças e adolescentes brasileiros:

Fome real, concreta, sem data marcada para partir, mesmo que não tão rigorosa e agressiva quanto outras fomes que conhecia. De qualquer maneira, não a fome de quem faz operação de amígdalas ou a de quem faz dieta para ficar elegante. A nossa fome, pelo contrário, foi a que chegava sem pedir licença, a que se instala e se acomoda e vai ficando sem tempo certo para se despedir. Fome, que se não amenizada, como foi a nossa, vai tomando o corpo da gente, fazendo dele, às vezes, uma escultura arestosa, angulosa. Vai afinando as pernas, os braços, os dedos. Vai escavando as órbitas em que os olhos quase se perdem, como era a fome mais dura de muitos companheiros nossos e continua sendo a fome de milhões de brasileiros e brasileiras que dela morrem anualmente (FREIRE, 2003, p. 39).

²⁵ Anne Agar Clarke, mãe do Pe. Patrick Clarke, nasceu em 15/2/1908 e faleceu no dia 13/3/200, tendo por muitos anos contribuído com o CCVP com ajuda financeira obtida com suas economias.

²⁶ Francisco Alves Mendes Filho, o Chico Mendes, foi seringueiro, sindicalista e ativista ambiental brasileiro. Lutou contra a extração irracional da madeira e a expansão indiscriminada dos pastos na Amazônia. Foi assassinado no dia 22/12/1988. Em 1987 foi agraciado pela Organização das Nações Unidas (ONU) com o prêmio “*Global 500*” e com a “Medalha do Meio Ambiente”, da organização “*Better World Society*”.

²⁷ Dorothy Mae Stang: freira norte-americana, naturalizada brasileira. Atuou ativamente nos movimentos sociais. Esteve presente na Amazonia desde a década de 70 junto aos trabalhadores da região do Xingu, buscando promover a geração de emprego e renda em projetos de reflorestamento em áreas degradadas. Participou da Comissão Pastoral da Terra (CPT), ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Recebeu em 2004 a premiação da Ordem dos Advogados do Brasil (Secção Pará) pela sua luta em defesa dos direitos humanos. Foi assassinada com sete tiros aos 73 anos de vida no dia 2/2/2005.

O geógrafo brasileiro Milton Santos²⁸, que depositava sua esperança de futuro nos excluídos, os quais, na sua visão, possuíam o poder transformador e revolucionário, seu nome foi dado ao prédio 03 onde está a coordenação do CCVP; a recepção e o Memorial Patrick Clarke na sala Dom Hélder Câmara²⁹, símbolo da luta pelos menos favorecidos. A recepção leva o nome da santa e mística doutora da Igreja Católica Santa Teresa de Ávila³⁰. A sala da coordenação homenageou o educador Paulo Freire por sua presença e participação junto ao Movimento de Defesa do Favelado no início da sua caminhada.

O prédio 04 leva o nome de São Francisco de Assis. É o reconhecimento da história desse santo católico, como um convite ao amor universal de homens e mulheres para com a mãe Terra. A sala maior deste mesmo prédio onde são desenvolvidas as oficinas de capoeira, ministradas aulas de dança e teatro e realizadas mostras de arte, ganhou o nome de Denise Stoklos, atriz e coreógrafa brasileira que tem representado o Brasil no mundo por meio do seu Teatro Essencial.

No terceiro andar do prédio 04, uma das últimas salas foi batizada com o nome de Nossa Senhora de Guadalupe³¹, homenageando a padroeira da América Latina. Conta ainda nesse prédio uma sala para atendimento psicológico, um camarim e uma capela com o título de São Patrício, em homenagem ao povo irlandês, que desde a fundação do CCVP, tem contribuído financeiramente com sua manutenção. Acima do último andar, há um mirante com uma visão panorâmica da favela.

²⁸ Milton Santos: geógrafo brasileiro e pensador respeitado na sua área. Recebeu o Prêmio Internacional de Geografia Vautrin Lud, na França, uma espécie de Nobel da Geografia. Exerceu boa parte da carreira acadêmica no exterior (França, Canadá, EUA, Peru, Venezuela, etc.). Publicou mais de 40 livros e 300 artigos em revistas especializadas. Entre os volumes publicados estão *Pensando o espaço do homem*, *A urbanização brasileira*, *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção* e *O Espaço do Cidadão*. Morreu em São Paulo em junho de 2001.

²⁹ Dom Hélder Câmara foi Bispo-Auxiliar no Rio de Janeiro (1952). Criador da Conferência Nacional dos Bispos dos Brasil. Foi perseguido duramente pela ditadura militar. Esteve à frente da Arquidiocese de Recife até se aposentar em 1985. Morreu em Recife no dia 27/8/1999. Chegou a ser indicado para o Prêmio Nobel da Paz.

³⁰ Nasceu na província de Ávila, Espanha em 28/3/1515. Foi uma religiosa e escritora, famosa pela reforma que realizou no Carmelo e por suas obras místicas (*Livro da Vida*, *Caminho da Perfeição*, *Moradas e Fundações*). Morreu no dia 4/10/1582.

³¹ Nossa Senhora de Guadalupe (Virgem de Guadalupe) é considerada pelos católicos Patrona da cidade do México e da América Latina. Sua origem está na presumida aparição da Virgem Maria a um pobre índio da tribo Nahua, Juan Diego Cuauhtlatzain, em Tepeyac, nordeste do México, em 9/12/1531.

Desde a sua fundação, o CCVP não perdeu de vista os cuidados com as crianças. Por essa razão sempre priorizou o desenvolvimento delas por meio das artes. E uma maneira de fazer com que elas compreendessem tal objetivo foi incentivá-las a tratar com carinho os trabalhos produzidos por elas mesmas dentro das oficinas de artes. Assim sendo, muita atenção era dada às exposições para que elas percebessem o valor das suas manifestações artísticas.

Desde os primeiros anos das atividades do CCVP há registros de crianças se apresentando e se encontrando com representantes de movimentos políticos, culturais e religiosos. O destaque fica por conta de uma apresentação de dança feita por elas dedicada a Rigoberta Menchu³² em sua visita ao MDF (Ver imagem no apêndice a respeito da visita de Rigoberta). Um outro momento durante um encontro com o então Cardeal e Arcebispo de São Paulo Dom Paulo Evaristo Arns³³, elas presenteiam-no com obras de artes, de sua própria autoria.

A propósito, as exposições de artes sistematicamente marcaram a agenda do CCVP. Desde a primeira em 1998 na Vila Madalena, esses eventos cativaram a participação das crianças e adolescentes e, conseqüentemente, os pais sempre gostaram de apreciar os trabalhos produzidos pelos seus filhos.

O ano de 1998 marcou o início de um intercâmbio com a Escola Britânica Saint Paul, onde, uma vez na semana, as crianças participavam de oficinas de lazer nas quadras da instituição. Quinzenalmente, seus alunos vinham até o CCVP desenvolver atividades no ateliê de artes para as nossas crianças. Esse intercâmbio teve a duração de um ano. Durante esse período as crianças, junto com os alunos da Saint Paul, promoveram no Centro de Artes dessa escola uma mostra coletiva de trabalhos, reunindo diversas linguagens.

³² Rigoberta Menchu: nasceu na Guatemala. Pertencente à etnia Quiché-Maya. Recebeu os prêmios: Nobel da Paz (1992) e o Príncipe das Astúrias (1998).

³³ Dom Paulo Evaristo Arns: Arcebispo Emérito de São Paulo. Nasceu em Forquilha (SC). Sua atuação pastoral esteve sempre voltada para os habitantes da periferia, aos trabalhadores, à formação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) nos bairros e na defesa e promoção dos direitos humanos.



Foto 12 - Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns recebendo as crianças do CCVP nos primeiros anos do centro cultural.

Foto: Acervo Patrick Clarke.

Com o artista irlandês Brian Maguire, a experiência do Centro Cultural Vila Prudente foi levada para a 24ª Bienal de Artes de 1998. Ao longo de dois meses, o artista permaneceu no projeto estabelecendo um contato direto com as crianças, colaboradores e com o povo da favela. Nesse período, ele, seu assistente Raul Araújo, eu e mais o artista plástico Tarcísio Brum e a psicóloga Marilda Aparecida Maffei Munhoz, visitamos vários lares das crianças, fotografando o interior de suas casas. A proposta era fotografar o local que elas escolhiam para colocar uma tela com seu retrato desenhado por Maguire. No final do processo, as imagens foram gravadas em placas de alumínio e postas na sua instalação “Casa da Cultura Brian Maguire”, na Bienal de São Paulo.

Essa sua instalação Maguire dividiu em duas temáticas: as crianças do CCVP retratadas por ele, e a chacina do Carandiru ocorrida em 1992. Para o artista essa idéia temática da instalação refletiria a existência de “grupos invisíveis” que a sociedade não enxerga, como os favelados e os presidiários. Em entrevista para a revista *ISTOÉ*, Maguire destacou que crianças de favela, presos, mortos, são todos uma comunidade invisível para a sociedade que só a vê com frieza no distanciamento das fotos jornalísticas. Com sua exposição, numa mostra importante como é a Bienal, poder-se-iam admirar obras pintadas com amor, numa tentativa de recuperar a dimensão humana dos elementos pintados.

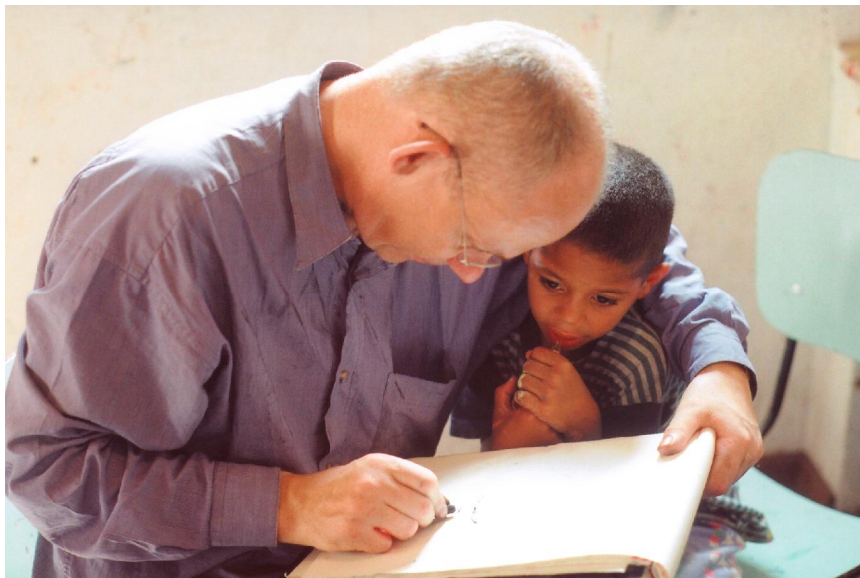


Foto 13 - Brian Maguire artista plástico irlandês no CCVP fazendo retrato de criança, 1998.

Em 2000, Brian Maguire montou em Dublin, (Irlanda) uma exposição dos últimos dez anos do seu trabalho como artista plástico, intitulada *Brian Maguire INSIDE/OUT*. Os trabalhos de retratos feitos por ele, as fotos que fiz junto com Raul Araújo e Brian também, entraram para essa mostra, montada pela primeira vez no *Hugh Lane Municipal Gallery of Modern Art Dublin*, entre os dias 26 de janeiro e 26 de março. A mostra seguiu depois para o *Contemporary Arts Museum Houston* (de 26 de maio a 16 de julho), no Texas (EUA) e para o *Crawford Municipal Art Gallery*, em Cork, (Irlanda) do dia 15 de fevereiro a 30 de março de 2001.

Em 1998, depois de um ano e meio fotografando diariamente as atividades do CCVP e o dia-a-dia da vida na favela, editei e montei a exposição fotográfica *Centro Cultural Vila Prudente: Olhar Sobre o Projeto*³⁴, montada no restaurante Matterello, da Vila Madalena.

No ano 2000 o SESC de São Paulo realizou na unidade Pompéia o projeto fotográfico *Êxodos*, de Sebastião Salgado, sendo que as crianças do CCVP, a convite do SESC, montaram

³⁴ Em julho de 2000, a exposição “Centro Cultural Vila Prudente: Olhar sobre o projeto” esteve montada em Araruama, no Rio de Janeiro, durante a VII Assembleia Internacional da Fraternidade de Charles de Foucauld. Em julho de 2006 ela inaugurou a galeria virtual do *site* do CCVP: www.ccvpfavela.org.

o espetáculo “Cridança”, inspiradas na sutileza e sensibilidade das imagens feitas por Salgado.



Foto 14 - Tábata e Pâmela no interior de suas casas com retratos desenhados por Brian Maguire e que foram colocados na 24ª Bienal de São Paulo, 1998.



Foto 15 – Detalhe do painel pintado por crianças do CCVP exposto no colégio Saint Paul, São Paulo, 1988.

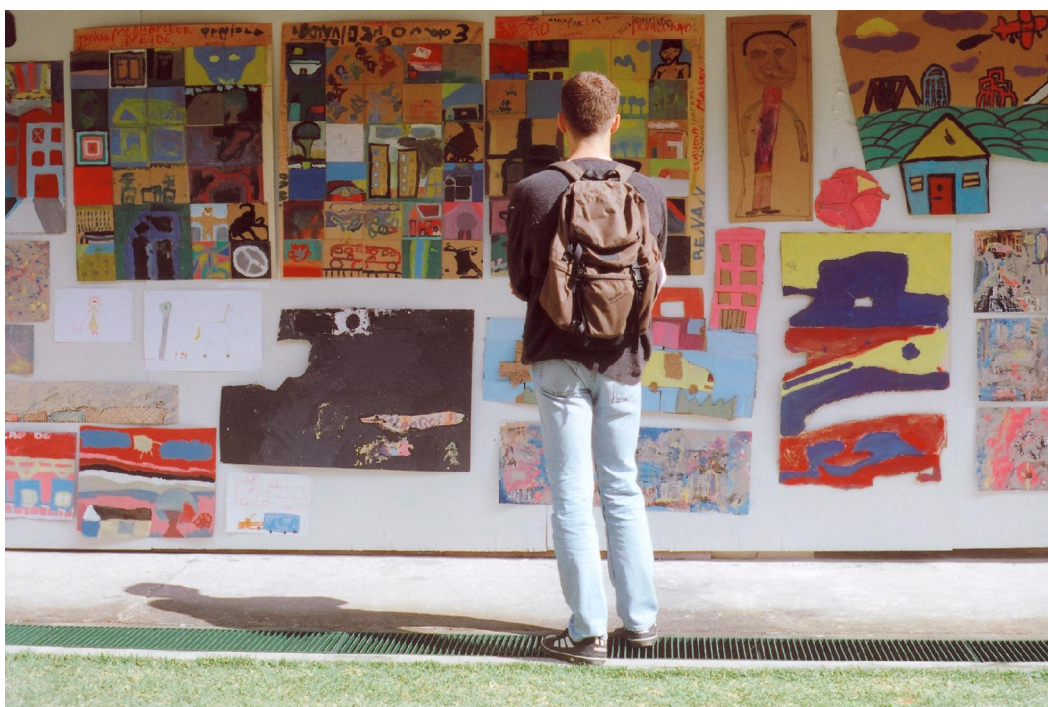


Foto 16 - Visitante na exposição “Casa da Cultura Brian Maguire” no Colégio Saint Paul em 1998.

Em 2003, o CCVP finalizou o projeto Campus das Artes com a exposição *Arte Favela*, montada na pizzaria Galpão da Pizza, no bairro Vila Olímpia.

A exposição foi bem recebida pelo público de classe média, frequentadores da pizzaria. Mais de setenta obras foram vendidas entre esculturas e quadros pintados a partir de técnicas diversas. A Rede Globo esteve no local gravando reportagem para o programa Ação. O programa mostrou como o Campus das Artes contribuiu para que os jovens fizessem uma observação e interpretação da realidade por meio da arte. Carlos Verna dono da pizzaria comentou na reportagem que é preciso trazer a realidade da favela para esses espaços por meio da inclusão social e despertar nas pessoas que há projetos apresentando soluções na vida de muita gente, principalmente dos jovens.

No Restaurante Matterello foi organizada a exposição *Caixas*, inaugurada no dia 8 de dezembro de 1999, que permaneceu em cartaz até 8 de janeiro de 2000. Em 2001 montamos *Cotidiano*; em 2002 *O Mundo Mágico dos bonecos* e, em 2005, *Das pinturas aos retalhos: Moda na favela*.

A convite da Associação de Apoio às Meninas e Meninos da Região Sé, o CCVP também participou da pintura de um painel sobre a cidade de São Paulo na entrada do projeto “Casa 20 – Oficinas de Arte”, no bairro da Luz, em outubro de 1998.

Em 2001, o CCVP esteve presente na “Semana Paulo Freire 80 anos”, com a exibição do vídeo “*Patrick Clarke conversa com Paulo Freire*” e ainda com a *performance* de pintura ao vivo (retratos) do adolescente Fernandes Pereira da Silva.

Em 2005, o CCVP, junto com o Movimento de Defesa do Favelado, leva para o 5º Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, oito oficinas que representavam os trabalhos realizados junto às favelas da Zona Leste de São Paulo. O tema das oficinas concentraram-se no *slogan*: “Do coração da favela para o mundo de todas as gentes”.

O CCVP conta hoje com cinco programas implantados e amadurecidos ao longo da sua caminhada. São eles: Eco-favela, Gente de Futuro, Trem da Amizade, Memorial Patrick Clarke e A Vida Tem Concerto.

Programa Eco-Favela:

É a dimensão prática, apropriada à realidade da favela, da Agenda 21, documento elaborado por ocasião da conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento na Rio 92.



Foto 17 - Criança durante Auto de Natal no CCVP.

O Programa é a interação dos envolvidos no Centro Cultural Vila Prudente com a ecologia por meio de uma agenda voltada para a educação ambiental, visando a construção de um novo homem e uma nova mulher no sentido de torná-los conscientes e responsáveis pela preservação do ambiente natural ou ambiente urbano. O programa fora inspirado numa primeira ação ecológica ocorrida no ano de 1997 na cidade de Ibiúna (interior de São Paulo) onde crianças e arte-educadores do Centro Cultural ficaram durante uma semana em contato com a natureza como parte de um projeto de assentamento.

O Eco-Favela conta com a Ação Eco-Criança que proporciona às crianças e jovens adolescentes do CCVP um contato maior com a natureza por meio de visitas a parques, cidades rurais e fundações ambientais.

A primeira Ação Eco-Criança aconteceu em Piracaia, (interior de São Paulo) em setembro de 2005. A segunda ocorreu em março de 2006 na cidade de Itapetininga (interior de São Paulo) em parceria com a Associação Nossa Senhora Rainha da Paz. A terceira aconteceu em novembro de 2006 na cidade paulista de Jarinu, em parceria com a Prefeitura da cidade.

O Programa Eco-Favela nasceu de uma ação desenvolvida junto às crianças do CCVP com a comunidade no final de 2004. A Ação Eco-criança, conhecida por Gentileza Cultural, promovia uma conscientização sobre atitudes de agressão à natureza e ao ser humano. Foi desenvolvida por meio de oficinas e intervenções na comunidade, através da coleta de lixo reciclável que era aproveitado nas oficinas de arte ou comercializado numa cooperativa próxima ao CCVP.

Um programa de educação ambiental e suas ações práticas somente provará sua eficácia transformadora se em seu conteúdo for considerada a questão dos excluídos, a questão daqueles que não tem condições de viver em um meio ambiente ecologicamente saudável. É evidente que seria inviável salvar um planeta onde a concentração da riqueza cada dia mais pertence a uma minoria. A eficácia do discurso da educação ambiental tem de salvar o mundo na perspectiva de salvar também todos os seres humanos, o lado mais importante e mais frágil dos recursos da natureza.

No universo de Paulo Freire a educação ambiental igualmente tem seu espaço. Diz ele tratar-se de uma questão de amor e cuidado pelo planeta do mesmo modo como declaramos o nosso amor pelos homens e as mulheres deste mundo:

[...] Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornarmos capazes de amar o mundo. A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem de estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador (FREIRE, 2000, p. 67).

A ecologia pode ganhar muito da cultura popular onde as ONGs estão atuando. Leonardo Boff defende esse espaço como local de “troca de saberes” onde a conscientização também se faz presente:

O saber popular contido nas tradições dos velhos, nas lendas e nas estórias dos índios, caboclos, negros, mestiços, imigrantes, dos primeiros que aí viveram, confrontando e complementando com o saber crítico científico. Esses saberes revelam dimensões da realidade local e portadores de verdade e de sentido profundo a ser decifrado e a ser incorporado por todos. O que daí resulta é uma profunda harmonia dinâmica do ecossistema onde os seres vivos e inertes, as instituições culturais e sociais, enfim todos encontram seu lugar, interagem, se acolhem, se complementam e se sentem em casa (BOFF, 2003, p.136).



Foto 18 - 1ª Ação Eco-Criança na cidade de Piracaia (SP), em 2005.

Programa Gente de Futuro:

O Programa Gente de Futuro foi criado em 2005 para fornecer bolsas de estudos para jovens que freqüentam a instituição e que manifestaram o desejo de cursar uma faculdade ou cursos rápidos em escolas ou fundações como a de São Caetano do Sul. Nessa fundação, quatro jovens do CCVP freqüentaram e concluíram cursos nas áreas de teatro, artes plásticas e música. Um outro freqüentou uma escola de circo na Vila Madalena durante um ano. No momento, um outro rapaz continua como bolsista em um curso superior de artes plásticas.

Programa Trem da Amizade:

Desenvolver nas pessoas o espírito de solidariedade e de cooperação e despertar a consciência para o coletivo. Sempre estiveram presentes nas preocupações do CCVP, tendo em mira aprimorar cada vez mais o sentido da socialização que cada criança e adolescente trazem dentro de si. Nesse sentido, o Programa Trem da Amizade, instituído em 2005, mas já acontecendo desde o ano de 2000, promove excursões e visitas a museus, mostras de artes e atividades afins na cidade de São Paulo, instaladas próximas às estações de trem ou de metrô.

Programa Memorial Patrick Clarke:

O Memorial Patrick Clarke é o mais novo programa do Centro Cultural Vila Prudente. Foi criado em julho de 2006 com o intuito de manter atualizada toda a história do CCVP na favela, juntamente com a trajetória do Movimento de Defesa do Favelado. O nome do programa é uma homenagem ao fundador de ambas as instituições. O memorial ocupa a Sala Dom Hélder Câmara no 3º andar do prédio Milton Santos, localizado na Rua da Igreja.

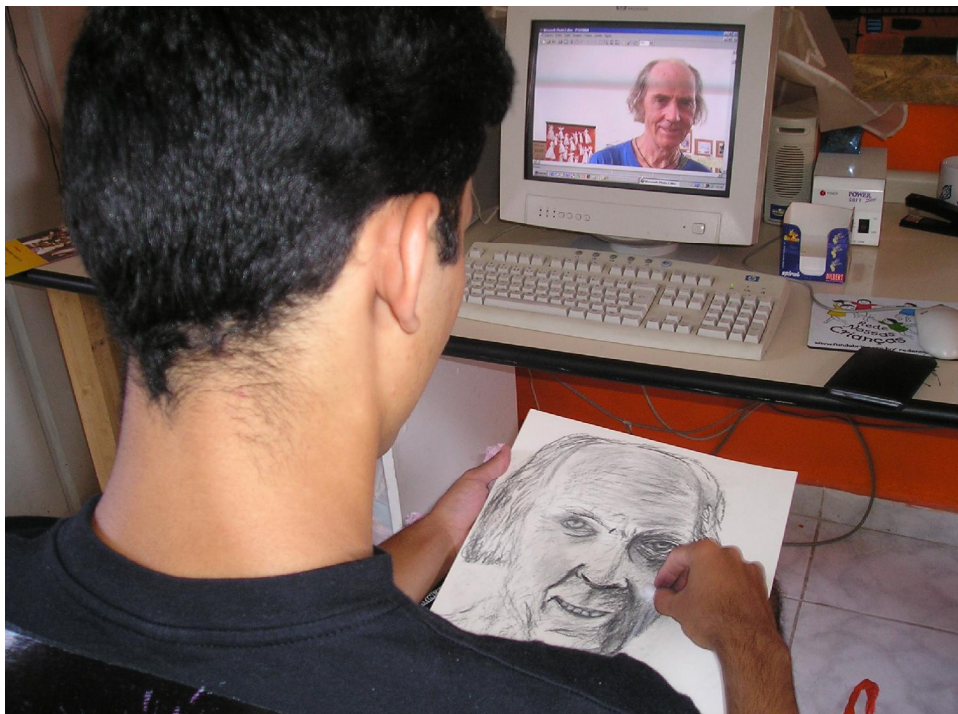


Foto 19 - Fernandes Pereira “retratando” Patrick Clarke.

Programa A Vida Tem Concerto:



Foto 20 - Os músicos Cecília Siqueira e Fernando Lima apresentando na sala Denise Stoklos, do Centro Cultural Vila Prudente, 2005.

Produções e execuções artístico-musicais não são privilégios de indivíduos de uma determinada elite social. São atributos de pessoas iluminadas, as quais, com muita frequência, si situam na classe dos excluídos socialmente. Outro não foi o motivo que levou a desenvolver na Sala Denise Stoklos o Programa A Vida Tem Concerto, criado em 2005 com o objetivo de democratizar o acesso a produções musicais e afins.



Foto - 21



Foto - 22



Foto - 23



Foto - 24

Fotos 21, 22, 23 e 24: Artistas circenses da favela Vila Prudente durante *performance*.

5. A COMPREENSÃO CRÍTICA DE EDUCAÇÃO DE PAULO FREIRE

Ao pesquisar a vida e obras de Paulo Freire (1921 – 1997) e a sua grandiosa contribuição para a educação do povo brasileiro, damos-nos conta de que esse educador foi um homem que colocou toda sua existência e seu trabalho educativo a favor dos menos favorecidos da sociedade, os excluídos, “os esfarrapados do mundo”, como costumava referir-se a todos aqueles que, no Brasil, não tinham vez, não tinham voz. Essa visão da realidade socioeconômica do seu tempo foi a base que o levou a conceber e construir um método educativo para transmitir conhecimentos e alfabetizar homens e mulheres, de modo a levá-los a conscientizar-se de que mudar uma realidade de exclusão social também dependia do grau de compromisso de cada educando com a transformação da sociedade e, portanto, conscientizar-se de que o mundo seria melhor.

O método de ensinar ou de alfabetizar devolve, então, aos oprimidos sua condição existencial de ser Seres Mais, contrariando a insistência do sistema econômico e social em querer que as pessoas sejam Seres Menos, uma vez e para sempre.

Nesse contexto freireano, é fácil entender que sua proposta metodológica sempre caminhou na contramão dos modelos tradicionais utilizados para o aprendizado da escrita e da leitura. A vivência de Paulo Freire junto ao povo marginalizado deu-lhe razões de sobra para sentir que os modelos pedagógicos, às vezes ainda hoje seguidos, não estão estruturados para capacitar os educandos e educandas a fazerem uma leitura crítica da sociedade em que vivem, e muito menos criar condições para lutar contra as injustiças e desigualdades dessa mesma sociedade. Em outras palavras, são modelos educativos que não libertam as pessoas de sua alienação no que diz respeito a tudo o que acontece de errado em torno delas; modelos que negam aos excluídos a conscientização da vida e do seu contexto. Exemplo dessa alienação é o fato de o país continuar contribuindo na “formação” de analfabetos políticos e funcionais, daqueles que não opinam, não intervêm, não criticam, não transformam e não libertam.

Freire criou uma teoria de aquisição do conhecimento em profundo diálogo com o mundo e com os seus desafios. Uma teoria fundada no diálogo que se constroi dentro da práxis humana; no distanciar do objeto para poder admirá-lo; na abertura ao mundo a partir da

ação de cada um e reflexão sobre a realidade. A sua teoria permite aos homens e às mulheres capacidade de intervir (politicamente) na sociedade para transformá-la.

Nosso educador recorda no seu livro *Política e Educação* que, no tempo de sua infância em Jaboaão, experimentou uma vida de pobreza. Reconhece todavia que foi neste ambiente que começou suas “opções radicais” pelos oprimidos:

Algumas opções radicais, jamais sectárias, que me movem hoje como educador, portanto como político, começaram a se gestar naquele tempo distante. A *Pedagogia do Oprimido*, escrita tanto tempo depois daquelas partidas de futebol ao lado de Toinho Morango, de Reginaldo, de Gerson Macaco, de Dourado, cedo roídos pela tuberculose, tem que ver com o aprendizado jamais interrompido, que comecei a fazer naquela época – o da necessidade de transformação, da reinvenção do mundo em favor das classes oprimidas (FREIRE, 2001, p. 80).

Ana Maria Araújo Freire (Nita Freire), educadora, pesquisadora e esposa de Paulo Freire, tem o privilégio de dar continuidade à obra do marido. No seu último livro *Paulo Freire: uma história de vida*, ela reforça as convicções do marido ao dizer que ele acreditava em uma educação libertadora, onde homens e mulheres se vissem como co-responsáveis da sua libertação.

Assim, ele propôs, então, pela primeira vez na história, uma educação de adultos, que se estimulasse nos homens e nas mulheres a colaboração, a decisão, a participação e a responsabilidade social e política (FREIRE, 2006, p. 124).

Acrescenta ainda que a base da teoria do conhecimento de Paulo Freire no processo de adquirir conhecimento era a humanização dos homens e mulheres, obtida por meio de uma alfabetização que conscientiza o indivíduo para deixar de ser objeto e transformá-lo em sujeito:

Em última instância, “produzir os analfabetos/as” é arrancar-lhes a voz da participação, da cidadania e da vida social com dignidade. Ao analfabeto/a

rouba-se o direito de biografarem-se, isto é, de serem sujeitos que podem ter suas histórias de vida como seres sujeitos da história, a partir de suas participações efetivamente concretizadas. A alfabetização conscientizadora possibilita aos indivíduos se constituírem como sujeitos e não ficarem eternamente só como objetos da incidência dos que sabem, podem, exploram, mandam e os submetem. E essa proposta de humanização dos homens e das mulheres é a base da teoria do conhecimento de Paulo, e, estando também no “Método”, não há como negar: este está em relação explícita e dialética com sua compreensão de educação mais ampla e profunda (FREIRE, 2006, p.333).

O educador, continua Ana Maria, construiu uma teoria onde se ensina aprendendo e se aprende ensinando, numa dinâmica de comunhão entre educandos/as e educadores/as. Mulheres e homens tornam-se sujeitos em comunhão. Comenta ela:

Em Paulo há alteridade, há o/a outro/a que aprende ensinando e o/a que ensina aprendendo, portanto não há um só sujeito e um só objeto. Há sujeitos em comunhão em busca não só do saber, mas também de suas humanizações, de seus endereços ontológicos mais autênticos (FREIRE, 2006, p. 342).

Em tom de advertência, chama a atenção para o perigo de se reduzir a obra de Paulo Freire a um simples e puro “conjunto de técnicas”, presente na atuação e no discurso de muitos educadores/as, analistas e críticos. O perigo consiste em negar a concepção revolucionária de conscientização, libertação e ética humanistas, presente na teoria do conhecimento formulada por Freire.

Ao considerarem Paulo apenas um fazedor de “como alfabetizar”, um “metodólogo”, os “interpretes” ou os pseudo porta-vozes dele demonstram não conhecer o seu pensamento e cometem contra ele ato de injustiça. Demonstram, no mínimo, uma pobreza ou simplismo de entendimento de sua proposta antropológica, ética e política de resgate da vocação ontológica dos homens e das mulheres que, entre outras, se concretiza no direito de ler a palavra e o mundo (FREIRE, 2006, p. 332).

E na sua publicação sobre a história do marido, ela repete a preocupação de Paulo Freire ao afirmar que o ato maior da alfabetização é a de homens e mulheres saírem do estado de Ser Menos (proibidos de ser, ter, saber e poder) e alcançarem o estado de Ser Mais:

O ato de alfabetizar em Paulo tem como intenção maior possibilitar fazer de Seres Menos, Seres Mais, ao permitir que analfabetos e analfabetas resgatem a sua humanidade roubada. No processo milenar de “hominização”, de primatas a seres humanos, fomos nos fazendo existência humana porque inventamos a cultura para a qual todos e todas contribuimos. Excluir alguns segmentos sociais do direito de usufruir de um dos bens mais importantes da cultura – o da simples leitura da palavra – é malvadez dos poderosos, dos exploradores. É interditar “os que não conhecem as letras” o acesso à leitura do mundo que a verdadeira leitura da palavra possibilita (FREIRE, 2006, p. 332).

E é por meio da conscientização que alcançamos o estado de Ser Mais:

Apontou-nos a possibilidade de pela conscientização construirmos um sonho possível: um mundo no qual houvesse reais condições dos homens e mulheres serem Ser Mais, que negassem (neguem) a exploração, a submissão e a opressão que os determinavam como Ser Menos (FREIRE, 2006, p. 125).

Para Paulo Freire é por meio da conscientização do mundo e de si mesmo como seres inacabados que homens e mulheres colocam-se no movimento de busca pela transformação:

E na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. É também na inconclusão de que nos tornamos conscientes e que nos insere no movimento permanente de procura que se alicerça a esperança (FREIRE, 2004, p. 58).

Na concepção freireana de educação, a curiosidade é um elemento fundante do conhecimento:

Entre nós, mulheres e homens, a inconclusão se sabe como tal. Mais ainda, a inconclusão que se reconhece a si mesma implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo social de busca. Histórico-sócio-culturais, mulheres e homens nos tornamos seres em quem a curiosidade, ultrapassando os limites que lhe são peculiares no domínio vital, se torna fundante da produção do conhecimento. Mais ainda, a curiosidade é já conhecimento. Como a linguagem que anima a curiosidade e com ela se anima, é também conhecimento e não só expressão dele (FREIRE, 2004, p. 55).

A educação em Paulo Freire é uma abertura constante para a vida e seus desafios. É um querer ir além do sistema que nos aprisiona e diminui historicamente. É intervir na história para nos tornarmos sujeitos da mudança. Por último, podemos afirmar que em Paulo Freire, a educação se dá em um movimento de possibilidades e não de determinismos:

Gosto de ser homem, de ser gente, porque não está dado como certo, inequívoco, irrevogável que sou ou serei decente, que testemunharei sempre gestos puros, que sou e que serei justo, que respeitarei os outros, que não mentirei escondendo o seu valor porque a inveja de sua presença no mundo me incomoda e me enraivece. Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu “destino” não é um dado mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Daí que insista tanto na problematização do futuro e recuse sua inexorabilidade. Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele (FREIRE, 2004, p. 52).

“Um mundo onde amar seja possível”. Assim recorda Ana Maria Araújo Freire o desejo do marido educador em construir um mundo cada vez melhor:

Paulo defendeu sempre a vida, a vida para ser vivida por todos e todas com dignidade, com respeito. Assim, entregou a sua própria vida “aos esfarrapados do mundo”, aos explorados/as e oprimidos/as. Com tolerância, generosidade e compromisso. Com amor, sobretudo com o amor (FREIRE, 2006, p. 28).

Paulo Freire construiu sua teoria do conhecimento ao longo de um processo cognitivo-epistemológico por meio de suas observações, percepções, críticas e experiências no decorrer de sua vida. Como homem atento a tudo, viu-se no seu cotidiano ultrapassando o mero viver para um viver impregnado de curiosidade, criatividade, reinventividade e criticidade perante o mundo que o cercava. Por isso recordava-nos sempre que a vida é para ser recriada.

A educação em Paulo Freire é o arremesso para o sonho de um futuro melhor onde, “programados para aprender”, podemos arriscar, nesses tempos de globalização em que somos o tempo inteiro convocados para desistirmos de nossas lutas e sonhos, re-inventarmos no jogo da educação libertadora:

Enquanto prática social a prática educativa, em sua riqueza, em sua complexidade, é fenômeno típico da existência, por isso mesmo fenômeno exclusivamente humano. Daí, também, que a prática educativa seja histórica e tenha historicidade. A existência humana não tem o ponto determinante de sua caminhada fixado na espécie. Ao inventar a existência, com os “materiais” que a vida lhes ofereceu, os homens e as mulheres inventaram ou descobriram a possibilidade que implica necessariamente a liberdade que não receberam mas que tiveram de criar na briga por ela. Seres indiscutivelmente programados, mas, como salienta François Jacob, “programados para aprender”, portanto seres curiosos, sem o que não poderiam saber, mulheres e homens se arriscam, se aventuram, se educam no jogo da liberdade (FREIRE, 2001, p. 66).

Freire reconhece que muito mais do que um método de alfabetização, ele criou uma compreensão dialética da educação:

No fundo, muito mais uma compreensão dialética da educação do que um método de alfabetização. Compreensão dialética da educação vivamente preocupada com o processo de conhecer em que educadores e educandos devem assumir o papel crítico de sujeitos cognoscentes (FREIRE, 2001, p. 86).

Ana Maria Araújo Freire, ao escrever sobre a gentidade de Paulo Freire define de forma concisa a sua teoria do conhecimento como “revolucionária” e “rigorosamente científica”:

Assim, foi dessa capacidade invulgar de escutar o povo, isto é, ouvir, acolher e elaborar as idéias, as razões, as necessidades, as aspirações, as dores e as alegrias dos homens e das mulheres comuns, que Paulo criou uma teoria do conhecimento tão concreta e engajada e tão revolucionária e rigorosamente científica. Sua teoria do conhecimento tem, pois, concretude porque partiu de sua relação de abertura para escutar, sentir, emocionar-se com as camadas populares (FREIRE, 2006, p.569).

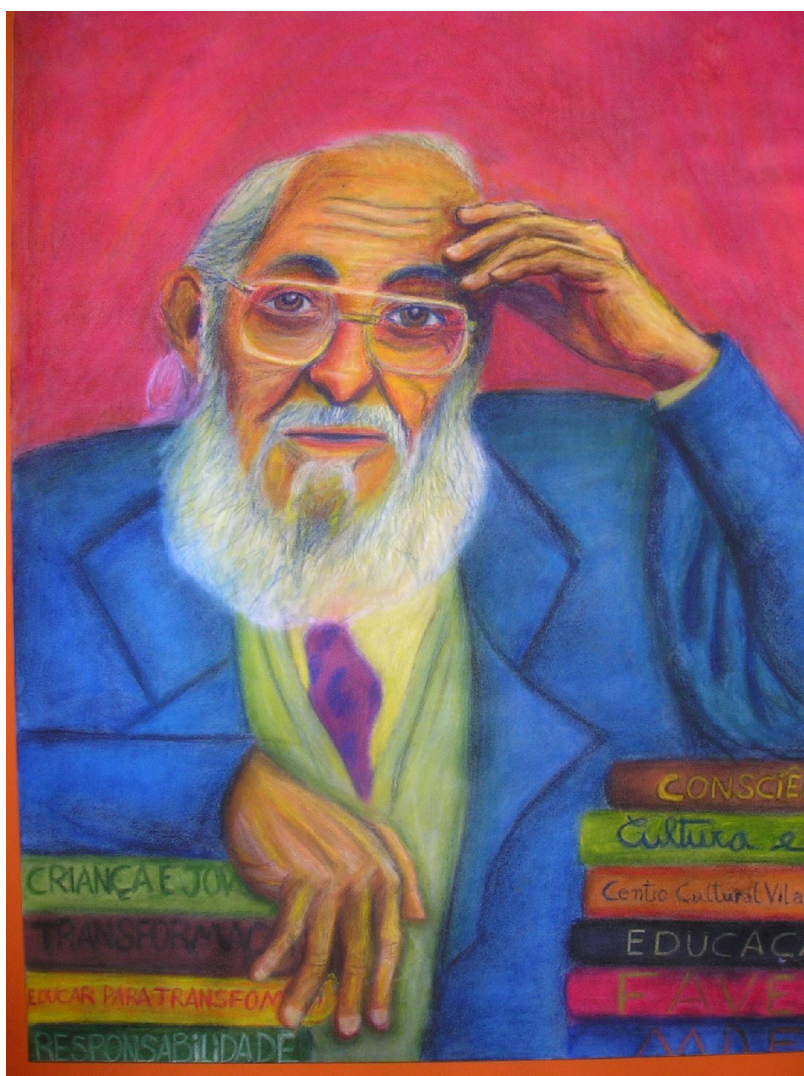


Figura 25 – Retrato de Paulo Freire pintado por Fernandes Pereira da Silva. Essa obra ocupa a sala Paulo Freire do CCVP.

5.1 O Legado de Paulo Freire

O seu pensamento e a sua obra tornaram-se referência para inúmeros educadores considerados progressistas por seguirem os métodos inovadores do grande mestre educador. Artistas, cientistas, pensadores, filósofos, líderes religiosos e militantes de movimentos sociais, todos continuam aplicando suas idéias na busca de uma nova ordem para o mundo e o homem do século XXI. Idéias e reflexões que vão desde debates sobre a educação, passando pela alfabetização, até as questões ambientais e o destino da humanidade.

Como não podia deixar de ser, sua pedagogia incluía também preocupações com a violência na sociedade. Temos o exemplo de sua indignação contra a morte do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, assassinado em Brasília numa estação de ônibus por cinco adolescentes. Sua indignação revelou que muitos dos nossos jovens hoje crescem em ambientes onde a violência os tornam “agentes da crueldade”; Seres Menos:

Que coisa estranha, brincar de matar índio, de matar gente. Fico a pensar aqui, mergulhado no abismo de uma profunda perplexidade, espantado diante da perversidade intolerável desses moços *desgentificando-se*, no ambiente em que *decreceram* em lugar de crescer (FREIRE, 2000, p. 66).

Freire seguiu até o fim do texto discorrendo sobre a morte do índio Galdino. Aproveitou esse triste episódio para dar o seu recado dizendo que, sem a educação, também não vamos conseguir mudar a sociedade que vai continuar abrigando a injustiça, o arbítrio, o desrespeito aos fracos e todo o tipo de discriminação:

Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que fizemos e o que

fazemos. Desrespeitando os fracos, enganando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher, não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amorosos da vida e dos outros... (FREIRE, 2000, p. 67).

Ana Maria Araújo Freire, comenta a influência do pensamento de Paulo Freire nos dias de hoje:

(...) pois sua influência vem tendo cada dia mais ramificações numa progressão geométrica diretamente proporcional à busca que fazem às suas reflexões. Através das mais diversas áreas do conhecimento – da antropologia à educação ambiental; das ciências físicas, biológicas ou exatas às ciências políticas; das religiões à filosofia; da ética à estética; da museologia à educação musical etc. -, Paulo Freire tem sempre alguma coisa a dizer para as nossas reflexões diante das necessidades sociais cada vez mais complexificadas do mundo atual (FREIRE, 2006, p. 26).

No vídeo *Paulo Freire conversa com Patrick, Clarke* o interlocutor reconhece que Freire exerceu um papel fundamental na criação do Movimento de Defesa do Favelado: fez-nos ver que, mesmo sendo humildes e pequenos, devemos sonhar com a transformação deste mundo.

O norte-americano Alvin Toffler, em palestra no Ministério da Educação em 1999 sobre educação e novas metodologias tecnológicas da informação, apresentou o Método Paulo Freire afirmando que era o mais apropriado para o ensino da informática. Disse que, há 50 anos, o educador havia criado uma metodologia que hoje os jovens utilizam, espontaneamente, numa espécie de “círculo de cultura”, para ensinar uns aos outros o que aprenderam no uso do computador. Em poucos dias, eles acabam tornando-se “professores” de informática, o que demonstra a eficácia do método desenvolvido por Freire, aplicado em outras áreas.

Um artigo de Moacir Gadotti, diretor do Instituto Paulo Freire e professor titular da Universidade de São Paulo, retrata sucintamente um aspecto do legado do nosso educador:

A obra de Paulo Freire tem sido reconhecida mundialmente não apenas como uma resposta a problemas brasileiros do passado ou do presente, mas como uma contribuição original e destacada da América Latina ao pensamento pedagógico universal. Não se pode dizer que seu pensamento responda apenas à questão da educação de adultos ou à problemática do chamado “Terceiro Mundo”(GADOTTI, 2002, p. 17).

Ao comentar as diversas manifestações recebidas após a morte de Paulo Freire em 1997, Moacir Gadotti comenta que ficou um grande desejo no coração de homens e mulheres que conheceram e foram influenciados pela sua vida e obra:

Além de revelarem o impacto teórico e afetivo sobre a vida de tantos seres humanos de todas as partes do mundo, essas manifestações terminam sempre com o desejo de unir-se a outras pessoas e instituições para dar continuidade ao seu trabalho, ao seu compromisso, sobretudo, com os oprimidos. Não apenas deste ou daquele lugar – da América Latina, por exemplo -, mas com os oprimidos de todo o mundo. Há, portanto, um sentimento comum de que devemos continuar a tarefa da conscientização, da não-violência, do trabalho de organização dos excluídos, dos pobres, dos pescadores, dos agricultores, dos sem-terra, dos sem-teto, das minorias oprimidas (GADOTTI, 2001, p. 28).

O teólogo brasileiro Leonardo Boff, ao prefaciар o livro *Pedagogia da Esperança*, escrito por Freire, manifesta-se nos seguintes termos:

Uma permanente dialoga-ção das pessoas entre si e de todas com a realidade circundante em vista de sua transformação. Destarte se forma a comunidade na qual todos, enraizados na realidade, aprendem uns dos outros, ensinam uns aos outros e se fazem parceiros na construção coletiva da história (FREIRE, 2006, p. 6).

Para Boff, Paulo Freire formulou sua teoria de conhecimento no conviver com os oprimidos e oprimidas da nossa sociedade:

Paulo Freire construiu esta pedagogia em contato direto com os oprimidos e as oprimidas de nossa sociedade, aprendendo deles, de suas falas e de seus

jeitos de ler o mundo. Poucos na história da educação têm valorizado tanto “o saber de experiências feito” elaborado pelos pobres e oprimidos quanto Paulo Freire. Introduziu a troca fecunda de saberes, do popular com o científico. Deixou claro que somente um ignorante pode considerar o povo ignorante. Pois ele é um produtor de sentido, de visão de mundo, de valores além dos frutos de seu trabalho explorado. O trabalho artesanal de Paulo Freire incluiu também na dialog-ação outros atores, de qualquer classe social e nível de instrução, desde que mostrassem essa com-paixão e esse cuidado para com os condenados da Terra. Por isso sua obra é universal e teve ressonância mundial (FREIRE, 2006, p. 7).

O teólogo deixa claro que a obra e o legado de Paulo Freire são anúncio de uma grande esperança:

Anuncia a capacidade humana de desfatalizar esta situação perversa e construir um futuro eticamente mais irradiante e espiritualmente mais humanizador. (...) Paulo Freire mostra a história e a existência humana como feixe de possibilidades e virtualidades que podem, pela prática histórica, ser levadas à concretização. Daqui nasce a esperança histórica, aquilo que ele chama de “inédito viável”, vale dizer, aquilo que ainda que não foi ensaiado e é inédito mas que pode, pela ação articulada dos sujeitos históricos, vir a ser ridente realidade (FREIRE, 2006, p. 8).

Denise Stoklos é atriz, diretora, autora e conhecida coreógrafa brasileira. Ela criou o Teatro Essencial que consolidou sua obra em mais de 33 países. Sua proposta comunga com a de Freire, que é possibilitar ao homem contemporâneo uma reflexão sobre sua natureza humana a partir do seu gesto autoral de mudança na sociedade da qual faz parte. Também considera a obra desse educador como de suma importância para o homem do século XXI. Numa apreciação do livro *Pedagogia da Autonomia* para o caderno Mais da *Folha de S. Paulo*, Stoklos fez a seguinte apreciação:

O livro de Paulo Freire foi o mais importante para mim porque ele abriu um enfoque da responsabilidade do cidadão, cívica e poética, com seu universo. Ele deixa claro e dá uma dimensão da criatividade que é deixada ao indivíduo para construir seu mundo, sua convivência. Ele dá ao indivíduo a

qualidade de ser o criador do lugar onde habita, convive. Com isso, vemos as duas mãos dessa situação: nos responsabiliza por tudo o que está acontecendo – mesmo as coisas com as quais não concordamos, cobrando ação contra elas - e também por criar condições em que as situações inaceitáveis se transformam. Ele dá ao indivíduo a dimensão poética da emoção. Isso me leva a Henry David Thoreau e “A Desobediência Civil”, que foi também um pedagogo e o primeiro ecologista. Essas duas obras me remetem a Milton Santos, com sua literatura de geografia humana. Ele dizia que vivemos não uma época de comunicação, mas de informação, uma vez que comunicação é compartilhar emoção, e isso nós não fazemos. Paulo Freire costumava dizer: “Gosto de ser gente, porque com as minhas mãos eu posso mudar o mundo”. A somatória disso tudo dá um sinônimo de Clarice Lispector na sua profundidade de olhar o ser nas suas diversas camadas de movimentação (STOKLOS, 2005, p. 2).

Tratando-se de Denise Stoklos, seu depoimento vem confirmar a relevância do legado de Paulo Freire para os dias de hoje e a compreensão do seu método de educar.

Como um último testemunho do legado desse grande educador, percebemos a sensibilidade de Brandão que captou em Freire sua visão de “menino que lia o mundo”:

Paulo Freire sonhou, criou e colocou em prática uma verdadeira teoria da educação, propondo um trabalho que passa pela educação escolar formal, mas que vai bem além dela. Algo que, em verdade, vale como um programa de uma plena e profunda formação humana, em que o sentido e o valor da própria educação foram muito alargados. Uma boa imagem dele seria a do homem que, olhando a escola, vê a pessoa humana. Vendo a pessoa, vislumbra o seu mundo. E, vendo o seu mundo social tal como ele é, imagina o melhor dos mundos para todas e todos nós (BRANDÃO, 2005, p. 17).

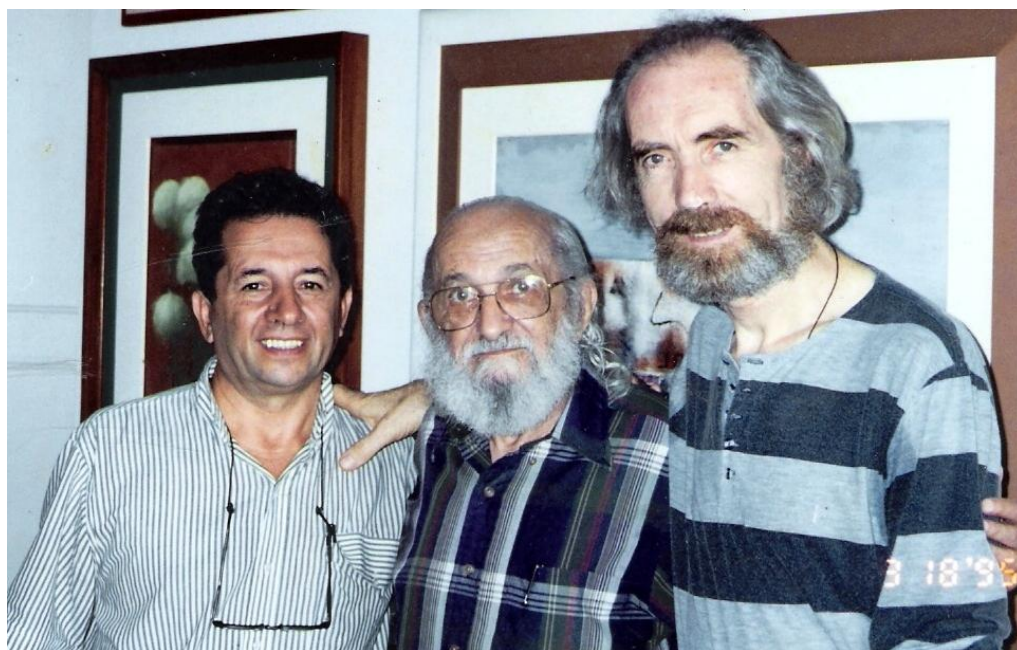


Foto 26 - Paulo Freire ao centro, com Pe. Patrick e Selerino nos anos 90.
Foto: Acervo Patrick Clarke

6. EDUCAÇÃO: INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A história da nossa educação necessariamente passa pelo crivo do conhecimento da história brasileira. Os grandes teóricos e estudiosos do processo da colonização na América Latina são categóricos ao afirmar que o que ocorreu no Brasil foi a experiência de uma educação e cultura transplantadas a partir dos europeus que aqui desembarcaram em 1500.

Com a chegada dos portugueses e padres jesuítas, dá-se início ao processo de educação e catequese que não considerou quase nada do que já havia por aqui. Esse fato é constatado por Wilson Alves Paiva:

O ensino dos colégios era de um formalismo pedagógico tão acentuado que as práticas intra-muros ignoravam a vida cotidiana de seu entorno. Falava-se latim, recitavam poesias, liam os clássicos, esmeravam-se na retórica e na espada como cavaleiros medievais. Era um mundo perfeito e suspenso que contrastava com o mundo extra-muros: violência e guerras eram os ingredientes da vida no Brasil. O que propunham era o agir de acordo com o plano divino, ou seja, a prática das virtudes e para se chegar a tal ponto era preciso evitar os maus costumes e dedicar à penitência e à fuga (PAIVA, 2003, p. 34).

Paiva descreve o período pré-cabralino como uma época em que a educação acontecia dentro da vida e da comunidade:

O período pré-cabralino teve sua educação própria, baseada nos princípios de sobrevivência material, cultural e social. Dava-se no dia-a-dia com objetivos práticos: na prática da caça para a aquisição do alimento; nas atividades com formação bélica e nos ritos por meio do exercício dos cantos, danças e outros atos de cultura acumulada de forma imemorial. Estado, sociedade, vida e educação praticamente se identificavam, tornando a escola desnecessária e inviável (PAIVA, 2003, p. 31).

Esse autor dá a entender que já havia uma cultura criada e ordenada para os índios que aqui viviam.

Os jesuítas por seu lado, se incumbiram de formar o homem do Novo Mundo pautado pelos princípios do catolicismo e os da corte portuguesa:

O serviço de Deus e o serviço d'El-Rei eram os parâmetros das ações sociais e obrigavam a manutenção das letras, como eram entendidas à época. Por isso, não há do que se espantar com o colégio jesuítico em terras brasileiras: baluarte erguido no campo da batalha cultural, cumpria com a missão de preservar a cultura portuguesa” (LOPES; FILHO; VEIGA; 2000, p. 44-45).

Ao mesmo tempo que havia um ambiente rude e austero de disciplina europeia, havia também a preocupação de formar os novos religiosos da Companhia de Jesus:

Tendo como objetivo sagrado a propagação da fé cristã, nos moldes católicos, a educação jesuítica impunha aos alunos a “santa obediência”. A aprendizagem se dava pela repetição e pela memorização do conteúdo repassado pelos mestres. Na vertente da formação humanista, o currículo elaborado e adotado pela Companhia de Jesus para aplicação em todo o mundo era composto de latim, gramática portuguesa, retórica, filosofia e outros componentes do *ratio Studiorum*, ou plano de estudos, documento que determinava os princípios, fundamentos e funcionamento de sua escola (PAIVA, 2003, p. 32).

Regis de Moraes traça um considerável perfil a respeito do processo de implantação da educação no país. Para ele:

Ver-se-á que, muito infelizmente, a história de nossa educação é a história de uma vasta precariedade. A educação que tivemos e temos se mostra uma consequência imediata das situações políticas e econômicas que tivemos e temos. Quando a sustentação infra-estrutural é vacilante, toda a superestrutura se faz precária e pouco sólida (MORAIS, 1989, p. 91).

Essa referência induz-nos a crer que o Brasil, com isso, há mais de 500 anos, vem sendo penalizado com a produção de milhões de homens e mulheres infelizes e incapacitados para conviverem numa sociedade que o tempo todo tem lhes negado dignidade e cidadania.

Estão condenados/as a uma vida sem futuro porque o passado não lhes ofereceu os direitos comuns de um/uma cidadão/ã. O próprio Regis dá uma mostra:

Assim, povos submissos são aqueles que têm carecido de poder sobre sua vida, que têm sido impedidos de decidir seus passos no movimento que os levaria a realizar e esgotar sua vocação histórica (MORAIS, 1989, p. 91).

A afirmação desse autor Regis é tão contundente que em pleno século XXI o Brasil ainda não encontrou um modelo definitivo de educação inclusiva e que abra o caminho de acesso a todo/a cidadão/ã.

Já Rui Barbosa, registra Morais, no final do século XIX, no prefácio de uma das suas obras, falava de um Brasil desprovido de ética e responsabilidade para com seus cidadãos. Para Morais, as palavras que esse grande estadista proferiu há 100 anos ainda não perderam o prazo de validade e continuam atuais:

Um governo pusilânime e, pior que isto, campeão na permissividade às corrupções; os padrões dedicados a educar os cortesãos; a magistratura alheia à injustiça e dada às paixões; a falência iminente do Estado brasileiro; irresponsabilidade em todos os graus hierárquicos; a mentira nas urnas e no orçamento; clima de covardia e hipocrisia institucionalizadas (MORAIS, apud Barbosa, 1989, p. 93-94).

O antropólogo e professor Darci Ribeiro conhecia em profundidade o que ocorreu no Brasil em relação ao colonialismo cultural. Ele não cansou de desejar e esperar que o futuro do Brasil fosse promissor pela sua riqueza étnica. Na sua obra *O Povo Brasileiro - A formação e o sentido do Brasil* não cansou de dizer que seria preciso fazer, interagir e pensar o Brasil dentro de um reforço da unidade étnico-nacional:

Assim, se preservará, possivelmente, algo do colorido mosaico que hoje enriquece o Brasil pela adição, às diferenças de paisagem, de variações de usos e costumes de uma região a outra, através da vastidão do território (RIBEIRO, 2001, p. 249).

Educador que era, com certeza sua mente abrigava o ideal de uma educação de um povo voltado para a busca de um destino comum a todas as raças:

Um povo, até hoje, em ser, na dura busca de seu destino. Olhando-os, ouvindo-os, é fácil perceber que são, de fato, uma nova romanidade, uma romanidade tardia mas melhor, porque lavada em sangue índio e sangue negro”. (RIBEIRO, 2001, p. 453).

Se a realidade do passado foi construído num contexto histórico que não pode ser negado, o Brasil, hoje, aos poucos vai tendo a coragem de passar a sua história a limpo e está se dando conta de que, ao negligenciar o conhecimento construído pelos índios e negros, desconsiderou grande parte da memória desses povos. É preciso urgentemente resgatá-lo.

Não sem razão, pois, essa história é testemunho de que a educação está sendo chamada para uma educação libertadora, chamamento esse feito por Freire durante toda a sua vida, como pudemos constatar.

Nessa perspectiva libertadora, o já referido teólogo Leonardo Boff, ao abordar o cuidado com os pobres, oprimidos e excluídos, reforça a influência exercida pela força política desse paradigma da educação:

A libertação dos oprimidos deverá provir deles mesmos, na medida em que se conscientizam da injustiça de sua situação, se organizam entre si e começam com práticas que visam transformar estruturalmente as relações sociais iníquas. A opção pelos pobres contra a sua pobreza e em favor de sua vida e liberdade constituiu e ainda constitui a marca registrada dos grupos sociais e das igrejas que se puseram à escuta do grito dos empobrecidos que podem ser tanto os trabalhadores explorados, os indígenas e negros discriminados, quanto as mulheres oprimidas e as minorias marginalizadas, como portadores do vírus da Aids ou de qualquer outra deficiência. Não são poucos aqueles que não sendo oprimidos se fizeram aliados dos oprimidos, para junto com eles e na perspectiva deles empenhar-se por transformações sociais profundas (BOFF, 2003, p. 141).

Nesse cenário, a educação então ganha um papel de destaque no processo de passar o Brasil a limpo, apesar das altas taxas de desemprego e significativa grande exclusão social. Caberá, pois, à educação preparar o homem brasileiro para enfrentar os novos desafios da sociedade contemporânea. Homens e mulheres terão que descobrir suas competências e, no seu dia-a-dia, fazendo interferências para transformar a sociedade ao seu redor.

Como não poderia deixar de ser, Paulo Freire apostava a educação como forma de intervenção no mundo. Para ele, a educação é um direito inalienável do indivíduo; em razão desse direito, ele tem o dever de intervir no processo de libertação e transformação:

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento (FREIRE, 2004, p. 98).

A própria UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) se manifesta dizendo ser importante que as universidades e as outras instituições de ensino superior tenham consciência do seu papel como criação, transferência e aplicação de conhecimentos e para a formação e capacitação adicional do indivíduo, como também para o avanço da educação em todas as suas formas e níveis.

A UNESCO também destaca que a educação não deva ser compreendida apenas como um único fim em si mesma. Ela deve ser o caminho que conduz todas as pessoas ao exercício da cidadania, ao controle de suas vidas e do ambiente social em que estão inseridas:

Alcançar o status de cidadania plena não é um evento único para homens e mulheres. Deve-se dar atenção à maneira como a participação cívica de homens e mulheres pode ser estimulada por meio de estilos de ensino e de aprendizagem. Tanto meninos como meninas precisam de oportunidades para adquirir a percepção de sua própria capacidade de intervenção - de ter o controle sobre suas vidas e sobre o ambiente social onde vivem. [...] Tanto as

meninas quanto os meninos necessitam de estímulos para experimentar as possibilidades das ações humanas, e deve-se permitir que participem plenamente na experiência de aprendizagem sem receio de intimidações, violência, marginalização ou impossibilidades de manifestação³⁵.

Edgar Morin (2002, p. 11), pensador e intelectual francês, ressalta que “a educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas”.

6.1 Educação Não-Formal

Estudos de Maria da Glória Gonh recordam que a educação não-formal nos anos 70 foi definida como uma atividade educacional organizada e sistemática que acontecia fora do sistema formal de educação escolar institucional, visando atingir a aprendizagem de diversos grupos da população: adultos e/ou crianças.

Para essa educadora a educação não-formal era vista somente como:

Programas ou campanhas de alfabetização de adultos cujos objetivos transcendiam a mera aquisição da compreensão de leitura e da escrita e se inscreviam no universo da participação sociopolítica das camadas populares, objetivando integrá-las no contexto urbano-industrial (GONH, 2001, p. 91).

Os trabalhos de Gonh sobre educação não-formal e cultura política nos descrevem:

Até os anos 80, a educação não-formal foi um campo de menor importância no Brasil, tanto nas políticas públicas quanto entre os educadores. Todas as atenções sempre estiveram concentradas na educação formal, desenvolvida nos aparelhos escolares institucionalizados. Em alguns momentos, algumas luzes foram lançadas sobre a educação não-formal, mas ela era vista como uma extensão da educação formal, desenvolvida em espaços exteriores às unidades escolares (GOHN, 2001, p. 91).

³⁵ Relatório de Monitoramento Global 2003 – 2004. Gênero e Educação para Todos: o salto para a igualdade. UNESCO/Ed. Moderna, 2004. P. 29.

Chegando aos anos 90, a educação não-formal passou a ser considerada apenas como uma espécie de conjunto de processos delineados para alcançar a participação do indivíduo e de grupos em áreas denominadas extensão rural, animação comunitária, treinamento vocacional ou técnico, educação básica, planejamento familiar, etc.

Só a partir dessa década que essa importante vertente da educação geral ganha notoriedade. Notoriedade devido às mudanças ocorridas no campo da economia, no âmbito da sociedade e do mundo do trabalho. Com isso, conforme explicita Gonh:

Passou-se a valorizar os processos de aprendizagem em grupos e a dar-se grande importância aos valores culturais que articulam as ações dos indivíduos. Passou-se ainda a falar de uma nova cultura organizacional que, em geral, exige a aprendizagem de habilidades extra-escolares (GONH, 2001, p. 92).

Com o avanço do Terceiro Setor na sociedade brasileira, a partir das experiências dos movimentos sociais já na década de 70, inúmeras ONGs vêm contribuindo para o acesso ao conhecimento. Marilda Aparecida Behrens, respeitável defensora de um Paradigma Emergente na prática pedagógica brasileira, defende que:

As necessidades da sociedade globalizada para os profissionais do futuro – e o futuro está sendo gestado agora – exigem pessoas competentes, críticas, reflexivas, que detenham autonomia de produção e espírito empreendedor. Que esse profissional, ao ser criativo, seja reflexivo e comprometido, tornando-se um cidadão que se preocupa com a qualidade de sua vida e de sua comunidade (BEHRENS, 1999, p. 100).

Com o surgimento desse novo Paradigma Emergente na educação, assentado no pensamento de Paulo Freire, na visão sistêmica do ensino e do desenvolvimento de pesquisas, somos chamados a nos colocar com eticidade perante o mundo; e no sonho utópico como cidadãos, seremos levados a intervir no mundo como um todo e formaremos cidadãos capazes de fazer frente aos desafios que surgem. Utopia essa alimentada por Milton Santos, referindo-se ao modelo tradicional de educação:

Sua finalidade cada vez menos buscada e menos atingida, é a de formar gente capaz de se situar corretamente no mundo e de influir para que se aperfeiçoe a sociedade humana como um todo. A educação feita mercadoria reproduz e amplia as desigualdades, sem extirpar as mazelas da ignorância. Educação apenas para a produção setorial, educação apenas profissional, educação apenas consumista, cria, afinal, gente deseducada para a vida (SANTOS, 2000, p. 126).

Cabe ressaltar aqui que a educação não-formal não exclui o papel da educação formal. A educação formal está sempre relegada aos que usufruem de uma educação vinculada a instituições ou espaços considerados os mais adequados para educar. Todavia, a produção do conhecimento e o processo de aprendizagem podem muito bem ocorrer onde a curiosidade pelo saber é provocada.

A luta para a construção de um Brasil melhor no âmbito da educação formal e não-formal, deverá partir de toda a sociedade: governos, universidades, ONGs e agentes envolvidos em sonhos de mudança e luta.



Foto 27 - Oficina de artes plásticas na Rua da Igreja, com o arte-educador Tarcísio Brum, de camisa amarela.

Conceição Paludo (2001, p. 158) comunga de um esforço e iniciativa maior para que a educação aconteça dentro de diferentes ações para que a aprendizagem ocorra. Para ela é preciso valorizar a educação formal e a não-formal; a educação infantil, a educação profissional e a educação de jovens e adultos.

Vale lembrar que o sentido maior da educação, seja ela formal e não-formal, é o de possibilitar, aos homens e mulheres, a construção de competências para que se sintam sujeitos políticos da intervenção histórica sobre a vida e o mundo.

7. O PROJETO CAMPUS DAS ARTES

Em 2001, a Fundação Abrinq abriu seu edital para que as organizações sociais da cidade de São Paulo se inscrevessem no Projeto Geração Jovem. O objetivo era subsidiar técnica e financeiramente iniciativas e projetos que atendessem adolescentes entre 12 e 18 anos, na perspectiva da participação e atuação juvenil dentro da sua comunidade.

A idéia central que moveu o Geração Jovem é que cada projeto apoiado deveria desenvolver, durante um ano, atividades e oficinas que proporcionassem aos jovens aquisição ou extensão de conhecimentos nas temáticas escolhidas. As atividades, também, deveriam buscar o estreitamento das relações desses jovens com a comunidade e criar maneiras de eles intervirem nesse espaço. [...] Os adolescentes voltaram seus olhares para os locais onde vivem e foram estimulados a se perceberem como pertencentes a essas comunidades e como portadores de potencial para mudar suas realidades³⁶.

Os projetos inscritos deveriam trabalhar com um ou mais dos seguintes temas: pluralidade cultural, cultura nordestina, arte, meio ambiente, saúde, memória e história, mobilização cultural e comunicação. Os conteúdos precisariam ser desenvolvidos por meio de diversas técnicas e linguagens artísticas: teatro, dança, educação ambiental, fotografia, vídeo, mosaico, trabalho com argila, máscaras, grafite e artes plásticas em geral. Para participar do projeto os jovens deveriam freqüentar escola e participar ou ter participado de atividades da organização à qual estivessem filiados.

O Projeto Geração Jovem teve a duração de dois anos e foi estruturado em duas fases. A primeira fase ocorreu no período de abril de 2002 a março de 2003, apoiando seis projetos da Região Metropolitana de São Paulo e beneficiando 243 adolescentes. A segunda fase, que ocorrera no período de dezembro de 2002 a dezembro de 2003, apoiou mais nove projetos concomitantes: seis da cidade de São Paulo e três da cidade de Campinas, beneficiando um total de 308 jovens adolescentes.

³⁶ Dados extraídos da publicação Juventude Presente: Lições do projeto Geração Jovem, da coleção Dá Pra-Resolver – Fundação Abrinq Pelos Direitos da Criança e do Adolescente. 2004, p. 12.

Segundo Rubens Naves, diretor presidente da Fundação Abrinq, a idéia central era apoiar e desenvolver iniciativas que, utilizando diferentes linguagens e temáticas, gerassem impacto na comunidade e uma participação ativa do jovem, desde a concepção do projeto à sua execução e avaliação.

O Projeto Geração Jovem surgiu como uma grande oportunidade para o jovem adolescente desenvolver por meio das artes, um espírito de cidadania e a consciência de uma ação transformadora. Em suma, fazer desabrochar o protagonismo juvenil. Naves comenta:

Diante de tantas e tamanhas carências a que o jovem brasileiro está exposto, a capacitação para a competitividade do mercado de trabalho e da vida é uma conquista para poucos. Por isso, é inegável a contribuição de grande parte das iniciativas que oferecem preparação para o trabalho a esses meninos e meninas. Mas esta não deve substituir ou se transformar em sinônimo de educação e alcance de cidadania. A busca da qualificação profissional não pode ofuscar a dimensão do sonho, componente indissociável da formação do indivíduo. Devemos, definitivamente, garantir aos jovens a possibilidade de sonhar. De enxergar as cores e a música que se escondem, muitas vezes, sob a realidade³⁷.

Embora esse comentário enfoque o aspecto competitivo do mercado de trabalho, os projetos desenvolveram competências nos jovens como a da cooperação, conseguindo assim, criar entre eles um ambiente de muita troca de idéias e experiências.

Além das atividades que eram implementadas em cada comunidade, segundo os objetivos de cada projeto, o Geração Jovem contou com dois grandes encontros entre as organizações participantes; todos ocorridos na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) de São Paulo. O primeiro encontro aconteceu em abril de 2003 com 250 jovens representando seis organizações da cidade de São Paulo. O segundo, ocorrido em novembro

³⁷ Dados extraídos da publicação Juventude Presente: Lições do projeto Geração Jovem da coleção Dá Pra-Resolver – Fundação Abrinq Pelos Direitos da Criança e do Adolescente. 2004, p. 06.

de 2003, contou com 270 adolescentes. Os objetivos dos dois encontros eram proporcionar oportunidades de diálogo e troca entre os adolescentes.

Os jovens da favela de Vila Prudente, participantes do Campus das Artes, como a maioria dos jovens das favelas espalhadas pelo Brasil, encontravam sem trabalho e alguns afastados dos estudos. Demonstravam um certo medo da oferta do “dinheiro fácil” ofertado pelo mundo do tráfico. A esse respeito, Feltran comenta:

Os caminhos da vida melhor são cada vez menos claros para os habitantes jovens das periferias das grandes cidades, porque eles percebem pelo quanto transitam pela cidade, que essa noção significa hoje nada mais do que a inserção em um (sub)emprego, para poderem consumir as roupas de marca ou os produtos da juventude, voltados ao mercado que esses jovens alimentam (FELTRAN, 2005, p. 172).



Foto 28 - Adolescente participante do Projeto Campus das Artes durante mostra de trabalhos no Instituto Tomie Ohtake.

Nesses encontros ocorridos na ESPM, foi montada uma exposição mostrando os resultados com a oficina de escultura em argila onde os jovens construíam a figura das suas cabeças. A oficina de argila foi conduzida por dois jovens diante dos interessados presentes nos encontros.



Foto 29 - Jovem da oficina escultura em argila, durante encontro na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM).
Foto: Acervo CCVP.

O trabalho do “Campus das Artes”

A exposição “Arte Favela” é fruto do trabalho desenvolvido pelos participantes do Campus das Artes. O projeto foi elaborado por Antonio Marcos da Silva, coordenador do Centro Cultural Vila Prudente – fundado e dirigido pelo padre Patrick Joseph Clarke – e tem como arte-educadoras Rachel Guedes e Cláudia Straccia.

Realizado durante as aulas do próprio Centro Cultural da Vila Prudente, o projeto é patrocinado pela Lucent Technologies Foundation, por intermédio da Fundação Abrinq, e recebe apoio da organização não governamental MDF – Movimento de Defesa do Favelado.

Os adolescentes que participaram do trabalho

Adriana Viana dos Santos • Adriano de Souza Estevo
 André de Souza • Bruno Oliveira dos Santos
 Carlos José Alves • Crislaine Aparecida da Silva Santos César
 Denis dos Santos Nascimento • Domeciano Ulisses dos Santos
 Edmar Xavier dos Santos • Fernandes Pereira da Silva
 Gilson Alves da Silva • Jucileide Alves Pereira de Souza
 Leonardo Melo Pereira • Luciana Naiane dos Santos Oliveira
 Manoel Monteiro de Lima Neto • Marcelo de Souza e Silva
 Renan Santos Lima • Ronaldo Lourenço da Silva
 Thaís Aparecida dos Santos • Wesley Marques Dirceu

Agradecimentos

Carlos Verna e equipe do Galpão da Pizza
 Selma Perez • Renata Buono

Apoio



Figura 30 - Cartaz da exposição Arte Favela exposto no Galpão da Pizza, na Vila Olímpia.
 Acervo: CCVP

A exposição
Arte Favela

Entender, gostar e fazer
arte – na favela. No início do trabalho,
o estranhamento bom, ainda que difícil.
No final, obras de uma beleza
Tocante e pura. Durante
as aulas, histórias que nunca haviam sido ouvidas,
técnicas nunca antes imaginadas,
parcerias nunca antes realizadas,
possibilidades que nunca tinham
sido sonhadas. A educação como ponto
de equilíbrio entre o processo
de criação artística e o produto final.

Em um ano, adolescentes moradores
da Favela da Vila Prudente
fizeram descobertas que vão além
da arte exposição
por eles batizada “Arte Favela”.
Nas esculturas, nas telas, no papel
e nas imagens em movimento,
o tema “olhar para a favela
e para os próprios moradores do lugar”
aparece em traços fortes
de personagens únicos, nas histórias
de quem vive esse dia a dia e nas cores
que tingem não só a madeira e o tijolo
das casas pequenas, mas também
a imaginação de possíveis artistas³⁸

³⁸ Texto de abertura para a exposição Arte Favela montada ao final do projeto Campus das Artes no restaurante Galpão da Pizza no bairro Vila Olímpia, São Paulo.

7.1 Descrição e Análise

7.1.1 Os aspectos artísticos

A implantação do Projeto Campus das Artes: a favela como espaço antropológico da arte, em 2002, na favela de Vila Prudente, foi realizado através do Centro Cultural Vila Prudente em parceria com a Fundação Abrinq. Seu objetivo primeiro foi propiciar aos jovens participantes oportunidades de desenvolver competências artísticas dentro da comunidade por meio das artes plásticas, e, ao mesmo tempo, conscientizá-los para exercer o protagonismo no seu ambiente de vida. Sendo assim, os/as adolescentes poderiam contribuir de forma decisiva para um desenvolvimento pessoal, coletivo e comunitário, vendo a favela como não só o lugar onde moram mas compreender os mecanismos que muitas vezes os fazem Seres Menos. Tratava-se de jovens que não conseguem uma promoção humana dentro da sociedade, vítimas de um olhar preconceituoso por parte de muitos indivíduos que muitas vezes os vêem apenas como seres que não querem nada em relação ao seu futuro. Deixam de conviver com uma boa parcela da nossa sociedade, esses jovens, que quase sempre desejam compreender o mundo em que vivem e receber uma contribuição para um futuro melhor.

O projeto também quis ser “um outro olhar sobre a favela”, pois foi visto e trabalhado a partir de vivências e experiências concretas amadurecidas pelo CCVP ao longo dos seus anos no interior da favela. A sua elaboração foi fruto de uma longa inserção do Centro Cultural Vila Prudente na comunidade. Vimos que o ambiente em que foram desenvolvidos os trabalhos não se limitaram às pequenas salas que o projeto ocupava; aconteceu também no interior da comunidade com suas gentes e suas histórias. Foi possível, sob o aspecto de uma busca antropológica, colher farto material estético de dentro do ambiente da própria favela.

O Campus das Artes atuou na área das artes visuais, incluindo o universo estético e ético da comunidade na formação dos adolescentes e no seu trabalho artístico. Dessa forma, a arte foi uma ferramenta para inserir os jovens na sua comunidade, mantendo, assim, a mesma dinâmica de alguns projetos anteriores, quer seja, revelar para incluir.

Tal proposta educativa que envolve as artes vai ao encontro da formação integral do homem defendida pelo professor e artista plástico Norberto Stori:



Foto 31 - Participantes do Projeto Campus das Artes, durante visita ao Museu de Arte Moderna – MAM.

Mas o fato de a arte e a beleza serem constitutivas de um dos parâmetros essenciais e indispensáveis ao homem é a melhor garantia de que, introduzidas na educação, quer no seu aspecto reprodutivo quer no contemplativo, se esteja trabalhando para a formação integral do homem. Se pretendemos contribuir para a formação de cidadãos e para a melhoria da qualidade da educação escolar artística e estética, é preciso que organizemos nossas propostas de tal modo que a arte esteja presente nas salas de aulas e se mostre significativa na vida das crianças e dos jovens (STORI, 2003, p. 52).

Seu público-alvo foi constituído de 20 jovens adolescentes na faixa etária dos 14 aos 21 anos, moradores da favela, tendo ou não frequentado o Centro Cultural Vila Prudente.

Diariamente, os adolescentes envolvidos com o projeto freqüentavam o ateliê de artes trabalhando com diversas técnicas artísticas: pintura, desenho, cerâmica, mosaico, linoleogravura, fotografia e vídeo, sucata; além de terem conhecido um pouco sobre a história da arte e de alguns pintores renomados. As oficinas propunham discutir temas ligados à vida desses adolescentes e da comunidade onde viviam, para, em seguida, serem conduzidos e trabalhados sob a orientação dos arte-educadores que acompanhavam o projeto. Assim, foi possível desenvolver um estudo da estética da favela e descobrir que era

possível construir um outro olhar e uma outra história, mesmo morando naquele ambiente de exclusão social.



Foto 32 - Participantes do Campus das Artes durante oficinas de artes plásticas no CCVP.

Foto: Acervo CCVP.

Destaque especial se deve ao aprendizado do desenvolvimento da técnica do mosaico com os adolescentes. Com efeito, possibilitou o começo de uma grande paixão por esta arte milenar tão antiga na história das culturas e que até hoje segue encantando muita gente.

Vera Fraga Leslie (2001) em sua obra *Lugar Comum*, comenta como o mosaico possibilita uma intervenção comunitária por meio da arte; o ato de produzir o mosaico proporciona prioritariamente a jovens e crianças de escolas públicas e privadas e de diferentes entidades sociais o milagre da percepção artística, ética, estética e cidadã.

O mosaico foi muito utilizado por Antonio Gaudí, arquiteto espanhol que levou essa arte a novos patamares, literalmente, revestindo prédios, bancos de jardim e até telhados em Barcelona. Gaudí abriu caminho para outros artistas utilizarem o mosaico, seja na arquitetura de edifícios, seja nos espaços públicos.

Leslie Viney é outra especialista nessa arte. Segundo ela:

O método de construção do mosaico não sofreu alterações significativas ao longo dos séculos e, apesar de ser uma antiga forma de arte, agüentou o teste do tempo e tem, presentemente, uma crescente popularidade como processo artesanal versátil e contemporâneo (VINEY, 2003, p. 6).



Foto 33 - Fachada do prédio 1 Darci Ribeiro decorado, com mosaico feito por crianças, Jovens e membros da comunidade de Vila Prudente.

Em São Paulo, o Projeto Cidade Escola Aprendiz, localizado no bairro Vila Madalena executou o projeto “100 muros”. Ao longo de 30 meses vários jovens se dedicaram à construção de mosaicos em muros autorizados para aplicarem a obra.

Depois de terminado o Projeto Campus das Artes, o mosaico continuou como um projeto independente no CCVP sendo aplicado nas fachadas dos quatro prédios que compõem os seus espaços. Os primeiros que foram realizados ao longo do Campus das Artes foram fixados numa parede da sala de recepção do CCVP, que também acabou fazendo parte do acervo.

Hoje o mosaico está presente em todos os espaços do Centro Cultural onde conta a história dos seus realizadores, mostra a identidade coletiva do projeto e está somado ao

trabalho das reformas realizadas sob a coordenação do arquiteto Victor Lotufo que toma como inspiração para os seus projetos arquitetônicos a obra de Gaudí.

No 5º Fórum Social Mundial de 2005, realizado em Porto Alegre, o CCVP levou três jovens participantes do Campus das Artes; foram para ministrar a oficina “Mosaico de Todos os Povos”. A “matéria-prima” eram vários azulejos encontrados em caçambas de entulho espalhadas pela cidade de São Paulo. Em Porto Alegre a proposta foi construir um mosaico montado por pessoas de várias partes do mundo. No término desse evento foram trazidas para São Paulo várias placas de mosaico construídas por pessoas de diferentes países, tendo sido espalhadas pela favela.



Foto 34 – Guto Lakaz dialogando com participantes do Campus das Artes.
Foto: Acervo CCVP

Guto Lacaz, artista plástico, esteve no Centro Cultural Vila Prudente no dia 31 de julho de 2002; foi falar sobre sua vida e sua obra para os/as adolescentes do Campus das Artes. O encontro foi na brinquedoteca da Creche Júlio César que fica ao lado do CCVP, dentro da favela. Discorreu sobre a sua relação com a arte, o desenho e equilíbrio. No final da apresentação, presenteou-nos com o seu livro: *Desculpe a Letra*.

Lakaz, nessa experiência de troca, ao visitar um grupo de adolescentes em uma das maiores favelas de São Paulo, contribuiu para desmitificar que o artista é um ser distante, “sobrenatural”. Sua contribuição foi dizer aos jovens que o caminho da arte necessariamente passa pelo encontro de histórias de vida. Não é produto individual. Ela traz no seu bojo o somatório de experiências de vida, confirmando o que Paulo Freire dizia com veemência: “Ninguém aprende sozinho. Todos nós aprendemos em comunhão”. Ou como Guimarães Rosa sabiamente escreveu: “Mestre não é quem ensina, mas quem de repente aprende”.

Houve outros momentos de proveitoso diálogo entre os adolescentes e artistas convidados, ou entre mesmo com as/os arte-educadoras/os do projeto. Foram diálogos como estes que deram um novo sentido na relação dos participantes com o Centro Cultural e com a comunidade. Perceberam que pelo diálogo acontece o encontro entre todas as pessoas e que, para Freire, é necessário para estabelecer uma relação saudável com o mundo e dar-lhe qualidade:

O diálogo não pode existir sem um profundo amor pelo mundo e pelos homens. Designar o mundo, que é ato de criação e de recriação, não é possível sem estar impregnado de amor e o próprio diálogo. O amor é ao mesmo tempo o fundamento do diálogo. Este deve necessariamente unir sujeitos responsáveis e não pode existir numa relação de dominação. A dominação revela um amor patológico: sadismo no dominador, masoquismo no dominado. Porque o amor é um ato de valor, não de medo, ele é compromisso para com os homens (FREIRE, 1980, p. 83).

Freire concebeu uma visão de diálogo fundamentado na esperança. Para ele:

O diálogo não pode existir sem esperança. A esperança está na raiz da inconclusão dos homens, a partir da qual eles se movem em permanente busca. Busca em comunhão com os outros. [...] Contudo, a esperança é uma forma de silêncio, uma maneira de não reconhecer o mundo e fugir dele. A desumanização que resulta de uma ordem injusta não é causa de desesperança, mas de esperança, e conduz a procurar sem cessar a humanização que a injustiça nega aos homens (FREIRE, 1980, p.84).

O diálogo com mais artistas também se estendeu para fora do Centro Cultural Vila Prudente. O Projeto Campus das Artes propiciou encontros no Instituto Tomie Ohtake supervisionados pela museóloga Gilda Baptista e organizados pela artista plástica Helena Kavalionas. Oito encontros com os artistas Claudio Tozzi, Guto Lacaz, Carlos Matuk, Maria Bonomi e Nuno Ramos aproximaram esses adolescentes dos artistas que os incentivaram a se aprofundar na arte e na criação.

Diversas técnicas foram utilizadas durante as aulas no Instituto Tomie Ohtake, incluindo o uso das bisnagas e a tinta a óleo. O artista plástico Carlos Matuk organizou uma oficina usando somente o *spray*. Na ocasião, Adriano de Souza Estevo, participante do Campus das Artes comentou para a jornalista Selma Perez³⁹, em entrevista para a revista *Educação*⁴⁰, que nunca imaginava que pichação em muros e paredes pudesse ser arte. Matuk nessa mesma reportagem, ao falar sobre o Campus das Artes, comentou que o ganho já aparece na simples possibilidade de os jovens poderem refletir sobre questões artísticas.

Ao final dos encontros no Instituto Tomie Ohtake, foi montada uma exposição com obras dos adolescentes do Campus das Arte e de mais três instituições: Fundação Gol de Letra, Casa 10 e Projeto Arrastão. A venda das obras foi revertida aos adolescentes envolvidos no projeto.

Em outro momento, os adolescentes puseram-se a trabalhar com a argila. A idéia era que eles se soltassem e experimentassem o contato com o barro e, a partir da transformação da matéria (argila) se deparassem com a dimensão estética da obra que iriam criar. Várias máscaras surgiram desse trabalho na oficina. Algumas estão hoje expostas no ateliê do Centro Cultural.

A oficina de argila contribuiu decisivamente para a compreensão dos jovens sobre o que é cultura e até mesmo sobre a importância da presença do CCVP na vida deles como um lugar de fomento da conscientização por meio da cultura e de sua práxis: cultura como ação e reflexão dos homens e mulheres no mundo.

³⁹ Selma Perez é jornalista e roteirista e integrou a equipe voluntária da produção do documentário *Histórias da Vida Real*.

⁴⁰ PEREZ, Selma. Com as próprias mãos: adolescentes produzem quadros, esculturas e documentário sobre vida na favela paulista. Revista *Educação*, São Paulo, v. 06, nº 68, p. 28 – 29, dez. 2002.

Aliás, um texto de Freire define a cultura como ato importante na construção do diálogo entre homens e mulheres e fator de aquisição de conhecimentos e experiências:

A cultura - por oposição à natureza, que não é criação do homem – é a contribuição que o homem faz ao dado, à natureza. Cultura é todo o resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem, de seu trabalho por transformar e estabelecer relações de diálogo com outros homens. A cultura é também aquisição sistemática da experiência humana, mas uma aquisição crítica e criadora, e não uma justaposição de informações armazenadas na inteligência ou na memória e não “incorporadas” no ser total e na vida plena do homem (FREIRE, 1980, p. 38).

No dia 28 de novembro de 2002 foi realizado um encontro com os pais e mães dos participantes no ateliê do CCVP para que eles vissem de perto o trabalho dos filhos junto ao Campus das Artes. O encontro foi marcante porque eles puderam participar da oficina de escultura em argila, trabalhando a confecção de seus rostos. No final houve uma atividade de desenho livre para que eles desenhassem os seus filhos. Aqui o diálogo foi marcado pela ternura e um sentimento profundo de esperança onde pais e mães puderam perceber o que seus filhos almejavam para eles próprios, sua família, o CCVP e a comunidade, ou seja, um outro mundo possível, no qual, através dos desenhos e da oficina de argila, dava-se evasão para o sonho de um futuro melhor para todos.

PROJETO CAMPUS DAS ARTES

1ª REUNIÃO DE PAIS: 28/11/2002 -

atividades

*Dione
Edmar*

- a) ESCREVA O NOME DO SEU FILHO ABAIXO E FAÇA UM DESENHO DELE.
DEPOIS PINTE-O.

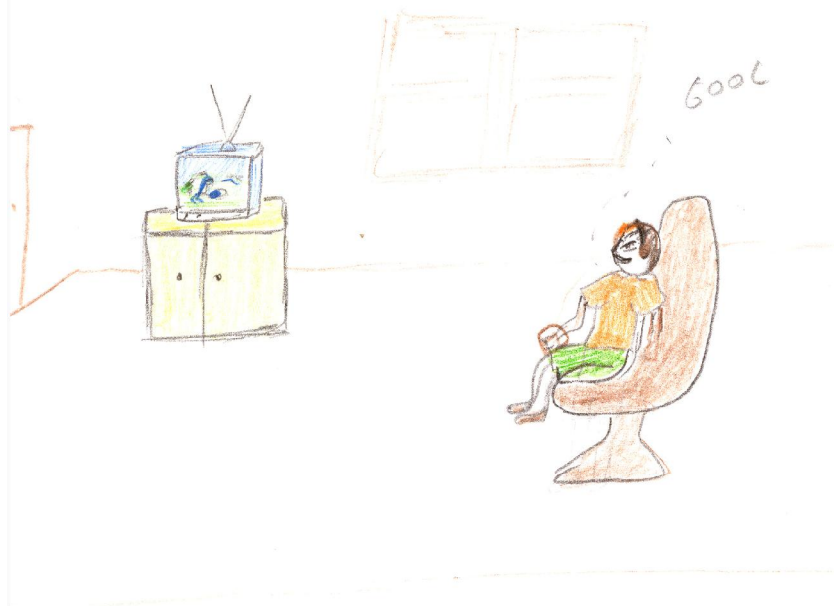


Figura 35 - Desenho feito por mãe dos participantes do Campus das Artes, durante encontro de pais no CCVP.



Figura 36 - Alunos do Campus das Artes, durante visita ao Instituto Tomie Ohtake.
Foto: Acervo CCVP

Com muita razão João Francisco Duarte Júnior comenta:

A experiência que a arte nos proporciona é, sem dúvida, prazerosa. E este prazer provém da vivência da harmonia descoberta entre as formas dinâmicas de nossos sentimentos e as formas do objeto estético. Na experiência estética os meus sentimentos descobrem-se nas formas que lhes são dadas, como eu me descubro no espelho. Meus sentimentos vestem-se com as roupagens harmônicas das formas estéticas. Através dos sentimentos identificamo-nos com o objeto estético, e com ele nos tornamos um (JÚNIOR, 1996, p. 59).

O comentário de Júnior a respeito do prazer que a arte nos possibilita quando a experimentamos, revela-nos o porquê da “entrega” que vivenciamos quando dela nos aproximamos. Passamos a não pensar mais a obra e sim percebê-la; senti-la sem nenhum juízo.

Além das técnicas de pintura e de argila, os alunos/as também experimentaram a técnica da gravura (linoleogravura), feita com placas de isopor. O resultado contou com

imagens sobre o dia-a-dia na favela: crianças jogando bola no campinho, roda de capoeira, torres da Eletropaulo sobre as casas dos moradores, etc.

Como parte dessas experiências foi igualmente apresentado um pouco da história da gravura, desde a chapa matriz de metal que apareceu no século XV e da litogravura (matriz em pedra), surgida no século XVIII, até a linoleogravura, que é do século XIX. A arte da serigrafia já era conhecida há séculos pelos chineses, mas que só apareceu no Ocidente no século XX.

A oficina de fotografia propunha oferecer uma observação participativa sob o aspecto antropológico da comunidade. Cumpre destacar nessa oficina que fora o primeiro contato com a máquina fotográfica e com o ato de fotografar. Os adolescentes percorreram a favela registrando os lugares, os becos, as pessoas e a arquitetura das suas casas, dentro de uma dinâmica que promove a codificação e decodificação da realidade, para, de acordo com a pedagogia de Paulo Freire, provocar mudanças nas pessoas e nessa mesma realidade. Ensina Freire:

[...] como o código é a representação de uma situação existencial, o decodificador tende a passar da representação à situação muito concreta na qual e com a qual trabalha. Assim é possível explicar, por meio de conceitos, por que os indivíduos começam a portar-se de uma maneira diferente frente à realidade objetiva, uma vez que esta realidade deixou de apresentar-se como um beco sem saída e tomou o seu verdadeiro aspecto; um desafio a que os homens devem responder (FREIRE, 1980, p. 31).

Essa tomada de distância da realidade proporcionada pela leitura da codificação permitiu aos jovens verem uma outra favela. Freire, ao falar sobre uma situação vivida em Porto Mont, na Ilha de São Tomé (África Ocidental) comenta:

A “tomada de distância” que a “leitura” da codificação lhes possibilitou os aproximou mais de Porto Mont como “texto” sendo lido. Esta nova leitura refez a leitura anterior, daí que hajam dito: “É, Porto Mont é assim e não sabíamos.” Imersos na realidade de seu pequeno mundo, não eram capazes

de vê-la. “Tomando distância” dela, emergiram e, assim, a viram como até então jamais a tinham visto (FREIRE, 2002 p.33).

As imagens captadas pelos adolescentes foram reveladoras e poéticas. Com efeito, além de revelar o dia-a-dia da comunidade, como revelou detalhes despercebidos e poéticos como um galo em cima de um muro ou um carro vermelho parado na frente de uma casa de dois andares. Os adolescentes perceberam por meio da fotografia que é possível olhar para o mundo e vê-lo sob uma ótica diferente. Andrade, em seu trabalho sobre fotografia e antropologia descreve:

Olhar para o mundo é uma condição; compreendê-lo por meio desse olhar é uma busca eterna, instigante e fascinante. Fascinante porque é pela contemplação da beleza do mundo que nos encantamos e nos apaixonamos. Instigante porque a vontade de mergulhar em seu desconhecido pode nos levar ao diferente e transformar o que estamos viciados a enxergar (ANDRADE, 2002, p. 114).



Foto 37 – Fachada de moradia da favela de Vila Prudente, tirada por jovem, durante caminhada fotográfica pela favela.
Foto: Acervo CCVP.

A fotografia, ao possibilitar percorrer a comunidade e lançar um olhar sobre a arquitetura local, estudando e descrevendo a estética das construções das suas moradias,

destacando os materiais utilizados, suas cores e formas, seria-lhes revelado uma outra maneira de conhecer sua história e suas origens. Seria também, como sonhava Paulo Freire, uma maneira de estar no mundo e fazer história:

A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca. Na verdade, seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse em tal movimento. É neste sentido que, para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem idéias de formação, sem politizar não é possível. (FREIRE, 2004, p. 57).



Figura 38 – Favela retratada através da técnica linoleogravura por André de Souza que participou do Campus das Artes.



Foto 39 – Acrílica sobre tela
“Os cinco caminhos”, pintado por
Fernandes Pereira da Silva durante o
Campus das Artes

7.1.2 Os Aspectos Culturais

A base do Projeto Campus das Artes foi a convicção de que cada participante traria consigo uma experiência de vida e uma leitura do seu viver na favela. Para Paulo Freire, o educador deve considerar que essa “leitura do mundo” inicial que o aluno traz consigo, ou melhor, tem em si, o indivíduo forjou-a no contexto de seu lar, de seu bairro, de sua cidade, marcada fortemente com sua origem social.

Na arte como na educação essa percepção de mundo também é fundamental. Haja vista que, nas comunidades primitivas, o homem não separava a arte da vida, como testemunha João Francisco Duarte Júnior:

Talvez se possa considerar que nas culturas ditas “primitivas” a vida seja mais esteticamente vivida, na medida em que cada ação do indivíduo faz parte de um universo de valores e sentidos, do qual ele tem uma visão abrangente (JÚNIOR, 1988, p. 18).

O físico brasileiro Marcio D’Olne Campos afirma que:

O estreito intercâmbio com o meio ambiente suscita uma primeira leitura, original, que precede - e aliás, permite - a criação de signos e símbolos. A “releitura do mundo” associa-se portanto a um conjunto significante, anterior ao simbolismo do próprio alfabeto (CAMPOS, 1991, p. 5).

Nessa perspectiva, o Campus das Artes teve como objetivo fomentar nos adolescentes e nas adolescentes o interesse pelas artes visuais a partir de uma inserção cultural e política dentro da própria realidade onde vivem para, assim, desenvolverem um olhar, do ponto de vista antropológico, ético e estético sobre essa mesma realidade.



Figura 40 - Detalhes de moradias da favela de Vila Prudente. Estética abordada pelo Projeto Campus das Artes

Os objetivos específicos do Projeto Campus das Artes almejavam: 1^o fazer com que o/a jovem desenvolva e aprofunde os conceitos de cidadania, criando uma participação maior no seu processo de integração e identidade com a própria favela por meio das artes, a partir de uma inserção cultural para a transformação e não para o conformismo; 2^o ver a cultura da arte como forma de conhecimento através da intuição e da consciência; 3^o criar a conscientização e postura crítica em relação às obras com argumentos críticos do ponto de vista ético e estético.

Os conteúdos trabalhados ao longo de um ano com o Projeto Campus das Artes de igual modo levaram em consideração temas de grande significado para os jovens: inclusão social, identidade, conscientização, meio ambiente, cidadania, responsabilidade social, auto-estima, sexualidade. Além dos temas ligados às artes plásticas e visuais já descritos anteriormente, também foi desenvolvida uma oficina de produção de um vídeo documentário intitulado *Histórias da Vida Real*. O vídeo abordava a história da Vila Prudente narrada por vários depoimentos de moradores da favela e funcionários da instituição. A oficina se dava com uma inserção pela comunidade por meio do olhar documental. Com efeito, o documentário, com pouco mais de dez minutos, revelou alguns personagens e moradores que,

entrevistados pelos próprios jovens, falaram das mudanças pelas quais a favela passou, da violência e da vinda deles para São Paulo. Ao falarem sobre suas origens, percebeu-se que muitos vieram das Regiões Nordeste e Norte. Notou-se ainda a presença de alguns mineiros, como o caso de dona Jovelina que veio de Pedra Azul, cidade do Vale do Jequitinhonha.

A metodologia aplicada foi a abordagem antropológica, numa linha freireana, na qual foi considerado o profissional dentro da sua ética pelo trabalho e a sua bagagem cultural, profissional e humana. O aporte humano do aluno/a, porque antropológico, foi o que mais nos ajudou a desenvolver um método de trabalho em que foram consideradas a sua vivência e experiência de vida, possibilitando uma troca entre as arte-educadores e os jovens adolescentes envolvidos no projeto.

O envolvimento com a comunidade possibilitou uma constante troca de idéias e o diálogo a que o projeto se propunha fazer. Foram realizadas visitas às famílias dos envolvidos no projeto, leitura da realidade cotidiana dos becos, casas e prédios, além das conversas em torno de temas ligados ao cotidiano dos moradores que trabalham e vivem no ambiente da favela.

Paulo Freire, que introduziu o uso dos computadores nas escolas municipais de São Paulo, dava muita importância ao uso das novas tecnologias na educação. Considerou-as como “leitura do mundo” ou “gravação do mundo”. Incentivou muito o uso do gravador, da máquina fotográfica, do vídeo e do computador posteriormente a 1986:

Grave os homens e as mulheres mais velhos e velhas da nossa redondeza. Essa é uma proposta bem africana, não? “Gravem, conversem com eles sobre o que é que eles diriam da nossa redondeza, tomem seu testemunho sobre o que tem ocorrido aqui, nesses trintas anos, por exemplo.” Essa seria uma sugestão do educador. Mas ele também poderia deixar a criança livre, para ela gravar o seu mundo em função do seu gosto, da sua temática, da sua curiosidade (FREIRE, 1986 , p. 45).



Foto 41 - Igreja São José Operário, no interior da favela Vila Prudente. Cenário para o filme “Carandiru” de Hector Babenco.

Para Freire, o uso dessas tecnologias estaria contribuindo para o processo ensino-aprendizagem porque criam ambientes interativos propiciados pelo uso de recursos audiovisuais.

O professor português José da Silva Ribeiro, da área da antropologia visual, também argumenta a favor do uso do documentário na área da produção científica, contribuindo para o desenvolvimento das sociedades contemporâneas:

A utilização do filme científico para grandes públicos tem a ver com o desenvolvimento das sociedades contemporâneas. Por um lado, contribui para a mobilização das competências profissionais, para o desenvolvimento; por outro, antecipa a chegada às instituições escolares dos novos saberes e tecnologias, pela informação e demonstração, motiva para a criação de ateliers e clubes científicos, estágios e formação de animação científica, susceptíveis, eles próprios, de serem mediatizados e divulgados (RIBEIRO, 2004, p. 64).

7.1.3 Os Aspectos da Elaboração do Documentário

Com a intenção de dirigir o olhar para a favela, como referido anteriormente, os alunos tiveram ao longo de doze encontros, aulas de roteiro, fotografia, edição e o manuseio da câmera filmadora. As aulas foram ministradas por profissionais atraídos pelo projeto. O primeiro passo foi saber o que é um documentário através de sessões com alguns filmes e documentários: *Central do Brasil*, *Cabra Marcado para Morrer*, e algumas produções do DOC TV.



Foto 42 - Gravação do documentário “Histórias da Vida Real”. Interior da favela de Vila Prudente.
Foto: Acervo CCVP

O filme foi muito bem recebido pelos jovens por contar a história de Dora, interpretada pela atriz Fernanda Montenegro que fazia o personagem da mulher que escrevia cartas para os analfabetos na Estação Central do Brasil, no Rio de Janeiro. Dora ajuda o menino Josué a encontrar seu pai depois que a mãe morre atropelada. Os dois empreendem uma viagem pelo interior do nordeste do Brasil.

Cabra Marcado para Morrer, de Eduardo Coutinho é um ótimo documentário nacional e um dos trabalhos que mais tem influenciado a cinematografia documental brasileira. Feito com pessoas comuns, Coutinho retorna à cidade de Galiléia para reencontrar

os primeiros participantes do filme em 1964. Durante as gravações, o povo fala com a câmera registrando tudo. No filme, o povo discute problemas pertinentes e que persistem ainda hoje, como por exemplo, reforma agrária, distribuição de riquezas, direito dos trabalhadores rurais, invasão de terras, migração, ditadura e injustiça. Coutinho disse que quis produzir um filme para repudiar qualquer tipo de governo. Para ele, nenhum governo presta para o pobre. Esteticamente, o filme é hoje objeto de estudo em todas as salas de aulas das faculdades de cinema do país. *Cabra Marcado para Morrer* é um documentário feito com indignação.

O DOCTV é um programa da TV Cultura que tem como objetivos gerais a regionalização da produção de documentários, a articulação de um circuito nacional de teledifusão e a viabilização de mercado para o documentário brasileiro. São exibidos documentários de produções independentes.

No nosso caso, a proposta para o curso de vídeo documentário teve como tema o resgate das origens dos moradores da favela de Vila Prudente. O registro sobre a memória da favela seria feito pelos próprios adolescentes envolvidos com o projeto.

Seu objetivo foi estimular os alunos e as alunas a descobrirem e a desvendarem, por meio de entrevistas, os aspectos positivos do lugar em que vivem – que poderiam ser a própria casa, uma pessoa importante, influente ou querida, ou um local - onde acontece ou aconteceu algo significativo e marcante. A idéia foi incentivar os próprios adolescentes a esquadriharem seus pontos de interesse na favela e ao mesmo tempo, resgatando suas raízes. As imagens gravadas no equipamento de vídeo resultaram no documentário *História da Vida Real*, assim chamado pelos próprios adolescentes.

A esse propósito, cumpre trazer aqui o desafio apontado pelo documentarista Michael Rabiger⁴¹ no livro *O Cinema do Real* de Amir Labak (2005, p. 54), é o de “produzir documentários que encontrem maneiras novas e individuais de contar histórias, com vigor em suas narrativas”.

⁴¹ Michael Rabiger trabalhou como editor de cinema nos estúdios Pinewood e Shepperton (Inglaterra). Diretor de documentários da BBC de Londres. Foi professor titular do Departamento de Cinema e Vídeo no Columbia College, em Chicago. Dirigiu e editou 35 filmes. Foi também professor na Tisch School of Arts, da Universidade de Nova Iorque.

A produção do documentário foi um grande estímulo para provocar nos jovens a curiosidade. Aliás, Paulo Freire valoriza o uso do vídeo como importante instrumento de cultura e aprendizagem nas camadas populares:

Uma das coisas bacanas que a gente poderia fazer era criar nas áreas populares milhares de clubes para ver a televisão e discutir os programas desse país. Ver criticamente, discutir inclusive a propaganda, discutir a discriminação racial, sexual, religiosa, dentro dessa sociedade autoritária com pinta de democrática. O vídeo, além do papel de falar de certa coisa através da imagem, deve virar um objeto de curiosidade do educador e do educando enquanto objeto de conhecimento a ser apreendido ou cuja compreensão deva ser apreendido pelos dois (FREIRE, 2005, p. 175).

Freire sempre nos recordava que, enquanto “seres históricos” não podemos negar o nosso tempo com suas transformações. Para ele uma das coisas mais tristes e que poderia ocorrer nos homens e nas mulheres é a de se perderem no tempo. No tempo e no espaço onde construímos o futuro com a experiência que o passado nos legou. Freire esteve aberto para o uso das novas tecnologias no âmbito da educação. Além do mais, ainda nos propunha discutilas “criticamente”.

Para Freire o uso do vídeo é mais do que um entretenimento. Para ele o vídeo contribui para a produção do conhecimento, mas deve ser visto como “um objeto desafiador”.

Além da proposta temática analisada acima, a oficina de vídeo procurou ainda transmitir informações teóricas e fornecer suporte (material e equipamento) necessário para que os próprios alunos pudessem produzir o documentário do início ao fim. A começar pela escolha do tema, seguida da redação da idéia e posterior elaboração do roteiro esquemático e roteiro de perguntas para as entrevistas com os moradores da favela. Somente depois dessas discussões é que começou o trabalho de campo.

Com a captação de todas as imagens, teve início a decupagem do material, seguida da criação do roteiro final, a edição e a finalização do documentário.

Os adolescentes mergulharam na experiência da produção do documentário que registrou os depoimentos reveladores: revelou pessoas que foram atrás de um sonho e que até hoje lutam para a construção de uma vida mais digna. É, por exemplo, o caso de dona Lili: “Ah, o meu sonho era vir para São Paulo. Ah, como eu sonhava em vir para São Paulo. E vim a primeira vez para ver se dava para viver. E vi que dava”. Dona Lili veio com toda a sua família do Estado de Pernambuco. Foi uma das primeiras mulheres que participaram da fundação do Movimento de Defesa do Favelado. Esteve sempre presente nas atividades religiosas da comunidade católica da favela.

Em outros momentos, dona Lili aparece dando convicto testemunho de sua vida na favela, desde a sua contribuição na catequese da igreja, da atuação junto aos jovens com as drogas e da sua incapacidade de mudar tal realidade. Ela ainda recorda o trabalho do Pe. Patrick junto com os moradores da favela e do Centro Cultural Vila Prudente que também está ajudando alguns jovens a encontrarem um outro caminho que não o das drogas e o da violência. Nos depoimentos dessa senhora e de outros moradores, percebe-se a dureza da vida dentro da favela com a presença do medo, da violência e o convívio com o preconceito por morarem em um lugar tão marginalizado pela sociedade.

O documentário, desde seu início, já apontava para o seu desafio maior que era o de revelar a vida como ela é. E no caso de *Histórias da Vida Real*, a vida e a favela se unem com a arte para que os moradores possam construir uma realidade menos cruel.

Nos depoimentos que aparecem no vídeo *Histórias da Vida Real* é nítido o vigor das falas dos entrevistados e das cenas. Um senhor aparece contando a sua vida à maneira dos repentistas, o que dá uma sensação de movimento. Uma outra cena, mostra um trem vindo e uma criança dizendo: “Olha, o trem tá vindo”, ao mesmo tempo em que entra a cena de uma senhora colocando roupa no varal.

7.1.4 Resultados Imediatos do Documentário

Essas experiências possibilitaram aos jovens da comunidade uma nova maneira de estarem incluídos na sociedade por meio da descoberta do outro e da sua própria identidade e história. De igual modo mostrou que é possível revelar a história de suas vidas sem condená-las.

Sem dúvida, a partir do envolvimento dos jovens com a produção do documentário *Histórias da Vida Real*, foi-lhes dada a oportunidade de realizarem uma experiência de inclusão na sociedade, no caso a pequena sociedade que eles formaram. Tiveram igualmente a chance de conhecer, de forma mais politizada, a realidade onde vivem, que é a favela. Poder ver no vídeo a história de homens e mulheres contando seus sonhos e lutas, foi oferecido aos jovens um pouco da memória do espaço em que se encontram.

Ao assistir o documentário, as pessoas logo entram na vida e nas histórias dos personagens transmitidas por meio de seus depoimentos. Rabiger, acima citado, comenta a respeito desse entrar na realidade vista através do vídeo: “...Entrando na sua situação, sofremos com eles; e através do sentimento e da imaginação, adquirimos uma percepção da sua realidade”. Há algo acontecendo de que somos testemunhas, que acompanhamos e a que somos atraídos. Temos uma forte sensação de ser identificados com os personagens.

Outra grande importância do documentário, e que vem junto com a percepção da realidade, e no caso de *Histórias da Vida Real*, é poder mostrar, como aponta Rabiger (2005, p. 57): “algo muito mais amplo sobre a sua sociedade, sobre como as pessoas pobres tentam sobreviver e como as autoridades têm um controle absoluto sobre suas vidas” Ou seja, a exclusão se mantém porque também falta um canal de visibilidade para estas pessoas que vivem à margem da sociedade; quando têm a oportunidade de falar sobre seus anseios, sonhos e realidade onde vivem, demonstram que sonham por algo melhor mas que nunca chegam ao conhecimento do governo ou da sociedade.

Durante o processo de filmar as imagens já preparadas pelo roteiro, os jovens ousaram andar por lugares tidos como de muito risco, devido à vigilância dos “olheiros” envolvidos

com o tráfico dentro da favela. O próprio Rabiger (2005, p. 65) salienta que é preciso “estar prontos para ir a lugares onde não se sintam à vontade, a locais arriscados e que os façam transpirar”. Essa ousadia dos jovens resultou em imagens inusitadas de becos e lugares da favela. Ao pé da letra, foi cumprido o quesito de que temos de estar prontos para ir a lugares onde não nos sintamos à vontade.

O documentário, em todo o processo de realização, foi um desafio do início ao fim; vê-lo como desafio, já aponta um outro resultado satisfatório. Com efeito, tivemos que passar para os seus realizadores que o desafio maior era conseguir revelar, por meio dos depoimentos, histórias que estivessem costurando também com suas vidas e a realidade onde vivem.

A experiência maior com a elaboração do vídeo foi a aprendizado de trabalhar junto com os adolescentes e ter constatado suas competências e como são questionadores e se sentem protagonistas de um olhar sobre a realidade onde vivem. Essa constatação desmistifica a idéia de que não sabem ou não podem mudar suas vidas e seus destinos. De tudo que vivenciamos com esse documentário e com as outras atividades oferecidas aos adolescentes, foi aprender a nos descobrir também junto a eles, despertando em nós o ânimo de continuar na busca de outros projetos e caminhos de conscientização e libertação. Conscientização de que podemos mudar, sim, porque como Sujeitos da História, damos-nos conta de que a história se constrói na inserção dos homens e das mulheres no mundo e com os que o ocupam. Paulo Freire nos fala dessa consciência:

A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca. Na verdade seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse em tal movimento. É neste sentido que, para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer

ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem idéias de formação, sem politizar não é possível (FREIRE, 2004, p. 57).

Uma vez concluída a elaboração do documentário, todos os participantes ganharam uma cópia dele para levar para seus lares e mostrar a suas famílias o trabalho realizado sobre a comunidade. Passados alguns meses, faleceu o Sr. Antonio André da Silva, aquele repentista nordestino que aparece no documentário. Sua família procurou o Centro Cultural para conseguir um exemplar, para guardar de lembrança o seu depoimento. Assim compreendi que o documentário cumpriu com sua missão original: ser um convincente instrumento que contribui para disseminar experiências humanas dos excluídos, juntamente com o resgate e perpetuação da história da favela e dos favelados.

Cumprir ressaltar, de igual modo, que os resultados obtidos ao longo do projeto *Campus das Artes* foram mostrados na exposição *Arte Favela* montada no restaurante Galpão da Pizza no bairro da Vila Pompéia, em São Paulo. Sua abertura ocorreu no dia 11 de novembro de 2002 às 20h30. As obras expostas foram vendidas e parte do lucro foi revertida em benefício dos jovens autores. Durante o período da exposição era exibido o documentário *Histórias da Vida Real*.

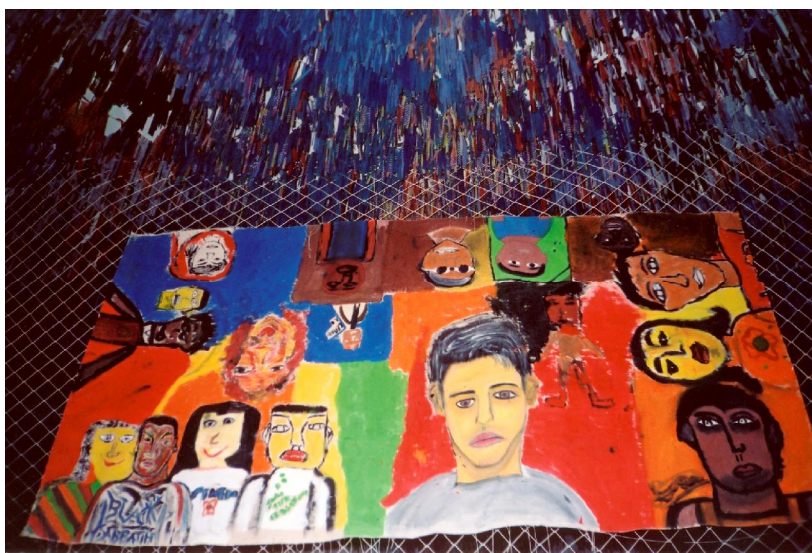


Foto 43 - Painel pintado pelos integrantes do Campus das Artes, durante mostra da exposição *Arte Favela* no Galpão da Pizza na Vila Olímpia.
Foto: Acervo CCVP.



Foto 44 - Escultura em argila feita pelos participantes do Campus das Artes.

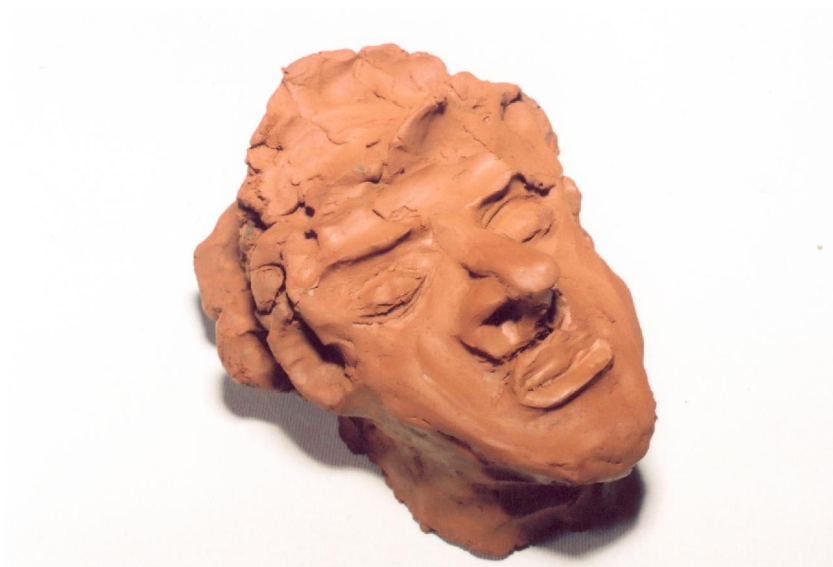


Foto 45 - Escultura em argila feita pelos participantes do Campus das Artes.



Foto 46 - Participante do Campus das Artes durante entrevista para a TV Cultura, falando sobre seu trabalho e obra.
Foto: Acervo CCVP.



Foto 47 - Participante durante oficina de pintura no Projeto Campus das Artes do CCVP.
Foto: Acervo CCVP.



Foto 48 - Mosaico feito no piso do 2º andar do Prédio 04 São Francisco de Assis.



Foto 49 - Grupo de jovens trabalhando em oficina de mosaico no CCVP.

7.2 O Projeto Campus das Artes na Perspectiva dos Princípios Freireanos

Em janeiro de 2002, finalizei o texto do Projeto *Campus das Artes: a favela como espaço antropológico da arte*. Tinha claro que, ao propor um projeto para jovens vivendo em uma favela de São Paulo, não poderia deixar de considerar a cultura por eles ali construída, vivida ou herdada. Sei que correria “riscos” de deixar transparecer-lhe preconceitos sobre o lugar em que viviam. Mesmo estando ali com e por eles desde 1997, receava pelos vícios da “formação”, achar que teríamos um outro modelo de cultura ou um outro olhar sobre suas realidades.

Para não cometer esse erro, encontrei nas teorias pedagógicas do educador Paulo Freire a possibilidade e certeza de realizar com esses jovens a “travessia” pelo Campus das Artes, reconhecendo a favela como um espaço antropológico da arte. Ou seja, a comunidade é um lugar de pessoas vivas; pessoas vivas constroem uma história, uma história viva porque feita dos sonhos de homens e mulheres comprometidos com a possibilidade de mudar suas vidas a partir da luta, mesmo sabendo que mudanças não ocorrem de imediato, já no dia de amanhã. Encontrei nos ensinamentos de Freire que o que vale é a certeza de que lutamos também para os que vão chegar:

Precisamos vislumbrar nosso trabalho com base em uma noção de perspectiva e história. Nossa luta de hoje não significa que necessariamente conquistaremos mudanças, mas sem que haja essa luta, hoje, talvez as gerações futuras tenham de lutar muito mais. A história não termina em nós: ela segue adiante (FREIRE, 2001, p. 40).

Para esse educador, “O mundo não é. O mundo está sendo”. Trata-se de adquirir o saber necessário para o convívio e o aprendizado com gentes marcadas pela traição perversa dos opressores:

Um dos saberes primeiros, indispensáveis a quem, chegando a favelas ou a realidades marcadas pela traição a nosso direito de ser, pretende que sua presença se vá tornando convivência, que seu estar no contexto vá virando estar com ele, é o saber do futuro como problema e não como inexorabilidade. É o saber da História como possibilidade e não como

determinismo. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto de História mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar mas para mudar (FREIRE, 2004, p. 76).



Foto 50 - Produção do documentário “Histórias da Vida Real”
Foto: Acervo CCVP

Uma outra certeza me motivou: a base teórica do Projeto Campus das Artes foram os conceitos de Paulo Freire a respeito da importância da politização no processo de alfabetizar e educar. Lendo sua obra sobre o assunto, tive confirmada minha crença de que a transformação social que se pretende com a alfabetização e educação se faz com pessoas desejosas de transformar-se e de transformar o mundo. Pessoas alfabetizadas e politizadas.

A professora Ana Maria Araújo Freire nos fala do novo homem e da nova mulher, alfabetizados politicamente:

Quando o homem e a mulher se percebem como fazedores de cultura, quando apreendem o conceito antropológico de cultura, está vencido, ou quase vencido, o primeiro passo para sentirem a importância, a necessidade e a possibilidade de se apropriarem, criticamente, da leitura e da escrita da palavra. Estão, alfabetizando-se, politicamente falando (FREIRE, 2006, p. 341).

O professor Ernani Maria Fiori, ao fazer a apresentação do livro *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire expõe com exatidão o sentido da pedagogia freireana:

Talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se. Por isto, a pedagogia de Paulo Freire, sendo método de alfabetização, tem como idéia animadora toda a amplitude humana da “educação como prática da liberdade”, o que, em regime de dominação, só se pode produzir e desenvolver na dinâmica de uma “pedagogia do oprimido”⁴².

O Projeto Campus das Artes considerou a favela de Vila Prudente como um espaço marginalizado onde pode ocorrer a “convivência”. Convivência porque tinha certeza de que deveria adaptar-me a esse espaço e poder transformá-lo – a ele e as pessoas que nele moram. Movia-me ainda a esperança de que, estando presente fisicamente, eu estou criando a convivência. Nesse contexto, necessariamente eu me obrigo a estar com o outro e a me colocar como sujeito que deverá contribuir para as mudanças. Desse modo, como pesquisador e como arte-educador, me vi participando da vida desses jovens, convivendo com eles a partir das minhas convicções e da convivência na favela. Essa abordagem sociológica e de caráter antropológico, já me oferecia uma caminhada de participação junto aos jovens e à comunidade. Essa postura me privilegiaria na coleta dos dados e informações porque teria uma “observação participante”, também presente na teoria pedagógica construída por Freire.

⁴² Extraído do seu prefácio no livro *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire. Ano 2006, p. 9.

Fiori, professor referido acima, também destaca essa abordagem antropológica na obra e no método de Paulo Freire:

As técnicas do referido método acabam por ser a estilização pedagógica do processo em que o homem constitui e conquista, historicamente, sua própria forma: a pedagogia faz-se antropologia. Esta conquista não se pode comparar com o crescimento espontâneo dos vegetais: participa da ambigüidade da condição humana e dialetiza-se nas contradições da aventura histórica, projeta-se na contínua recriação de um mundo que, ao mesmo tempo, obstaculiza e provoca o esforço de superação libertadora da consciência humana. A antropologia acaba por exigir e comandar uma política⁴³.

Ainda segundo o próprio Fiori, encontramos no pensamento de Freire três momentos onde se dá o processo de libertação do homem e da mulher oprimidos:

Primeiro, o movimento interno que unifica os elementos do método e os excede em amplitude de humanismo pedagógico. Segundo: esse movimento reproduz e manifesta o processo histórico em que o homem se reconhece. Terceiro: os rumos possíveis desse processo são possíveis projetos e, por conseguinte, a conscientização não é apenas conhecimento ou reconhecimento, mas opção, decisão, compromisso⁴⁴.

Aqui vale o testemunho de um jovem que participou do Projeto Campus das Artes e que me enviou um depoimento significativo em relação aos resultados do projeto em sua vida. No depoimento, ele descreve sua origem humilde no Ceará, passando pelos sofrimentos acumulados ao longo da sua história, até o momento em que se viu freqüentando o Centro Cultural Vila Prudente. Descreve também sua participação nas atividades do projeto. O seu depoimento, foi aqui transcrito na íntegra, não sofrendo nenhuma correção de ortografia ou gramática.

⁴³ Id.

⁴⁴ Extraído do seu prefácio no livro *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire. Ano 2006, p. 9.

Sim, eu agora mais do que nunca acredito em mudanças, venho tendo experiências com isso. Veja só, quando vim a primeira vez do Ceara eu era um Carlos morto em alguns sentidos, sonhar para me só a noite, mas na verdade não era sonho e sim pesadelo eu era traumatizado por causa dos meus pais que foram embora me deixando quando eu tinha 29 dias de nascido, com isso eu me sentia um lixo. Nossa quando era dia dos pais / mães eu procurava um lugar bem escondido e ia chorar. Na escola os meus colegas levavam aqueles presentinhos que os professores faziam em salas para darem para os seus pais e eu nem fazia. tudo bem! Aos 15 anos eu resolvi deixar meus avós maternos que me criaram e vim para S. Paulo conhecer minha mãe e é aí que conheço o CCVP e começo a morar na favela. Quando começo a me deparar com pessoas mortas ou seja, uma violência absurda diferente da minha realidade passada, meu portanto, eu pensei acho que dei o passo mais errado da minha vida, mas tudo bem eu não vou desistir. Ficavam eu e meu irmão em casa porque minha mãe tinha que trabalhar a noite no começo foi um terror. Em 1999 foi quando houve aquelas chacinas nas favelas da v. prudente e justamente em frente da minha casa mataram um senhor todo amordaçado e eu estava em casa sozinho de janelas e portas semi-abertas . Sujou por que a lei é: não vi, não sei e nem quero saber. E esse corpo permaneceu por aproximadamente umas 8 horas em frente da minha casa e adivinha. A policia coloca meu nome na lista de depoimentos, meu aquilo quase me matou eu pensei os caras que mataram vão achar que eu vi alguma coisa e vão vir me matar, fiquei muito assustado e quando minha mãe chega, já vem sabendo da rua e começa abrigar comigo me culpando, e fala, há você é muito burro não era pra querer depor aí eu falei para ela e eu tenho algum poder para querer algo. Olha a policia falou que precisava ir alguém maior de idade comigo foi nesse momento que minha mãe me abandonou literalmente e só me vinha com críticas que me derrubavam cada vez mais. No mesmo mês o meu avó materno adoece e eu por está na lista dos que iam depor não pode viajar para ver meu avó morrer, foi Deus que me ajudou porque em casa eu não tive apoio nenhum não culpo ela por pela segunda vez não ter sido capaz, eu precisei ser forte te garanto quase não aguentei. Depois no mês seguinte meu avó morre e eu só pode rezar para prestar a minha última homenagem a ele que Deus o tenha, a vida neste ano tinha perdido todos os sentidos para

me. Olha Toninho eu vim do Ceará abandonando meus avós, pensava que poderia construir um algo novo e que tudo seria bonito e vai acontece tudo isso, se tinha uma luzinha meio apagada na minha vida ai foi que apagou de vez. Então resolvi voltar para o ceara e me recompor chego lá não é a mesma coisa por causa do meu avó, eu me recuperei bem: estudei, namorei em fim fiz novos amigos etc. . De novo resolvo voltar a S. Paulo, chego 08/07/2002. Eu ja sou um outro mais maduro sem nenhuma magoa no coração desposto a esquecer o passado, "tudo mesmo" e começar uma nova vida, assim volto para projeto participo do campo das artes já sonhando com faculdade, começo a trabalhar e fui aos poucos contruindo esse novo Carlos que agora quer continuar a progredir sei lá ajudar as pessoas no que for possível. porque tudo é possível. Eu sai do inferno para céu nisso tudo o centro cultural me ajudou e vem me ajudando muito. pode ter certeza disso! Desculpa por esse desabafo isso tava engasgado em me eu não conseguia falar para ninguém mas agora saiu. Eu estou livre!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!Um abraço.

Com toda clareza, essa mensagem carrega uma certeza freireana: vale a pena, a todo custo, “lutar contra os descaminhos que nos obstaculizam de ser mais”.

O autor do depoimento, nos faz entender o contraponto do que aprendemos com o pensamento freireano: do Ser menos para o Ser Mais. O jovem compreendeu que a injustiça e a opressão não são fins inflexíveis que nos condenam à infelicidade, que nos obrigam ao Ser menos. Conseguiu enxergar um outro caminho na sua vida. Ao decidir continuar em São Paulo, decidiu também lutar pela re-construção da sua vida. Entendeu que homens e mulheres se libertam em comunhão. Assumi ser agora sujeito e protagonista da sua vida.

Converso muito com o autor do depoimento aqui partilhado nas ocasiões em que passa pelo CCVP. Hoje, ele é arte-educador trabalhando com um grupo de adolescentes no projeto e cursando faculdade. Quando ele fala da arte e do porque estar cursando uma faculdade de artes, sempre percebo nele uma atitude política frente à sua opção. Diz, por exemplo, que não quer ser artista para ser apenas reconhecido como artista, mas para ajudar outras pessoas a se encontrarem por meio das artes.

A transformação da vida desse jovem é ressonância do pensamento de Paulo Freire quando esse educador se refere que a trajetória humana não é pautada por um determinismo irracional:

Naturalmente, o que de maneira permanente me ajudou a manter esta certeza foi a compreensão da História como possibilidade e não como determinismo, de que decorre necessariamente a importância do papel da subjetividade na História, a capacidade de comparar, de analisar, de avaliar, de decidir, de romper e por isso tudo, a importância da ética e da política (FREIRE, 2004, p. 145).

Brandão, (2005, p. 61), referindo-se a Freire como “o menino que lia o mundo” dizia: “Paulo sabia bem que por conta própria a educação não muda o mundo. A educação muda as pessoas. As pessoas mudam o mundo”.

As palavras mais correntes na obra de Paulo Freire, a todo momento nos remetem sempre a toda e qualquer transformação de qualquer grupo ou indivíduo quando é educado sob a ótica da pedagogia libertadora: conscientizar, criar, inovar, inventar, mudar, transformar, transgredir, revolucionar, humanizar, etc.

Nota-se que Freire ao longo da sua obra reforça o papel da estética no âmbito da educação:

A escola é que, de modo geral, nos inibe fazendo-nos *copiar* modelos ou simplesmente dar cor a desenhos que não fizemos, ao contrário, nos devia desafiar a arriscar-nos em experiências estéticas. Afinal, faz parte da natureza da prática educativa a *esteticidade*, quer dizer, a qualidade de ser *estética*, de não ser alheia à beleza (FREIRE, 2003, p. 157).

8. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos durante a pesquisa de campo realizado por meio da entrevista qualitativa, aparecem aqui em “quadros” contendo as respectivas temáticas, categorias e suas subcategorias criadas a partir do conteúdo das entrevistas. Ao discutir as subcategorias a cada categoria relacionadas com os quatro temas propostos para estudo e discussão, será citado algum fragmento das entrevistas para que haja uma melhor compreensão dos resultados aqui apontados.

O processo de categorização se iniciou, primeiramente, com a construção de temáticas percebidas na leitura e na análise do conteúdo das entrevistas.

Ao longo da exposição dos exemplos das suas falas, os entrevistados terão garantido o sigilo da sua identidade. Por essa razão, será utilizado o código “E”, seguido de um número.

8.1 Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa

O projeto Campus das Artes: a favela como espaço antropológico da arte contou até o seu final com dez adolescentes do sexo masculino mais cinco do sexo feminino contabilizando assim um total de quinze participantes. Para participar da pesquisa entrevistei seis do sexo masculino e procurei três do sexo feminino. Todavia, nenhuma foi encontrada, porque uma mudou da favela e outras duas não foram localizadas em seus endereços. No final, contei apenas com os seis adolescentes.

Quadro 1 - Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa

Entrevistados	E₁	E₂	E₃	E₄	E₅	E₆
Bairro ou cidade de origem	Ipiranga (SP)	Salitre (Ce)	Salitre (Ce)	Vila Prudente (SP)	Campos Sales (Ce)	Vila Prudente (SP)
Escolaridade	Ensino médio	Ensino superior concluindo	Ensino Superior concluindo	Ensino médio	Ensino médio	Ensino médio
Tempo morando na favela	17 anos	10 anos	3 anos	18 anos	18 anos	19 anos
Ano de entrada no CCVP	1997	1997	2002	1997	1997	1994
Tempo que freqüenta o CCVP	10 anos	10 anos	2 anos e 8 meses	10 anos	9 anos	8 anos

Pelo quadro, verificou-se que três dos entrevistados nasceram no Estado do Ceará; um deles, depois de terminar o projeto Campus das Artes, retornou à sua cidade de origem e montou um ateliê de artes e entrou na faculdade de Biologia. Outros três nasceram em São Paulo na região onde está localizada a favela. O grau de escolaridade apontou dois concluindo o ensino superior e quatro com o ensino médio. O tempo em que moram na favela, para quatro, é um tempo considerável, ou seja, entre dezessete a dezenove anos. Um vive na favela há dez anos e outro, por dois anos e oito meses. A maioria freqüenta o CCVP há mais de oito anos e um teve uma presença por quase três anos. Quatro entraram no mesmo ano no Centro Cultural Vila Prudente; um entrou para o CCVP depois de quatro anos da sua criação, e um em 2002. A presença de grande parte de jovens do sexo masculino no projeto revelou que as jovens, na maioria das vezes, são conduzidas para o tráfico dentro da favela ou tornam-se mães solteiras. Descobri que uma delas aqui procurada para a entrevista engravidou logo

depois do fim do projeto e mudou-se da favela. Uma outra, que também não foi encontrada, convive com o pai usuário de droga e presta serviços em uma cooperativa de árvores de natal.

8.2 Análise dos Temas

Constituição dos temas

A partir da leitura flutuante do material colhido nas entrevistas, procedeu à qualificação dos dados com a criação de quatro temas:

- A - Relevância do CCVP na vida dos adolescentes;
- B - O Campus das Artes agrega valores aos adolescentes;
- C - Envolvimento dos arte-educadores com os adolescentes;
- D - O Campus das Artes agrega valores à comunidade.

Quadro 2 - Temas e Categorias

Categorização	Número de entrevistados que fizeram referência às categorias
A - Relevância do CCVP na vida dos adolescentes	
Sensibilização com a vida	6
Formação da consciência crítica	5
Sujeitos da transformação social	5
B – O Campus das Artes agrega valores aos adolescentes	
Domínio de novas competências	6
Compreensão da arte como exercício da cultura	3
Conscientização política da favela	6
Construção da auto-estima	6
C – Envolvimento dos arte-educadores com os adolescentes	
Promoção da cidadania dos adolescentes	6
Diálogo com os adolescentes	4
D – O Campus das Artes agrega valores à comunidade	
Envolvimento da comunidade com o documentário	5
Discussão da estética da favela	3

O Tema **A - Relevância do CCVP na vida dos adolescentes** derivou-se da abordagem na entrevista sobre a relação do Centro Cultural Vila Prudente com a vida dos adolescentes entrevistados e com a comunidade.

O Tema **B - O Campus das Artes agrega valores aos adolescentes** procedeu das referências que os entrevistados fizeram ao longo das entrevistas em relação ao projeto nas suas vidas.

O Tema C - **Envolvimento dos arte-educadores com os adolescentes** originou-se da importância em avaliar a comunicação e o relacionamento dos arte-educadores com os adolescentes ao longo do projeto.

O Tema D - **O Campus das Artes agrega valores à comunidade** buscou descobrir o envolvimento da comunidade com o Projeto Campus das Artes e possíveis mudanças ocorridas.

Quadro 3 - Subcategorias da categoria: Sensibilização para com a vida

Categoria/Subcategorias	Nº de entrevistados que fizeram referência
Sensibilização com a vida	6
Tira as crianças da rua	3
Desperta a sensibilidade na arte	4
Melhora no comportamento	3

O despertar para a sensibilização da vida foi mencionado em momentos da entrevista como a necessidade de **tirar as crianças da rua** (áreas de risco dentro da favela), como os locais onde estão presentes o tráfico e a violência. Tal relato pode ser percebido na fala do entrevistado E₁:

“O Centro Cultural Vila Prudente é um projeto que tira as crianças das ruas. [...] Nas ruas o que a criança vê?”.

A subcategoria **Desperta a sensibilidade na arte** apareceu em vários momentos das opiniões dos entrevistados, como no caso dos entrevistados E₂ e E₃:

“As vezes a criança que vai lá começa a ver a vida diferente; digamos um novo horizonte. [...] é uma criança mais sensível. O Centro Cultural Vila Prudente sensibiliza a criança a uma vida mais digna. É isso.”.

“[...] No Centro Cultural Vila Prudente aprendi a expressar meus sentimentos jogando para a tela ou em outro trabalho qualquer”.

Na última subcategoria aparece a **Melhora no comportamento**, mencionado por três adolescentes e que aqui exemplificamos com o depoimento do entrevistado E₃:

“Os que já participaram do centro cultural e vivem lá, mesmo não estando ligados ao centro cultural, são pessoas diferentes. Eu analiso isso quando vejo meus colegas do centro cultural. “Meu”, o comportamento é totalmente diferente. É como se eles não fizessem parte daquela comunidade. O Centro Cultural Vila Prudente conseguiu diferenciar eles”.

Quadro 4 - Subcategorias da categoria: Formação da consciência crítica

Categoria/Subcategorias	Nº de entrevistados que fizeram referência
Formação da consciência crítica	5
Reflexão da vida	5
Conhecimento crítico	3

A formação da consciência crítica esteve presente em duas subcategorias: na **Reflexão da vida** e no **conhecimento crítico**. Na primeira, em vários momentos os entrevistados falam sobre a vida deles na favela a partir de uma reflexão mais política sobre a vida. É como aparece na fala do entrevistado E₆:

“[...] a pensar que o mundo lá fora não tem muito a oferecer, mas o projeto ajudou né, o pessoal a fazer arte; ocupar sua mente e ter vida pela frente. [...] o mundo lá fora não é só feito de rosas, mas tem espinhos também”.

Quanto ao **conhecimento crítico**, percebeu-se que os adolescentes compreenderam a realidade como possibilidade de transformação a partir da denúncia de uma estrutura social perversa. O entrevistado E₂ exemplifica:

“Então, eu vejo a favela como um lugar onde tem pessoas lutadoras, pessoas heroínas mesmo, que mesmo no poço, lá no fundo do poço, ainda tem esperanças de uma vida melhor. Que lutam mesmo”.

O mesmo aparece no seguinte fragmento do entrevistado E₅:

“Eu pude buscar, querer mais, batalhar por aquilo que eu tenho vontade de conseguir, de querer. Fortaleceu bastante para eu buscar meus objetivos. Infelizmente o morador da favela é difícil que tenha uma coisa que possa fazer com que ele tenha esperança de algo. Ele é muito excluído, infelizmente. É muito excluído o favelado. E graças a Deus, o Campus das Artes fez eu poder ter uma vontade de querer seguir, de querer batalhar por tudo que eu tenho vontade, assim relacionado a arte e a tudo então”.

Quadro 5 - Subcategorias da categoria: Sujeitos da transformação social

Categoria/Subcategorias	Nº de entrevistados que fizeram referência
Sujeitos da transformação social	5
Exercício da cidadania	5
Intervenção cultural	4

A categoria **Sujeitos da transformação social** apareceu relacionada com duas subcategorias: **Exercício da cidadania** e **Intervenção cultural**. O exercício da cidadania pode ser constatado nos fragmentos das declarações dos entrevistados E₅ e do entrevistado E₄:

“[...] Então, eu acredito muito que teve há todo momento essa preocupação com a cidadania. Para todos pensarem a cultura; pensar sobre como mudar tudo e para melhor”.

Do mesmo modo constatado no seguinte depoimento do E₄:

“Me abriu oportunidades. Estou fazendo um curso através de vocês e dos amigos da Marilda”.

A subcategoria **Intervenção cultural** apareceu em quase todas as entrevistas. Aqui são mencionados alguns fragmentos. O entrevistado E₄ a menciona:

“[...] a gente fez as placas e fomos colocando nas casas dos moradores. [...] o mosaico porque já começamos, estamos fazendo as fachadas de algumas casas”.

Quadro 6 - Subcategorias da categoria: Domínio de novas competências

Categoria/Subcategorias	Nº de entrevistados que fizeram referência
Domínio de novas competências	6
Formação continuada em artes	5
Interesse pelo domínio de novas expressões artísticas	6

Na categoria **Domínio de novas competências** foram encontradas duas subcategorias:

Em **Formação continuada em artes**, temos o seguinte depoimento do entrevistado E₂:

“Hoje eu estou cursando o 3º semestre de artes plásticas graças à bolsa que recebi do Centro Cultural Vila Prudente”

No **Interesse pelo domínio de novas expressões artísticas** exemplifico com a análise do entrevistado E₃:

“Me envolvi com o grafite. Gosto da forma de protesto, idéias lançadas nos muros para olhos observadores. [...] Tenho meu pequeno ateliê e por enquanto eu vivo disso”.

Na fala do entrevistado E₅, percebemos o interesse dos jovens pelas expressões artísticas:

“Eu trabalho com o auto-retrato. Eu trabalho com a técnica do carvão e papel canson. Normalmente eu faço o retrato com a pessoa na minha frente entre uns quarenta minutos a uma hora”.

Quadro 7 - Subcategoria da categoria: Compreensão da arte como exercício da cultura

Categoria/Subcategorias	Nº de entrevistados que fizeram referência
Compreensão da arte como exercício da cultura	3
Valorização da arte e cultura	3

Uma subcategoria foi percebida na categoria da **Compreensão da arte como exercício da cultura: Valorização da arte e cultura**. O fragmento da fala de um dos jovens constata tal subcategoria, como vemos no entrevistado E₆:

“[...] Acho que o povo gosta disso: gosta de cultura, gosta de saber lidar com a arte, né. A arte está em todo lugar e o projeto ensinou isso para nós”.

Quadro 8 - Subcategorias da categoria: Conscientização política da favela

Categoria/Subcategorias	Nº de entrevistados que fizeram referência
Conscientização política da favela	6
Uma outra favela é possível	4
Favela sem preconceito	4

A categoria **Conscientização política da favela** encontrou duas subcategorias: **Uma outra favela é possível** e **Favela sem preconceito**. Aqui transcrevemos alguns fragmentos das declarações encontradas nas entrevistas.

Em **Uma outra favela é possível**, os depoimentos dos entrevistados E₃, E₂ e E₁:

“A gente foi percebendo uma favela que parece que não via antes. [...] Eu vejo a favela hoje como possibilidade de mudanças e mais colorida também, né. Antes a gente só via o pedaço da madeira, né. Hoje a gente vê o pedaço da madeira mais colorido”.

“Hoje eu vejo uma favela como uma sociedade alternativa. As pessoas não estão lá porque querem estar. [...] Então, eu vejo a favela como um lugar onde tem pessoas lutadoras, pessoas heroínas mesmo, que mesmo no poço, lá no fundo do poço, ainda tem esperanças de uma vida melhor. Que lutam mesmo. É isso”.

“Passei a ver o lugar onde eu moro como morador. Porque antes eu morava ali mas não sabia dos problemas. Mas nunca era ciente daquilo: caramba eu moro numa favela, mas antes eu não era despertado para esse assunto. Depois que eu vi o vídeo eu passei; eu comecei a pensar melhor como morador. Antes eu via mais de fora. Agora eu vejo os problemas mais pela raiz.”

Em **Favela sem preconceito** os entrevistados E₅ e E₄ expõe o seguinte depoimento:

“Eu andava de cabeça baixa, não olhava para as pessoas da favela. Eu não olhava nos rostos delas e, eu na verdade, infelizmente, estava negando, né, a realidade que eu vivo, né. Então, uma coisa que me fez enxergar o Campus das Artes foi isso: olhar ao meu redor”.

“Eu tinha vergonha de morar na favela. Muitas pessoas não gostam das pessoas que moram numa favela porque elas não pagam impostos, essas coisas”.

Quadro 9 - Subcategorias da categoria: Construção da auto-estima

Categoria/Subcategorias	Nº de entrevistados que fizeram referência
Construção da auto-estima	6
Acreditar mais em si mesmo	1
Arte como desenvolvimento humano	2

Aqui também foram encontradas duas subcategorias pertencentes à categoria **Construção da auto-estima: Acreditar mais em si mesmo e Arte como desenvolvimento humano**.

Acreditar mais em si mesmo conforme o depoimento do E₂:

“A minha auto-estima. Antes eu não acreditava muito. Eu acho que eu não acreditava muito em mim. Aí com o Campus das Artes houve essa questão: eu vou acordar. É, eu tenho direitos, eu tenho deveres. Então, vou buscá-los”.

Na **Arte como desenvolvimento humano** os entrevistados E₂ e o E₃ comentam:

“[...] Porque arte é o aprimoramento do intelecto”.

“De uma certa forma a arte consegue envolver um pouco a comunidade. Através do Campus das Artes com a realização do documentário e das exposições de artes, envolvemos a comunidade e isso contribuiu para mostrar-lhes que a arte melhora a comunidade”.

Quadro 10 - Subcategoria da categoria: Promoção da cidadania dos adolescentes

Categoria/Subcategorias	Nº de entrevistados que fizeram referência
Promoção da cidadania dos adolescentes	6
Incentivo ao protagonismo na comunidade	6

O protagonismo dos jovens e das jovens dentro da comunidade evidenciou-se na subcategoria **Incentivo ao protagonismo na comunidade**, como se pode perceber nos depoimentos dos entrevistados E₆ e E₃ :

“[...] para que a gente pudesse olhar e ver que a gente tem condições de mudar.”

“[...] Queriam formar verdadeiros cidadãos protagonistas na comunidade”.

“[...] Dos jovens eu lembrei que eles tiveram a oportunidade de expressar o que eles viviam na favela; o cotidiano deles no meio de toda a violência e agitação da favela que não se encontra em outro lugar”.

Quadro 11 - Subcategoria da categoria: Diálogo com os adolescentes

Categoria/Subcategorias	Entrevistados que fizeram referência
Diálogo com os adolescentes	4
Integração com os adolescentes	4

Na categoria **Diálogo com os adolescentes** uma subcategoria foi evidenciada: **Integração com os adolescentes**. Percebemos nas seguintes análises dos entrevistados E₄, E₁ e E₂ a integração das arte-educadoras com os adolescentes::

“Elas valorizavam a favela e nos ensinava a valorizar o lugar onde nascemos”.

[...] Porque sempre elas davam as aulas, mas sempre a gente conversava. Sempre uma coisa extra-curricular, digamos assim. As conversas envolviam sempre cidadania”.

“O que deu certo foi, digamos, esse conhecimento de interação entre aluno e professor, professor e aluno. E houve mesmo lá. Foi uma troca muito grande, muito bonita. Nossa, estava todo mundo, acho aberto a isso”.

Quadro 12 - Subcategoria da categoria: Envolvimento da comunidade com o documentário

Categoria/Subcategorias	Entrevistados que fizeram referência
Envolvimento da comunidade com o documentário.	5
Incentivo ao protagonismo da comunidade	3
Conscientização por meio do documentário	4

Duas subcategorias referentes ao envolvimento da comunidade com o documentário foram percebidas: **Incentivo ao protagonismo da comunidade** e **Conscientização por meio do documentário**.

No **Incentivo ao protagonismo da comunidade** conferimos nos entrevistados de número E₂ e E₃ os seguintes depoimentos:

[...] Houve uma ação transformadora e na comunidade teve ações como o documentário na favela onde os moradores eram os próprios protagonistas de suas histórias”.

[...] Gostei muito do documentário por entrevistar pessoas do nosso cotidiano. São verdadeiros guerreiros com muitas experiências de vida”.

Na **Conscientização por meio do documentário**, os entrevistados E₁ e E₆ comentam que o vídeo mudou a maneira de ver a favela e conhecer melhor a história dos seus moradores:

[...] Depois que eu vi o vídeo eu passei; eu comecei a pensar melhor como morador. Antes eu via mais de fora. Agora eu vejo os problemas mais pela raiz: porque aquele cara tá naquele mundo; porque isso acontece e tal; por vários motivos. Aí eu comecei a enxergar melhor, isso, através do próprio documentário que a gente fez”.

“O documentário me marcou bastante porque a gente foi conhecendo histórias de pessoas que moram dentro da favela mas a gente não sabia dessas histórias”.

Quadro 13 - Subcategorias da categoria: Discussão da estética da favela

Categoria/Subcategorias	Entrevistados que fizeram referência
Discussão da estética da favela.	3
Um outro olhar sobre a favela	3
Visão sociopolítica e econômica da favela	1

Como entendimento dos adolescentes pela **discussão da estética da favela**, duas subcategorias foram encontradas.

Em **Um outro olhar sobre a favela** o entrevistado E₄ comenta:

“Valorizo mais a favela agora e mudou também minha forma de pensar sobre o que acontece dentro da favela, o que tem nela. Mudou minha forma de pensar”.

Na **Visão sociopolítica e econômica da favela** o entrevistado E₅ comenta:

“Foi bom que a gente viu a diferença de cada casa, o porquê da cada situação. Tinha alguns que tinha uma situação precária. Eram barracos mais amontoados, mais apertados, pequenos. Outros já tinham grandes casas, né. Já tinha uma situação melhor, mas também não deixa de ser morador da favela. Então, a gente conheceu através de cada história que gente via a situação que cada um vivia na favela. E a gente via as paredes, umas de madeiras, umas casas quase caindo, umas casas bem erguidas.”

Ao refletir sobre as temáticas levantadas na análise de conteúdo das entrevistas, percebe-se que os temas são acompanhados de uma abordagem crítica voltada para a compreensão da realidade onde os jovens vivem, isto é, a favela.

Em vários depoimentos, principalmente os apontados na categoria **Formação da Consciência crítica**, nota-se que os jovens conseguiram passar de uma consciência ingênua sobre suas vidas e seus mundos para a compreensão de uma consciência crítica.

Para Paulo Freire a consciência ingênua:

Revela uma certa simplicidade, tendente a um simplismo, na interpretação dos problemas, isto é, encara um desafio de maneira simplista ou com simplicidade. Não se aprofunda na casualidade do próprio fato. Suas conclusões são apressadas, superficiais (FREIRE, 1983, p. 40).

Nas análises dos jovens constata-se que eles apresentam uma postura questionadora da realidade, ao mesmo tempo em que almejam colaborar para mudar a sua situação, deixando de ser meros objetos para transformarem-se em sujeitos da história. Conseguem reconhecer que é possível mudar a realidade, pois não estão condenados ao fracasso de suas histórias, de suas vidas. São depoimentos que fazem compreender a consciência crítica a que Freire (1983, p. 41) se referia, ou seja, “indagadora, investiga, força, choca. Ama o diálogo, nutre-se dele.”. E que também “Ao se deparar com um fato, faz o possível para livrar-se de preconceitos. Não somente na captação, mas também na análise e na resposta”.

Ainda sobre a formação da consciência crítica bastante presente nos depoimentos que exemplificam muitas subcategorias, foi possível verificar que os jovens compreenderam que é por meio de um olhar crítico sobre suas realidades que seguem a sua vocação de viver a vida: qual seja, humanizar-se e participar da construção da história do mundo. Ninguém pode ficar de fora da história. É preciso com sua participação e criatividade agir para obter uma transformação criadora como comentou o entrevistado de número E₆:

“A gente foi percebendo uma favela que parece que não via antes. [...] Eu vejo a favela hoje como possibilidade de mudanças e mais colorida também, né. Antes a gente só via o pedaço da madeira, né. Hoje a gente vê o pedaço da madeira mais colorido”.

À medida que se avança na análise dos depoimentos ao longo da leitura das categorias, vai-se concluindo que os jovens deram conta de que a arte foi fator decisivo no desenvolvimento humano. O próprio Freire (2004, p. 32) reconheceu “A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita a distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas”.

Os depoimentos contidos nas subcategorias **Acreditar mais em si mesmo** e **Arte como desenvolvimento humano** confirmam uma das hipóteses desta pesquisa de que quando dado aos jovens vivendo em situação de risco oportunidades para o desenvolvimento de atividades artísticas “contribui-se, em muito, para o desenvolvimento de diferentes valores como por exemplo, a amizade, o respeito ao outro, o amor à vida e ao local onde vivem”. O mesmo defendido por Loureiro quando comenta:

Há um aspecto em que a arte, por sua vertente estética, contribui ao sentido democrático e humanístico do desenvolvimento. É que a arte, na dinamização da relação emocional, provoca e amadurece a necessidade do estar juntos. O sentimento eufórico da experiência compartilhada. Alimentando o espírito através da educação da sensibilidade, a arte faz o homem florescer para a amizade, o amor à vida, o respeito pelo outro. A arte, no seu sentido estético, é uma educação da sensibilidade para a democracia, para a justiça social. Esta é uma consequência ontológica (LOUREIRO, 1999, P. 31).

Em vários momentos das entrevistas, quando tinham que mencionar a favela e sua vida vivida nela, jamais se referiram à favela com preconceito ou discriminação. Aqui vale ressaltar o depoimento do entrevistado E₂, ao comentar sobre a favela:

“ [...] Hoje eu vejo uma favela como uma sociedade alternativa. As pessoas não estão lá porque querem estar. [...] Então, eu vejo a favela como um lugar onde tem pessoas lutadoras, pessoas heroínas mesmo, que mesmo no poço, lá no fundo do poço, ainda tem esperanças de uma vida melhor. Que lutam mesmo. É isso”.

O entrevistado de número E₆ reconhece que a realidade para eles não é fácil, mas que é possível construir e seguir um outro caminho:

“[...] a pensar que o mundo lá fora não tem muito a oferecer, mas o projeto ajudou né, o pessoal a fazer arte; ocupar sua mente e ter vida pela frente. [...] o mundo lá fora não é só feito de rosas, mas tem espinhos também”.

Significativa contribuição dos jovens percebida nas entrevistas foi o fato de haver destacado o papel dos arte-educadores na intervenção da construção de valores como o valor da cidadania dos adolescentes: “Elas valorizavam a favela e nos ensinava a valorizar o lugar onde nascemos”, comentou um dos jovens. Percebe-se, assim, o quanto foi decisivo para eles a presença do educador com seu testemunho na vida deles. Aqui mais uma vez Freire está nos dizendo que o nosso testemunho, estando no meio de situações de extrema pobreza, como as favelas, é preciso ser a favor desses menos favorecidos para que o testemunho da justiça seja verdadeiro.

Outro testemunho que não deve faltar em nossas relações com os alunos é o da permanente disposição em favor da justiça, da liberdade, do direito de ser. A nossa entrega à defesa dos mais fracos, submetidos à exploração dos mais fortes. É importante, também, neste empenho de todos os dias, mostrar aos alunos como há boniteza na luta ética. Ética e estética se dão as mãos. Não se diga, porém, que em áreas de pobreza imensa, de carência profunda, essas coisas não podem ser feitas. (FREIRE, 2002, p. 77).

Nos momentos em que me dava conta de que estava lendo as entrevistas para descobrir os temas ali presentes, minha alegria maior foi poder constatar que valeu a pena. todo o meu empenho na elaboração do projeto. Esses jovens, e talvez alguns que não passaram pelas entrevistas, estão em seus lugares de trabalho e atuação, sonhando com uma favela mais humana e um mundo melhor. Atuando para melhorar o ambiente em que vivem, estão fazendo valer seu direito de sonhar o sonho de, a cada dia, transformar-se em protagonista de suas vidas e da História.

Poder-se-ia ainda acrescentar os depoimentos dos entrevistados que deixaram transparecer que eles deram conta de que o mais importante era “ajudar-nos a ajudar-se”, conforme Freire sempre insistia:

O que importa, realmente, ao ajudar-se o homem é ajudá-lo a ajudar-se. E aos povos também. É fazê-lo, agente de sua própria recuperação. É,

repitamos, pô-lo numa postura conscientemente crítica diante de seus problemas (FREIRE, 1980, p. 58).

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se pratica uma educação pautada por uma ação libertadora fica difícil pensar que “algo” já se deu por acabado, por concluído. O saudoso Paulo Freire cujos passos procurei seguir durante todo o desenvolvimento do projeto Campus das Artes, bem como no processo de compreensão e sistematização dos resultados obtidos é quem nos revela que o “Mundo não é. O mundo está sendo”. Parafraseando Freire: Resultados não são. Os resultados estão sendo. Ou seja, os resultados estão sendo colhidos, semeados e germinando no coração da terra.

Não são todos os frutos que podem ser colhidos no tempo da colheita. Há outros períodos de amadurecimento e de colheita. Quando eles chegam, podemos já estar longe, em outras lavouras... Adubando outras terras e desconhecendo os frutos da lavoura anterior. Quando menos se espera, porém, somos surpreendidos por fatos que revelam o quanto a semeadura não foi em vão.

É o caso de uma jovem participante do Campus das Artes que não foi encontrada durante o processo das entrevistas. Em um posterior encontro casual dessa jovem com uma das psicólogas do Centro Cultural disse a ela que não esqueceu do Campus das Artes e que quer ser uma advogada no futuro. São sementes germinando... Sonhos de justiça, de um mundo melhor. Sonhos de querer Ser Mais.

Em julho de 2006 recebi um *e-mail* encorajador e corajoso de um jovem que ainda frequenta o Centro Cultural Vila Prudente e que frequentou assiduamente o projeto Campus das Artes. Sua correspondência eletrônica mostrava o quanto o trabalho do Centro Cultural tem sido referência de libertação na vida dele e de muitos outros moradores da favela de Vila Prudente. A mensagem fora enviada por ocasião do lançamento do *site* institucional do Centro Cultural Vila Prudente.

“Sinceramente cheguei a chorar de emoção quando estava lendo a página de notícias, como é lindo o que vocês falam dos membros da favela que fazem parte do CCVP. Portanto, acho que assim como eu, todos querem falar: O meu muito obrigado por vocês acreditarem numa favela melhor, o que seria

da gente sem vocês que formam o CCVP. Agora acredito num mundo melhor, graças ao projeto que me compõe, assim sabemos que não estamos sozinhos nesta luta por dignidade, por que a maioria das pessoas que não conhece a nossa realidade nos oprime em vez de nos ajudar, mas vocês são ao contrário graças a Deus! Moro numa favela há 9 anos, sei que a maioria das pessoas que nela moram lutam por melhores condições de vida assim como eu luto. Obrigado!”.

Esse testemunho nos faz rever posturas que assumimos diante dos jovens que formam um grupo sem preocupações políticas ou sociais, despreocupados das perspectivas do futuro vinculados a atitudes que não levam a nada e, por isso mesmo, pouco construtivas.

Todavia, as aparências enganam, ensina a sabedoria popular. Com efeito, trabalhando com eles, preconceitos caem por terra e a realidade mostra exatamente o contrário; percebe-se que eles são críticos e, na verdade, buscam espaços de atuação política.

Ao longo da leitura das entrevistas e do processo de categorização das temáticas, deparei-me com depoimentos que constatava e revelava a transformação desses jovens diante da comunidade onde vivem. Falam da favela como lugar de possibilidade de mudanças; manifestam a possibilidade da arte como expressão da dignidade e da cidadania; referem-se ao protagonismo deles no meio da favela; de forma consciente, contestam as atribuições preconceituosas que a sociedade alimenta em relação aos favelados.

No vídeo “Centro Cultural Vila Prudente: arte e cultura na favela”, que focalizava os resultados do Campus das Artes na vida de alguns jovens que passaram por ele, percebe-se nas suas falas um outro olhar sobre a favela:

“De um jeito bem diferente, mas legal, né, no dia-a-dia, tem um convívio mais com as pessoas; que as casas são perto uma das outras. Agora a arte aqui na favela é sempre uma coisa diferente. As pessoas acham que não existe isso na favela, só existe drogas, essas coisas. Com a arte você se solta, você expressa. Vai arranjar um emprego, você sabe conversar mais com as pessoas que precisam de você para trabalhar. Você não chega lá acanhado, com vergonha e tal. Você desenvolve e acaba arranjando seu emprego e se

empregando. É uma outra pessoa, mais desenvolvida. A arte levanta sua auto-estima, eleva seu poder de decisão, você decide, você aprende aquilo ali.... Se você olha só pra baixo, o que você vai procurar é só coisas ruins. A arte é uma coisa que vem de você. Então você acha, estou fazendo uma coisa legal, e isso vem de mim; não é uma cópia do outro, não é o outro que está fazendo. É uma coisa que vem de mim, é uma coisa legal. Então é isso”.

O escultor português Saramago recorda que o ser humano é demasiadamente grande para caber nas palavras com que ele mesmo se define. Mesmo assim, arrisco então dizer que as conclusões vão chegando e nos tornando grandes: num novo olhar sobre a vida e seus processos de mudanças. Nesse percurso, vou me dando conta de que, com o projeto analisado nesta dissertação, os resultados apontam para:

- A arte e a estética como fatores determinantes de mudança de paradigmas da exclusão; revelam aos jovens e às jovens a possibilidade de uma leitura crítica e atualizada da realidade.
- Podemos re-criar o mundo para resgatar nossa dignidade frente à vida.
- Os jovens querem viver e comportar-se como protagonistas de suas próprias histórias e da história da sociedade.
- Os jovens acreditam neles e na sua comunidade.
- A exclusão social marginaliza o jovem, e assim condena o seu futuro.
- A opção dos jovens e das jovens pelas drogas e pela violência está relacionada diretamente com a falta de perspectiva, de lazer e trabalho nas suas vidas.

Loureiro, em seus estudos sobre arte e desenvolvimento, nos ensina:

Sendo essencial à vida, é comum reconhecer-se na arte a qualidade complementar de veículo de expressão de sentimentos e idéias, concorrendo para a união dos homens, que têm, nas artes, seu instrumento universal de proteção e liberação. Através dela os homens não apenas satisfazem as

necessidades mais íntimas do espírito, como expressam largamente suas potencialidades, num processo em que o homem e as artes seguem evoluindo sempre, transformando-se, renovando-se. É que a arte promove a descoberta daquilo que não víamos no mundo, na forma de valores e emoções fundamentais, refinando a sensibilidade e aprofundando a experiência vital do homem. Sendo produção de algo novo, a arte é forma de trabalho que, individual ou socialmente, visa satisfazer às necessidades estéticas, concorre à criação de valores, à celebração da alegria de viver, à expressão de sentimentos coletivos, à preservação da tradição cultural e patrimonial, á revelação da beleza do mundo, à evasão e à antecipação de novas realidades. Provoca a humanização do acontecer das coisas (LOUREIRO, 1999, p. 68).

Ao chegar ao final deste estudo, vejo confirmada a convicção de que o *Projeto Campus das Artes: a favela como espaço antropológico da arte* contribuiu de forma significativa para fazer os jovens compreenderem que podem ser protagonistas dentro da favela de Vila Prudente. De uma maneira específica, contribui para eles verem que um outro olhar sobre a realidade de cada um pode não ser sempre o da simples condenação precipitada. Viram que há uma outra favela acontecendo... Que nem tudo está condenado.

No que tange à minha participação dentro do Centro Cultural Vila Prudente em contato diário com a realidade da favela e dos favelados, acredito que o futuro vai exigir intervenções cada vez maiores nas áreas onde impera a extrema pobreza; intervenções que criem oportunidades de socializar conhecimentos que provoquem mudanças sociais. A experiência da arte-educação junto a essas camadas da sociedade revela de forma contundente que a arte, mais do que nunca, é de grande serventia para conscientizá-las de uma possível mudança em suas vidas quando propicia condições de protagonismo, de recriação do mundo e construção da cidadania.

Concluindo com Paulo Freire, estamos convencidos de que o homem ao compreender sua realidade, consegue levantar hipóteses sobre os desafios dessa mesma realidade para poder encontrar soluções:

O homem enche de cultura os espaços geográficos e históricos. Cultura é tudo o que é criado pelo homem. Tanto uma poesia como uma frase de

saudação. A cultura consiste em recriar e não em repetir. O homem pode fazê-lo porque tem uma consciência capaz de captar o mundo e transformá-lo (FREIRE, 1983, p. 30).

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Educ, Estação Liberdade, Fapesp, 2002.
- ASMANN, Hugo. **Reencantar a Educação: rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BAIRON, Sérgio, PETRY, Luís Carlos. **Psicanálise e história da cultura**. Caxias do Sul: Educ, São Paulo: Mackenzie, 2000.
- BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. **O Paradigma Emergente e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 1999.
- BOFF, Leonardo. **A Voz do Arco-Íris**. Brasília: Letraviva, 2000.
- _____. **Saber Cuidar: Ética do Humano – compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire, o menino que lia o mundo**. São Paulo: Unesp, 2005.
- CAMPOS, Marcio D’Olne. **Leitura da Palavra... Leitura do Mundo**. *Correio da Unesco*, Rio de Janeiro, ano 19, n. 2, fev. 1991.
- CERVANTES, Miguel de. **Don Quijote de La Mancha**. Madrid: Real Academia Española/Asociación de Academias de La Lengua Española, 2004.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- DIONNE, Jean, LAVILLE, Christian. **A construção do saber**. Porto Alegre: Artmed/UFMG, 1999.
- FELTRAN, Gabriel de Santis. **Desvelar a política na periferia: histórias de movimentos sociais em São Paulo**. São Paulo; Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005
- FREIRE, Ana Maria Araújo. **Paulo Freire: uma história de vida**. São Paulo: Villa das Letras, 2006.

FREIRE, Paulo, GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre educação (Diálogos)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **À Sombra desta Mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

_____. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. São Paulo: Unesp, 2003.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. **Pedagogia da Indignação**. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. **Pedagogia da Tolerância**. São Paulo: Unesp, 2006.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. São Paulo: Unesp, 2001.

_____. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Professora sim, tia não**. São Paulo: Olho d'Água, 2002.

FUNDAÇÃO ABRINQ. **Juventude Presente – lições do Projeto Geração Jovem**. São Paulo: Abrinq, 2004.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Aprender ensinar – um olhar sobre Paulo Freire**. Revista abceducatio, São Paulo, 2002, v. 3, n. 14, p. 16-22, 2002.

_____. **Um legado de esperança**. São Paulo: Cortez, 2001.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 2001.

JÚNIOR, João Francisco Duarte. **Fundamentos estéticos da educação**. Campinas: Papirus, 1988.

_____. **Por que arte-educação?** Campinas: Papirus, 1996.

LABAKI, Amir; MOURÃO, Maria Dora (org.). **O Cinema do Real**. São Paulo: CosacNaify, 2005.

LESLIE, Vera Fraga. **Lugar comum**. São Paulo: Senac, 2001.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes Faria; VEIGA, Cynthia Greive. **500 Anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Arte e Desenvolvimento**. Belém: Cadernos IAP, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Fala galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

MORAIS, Regis de. **Cultura brasileira e educação**. Campinas: Papirus, 1989.

MORIN, Edgard. **A cabeça bem feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

PÁDUA, Elisabete Matallo Mardresini. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. Campinas: Papirus, 2004.

PAIVA, Wilson Alves. **Educação no Brasil – contos e recontos**. Revista Diálogo Educacional, v. 3, n. 7, set/dez, 2002.

PALUDO, Conceição. **Educação popular em busca de alternativas. Uma leitura desde o campo democrático popular**. Porto Alegre: 2001.

RIBEIRO, Darci. **O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

RIBEIRO, José da Silva. **Antropologia visual; da minúcia do olhar ao olhar distanciado**. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. **Arte e cultura: equívocos do elitismo**. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 2000.

STOKLOS, Denise. **Pedagogia da Autonomia**. Folha de S. Paulo, p. 2, 5 junho 2005.

_____. **Teatro Essencial**. São Paulo: Denise Stoklos Produções, 1993.

STORI, Norberto (org.). **O Despertar da Sensibilidade na Educação**. São Paulo: Instituto Presbiteriano Mackenzie: Cultura Acadêmica Editora, 2003.

TORRES, Carlos Alberto. **A política da educação não-formal na América Latina**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

UNESCO. **Gênero e educação para todos: o salto para a igualdade**. São Paulo: Moderna, 2004.

VINEY, Leslie. **Artes e ofícios dos mosaicos – técnicas essenciais e projetos clássicos**. Lisboa: Livros e Livros, 2003.

Vídeos:

Centro Cultural Vila Prudente: Educação e Arte no Coração da Favela

Histórias da Vida Real

Patrick conversa com Paulo Freire

Teto e Chão: a história do Movimento de Defesa do Favelado

APÊNDICE

INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

APRESENTAÇÃO:

Esta pesquisa pretende obter informações a respeito do “Projeto Campus das Artes: a favela como espaço antropológico da arte” para o desenvolvimento da dissertação de mestrado que está sendo realizada no curso de Educação, Arte e História da Cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Por favor, responda as perguntas com o máximo de espontaneidade, pois os dados obtidos serão analisados dentro das regras da ética, resguardando o sigilo da sua identidade. Esclarecemos também que este trabalho não envolve qualquer processo de avaliação do Centro Cultural Vila Prudente (CCVP). Agradeço sua preciosa e generosa contribuição para a realização desta pesquisa. Antonio Marcos, responsável pela pesquisa.

INFORMAÇÕES:

Entrevistado* n°:

Local:

Escolaridade: Ensino Médio () Nível Superior: Concluído () Concluindo ()

Idade:

Sexo: M (); F ()

*** Para resguardar o sigilo e a identidade do entrevistado, o seu nome não será revelado. Usaremos um número.**

QUESTIONÁRIO

1ª Onde você nasceu?

2ª Quanto tempo você mora na favela de Vila Prudente?

3ª Quanto tempo participa do Centro Cultural Vila Prudente?

4ª Porque quis participar do Centro Cultural Vila Prudente?

5ª Você acha que o Centro Cultural Vila Prudente foi importante para a sua vida? Comente.

6ª Você acha que o CCVP contribuiu para auxiliar a comunidade?

7ª A arte conseguiu envolver toda a comunidade? Se sim, você acha que ela contribuiu para desencadear alguma ação transformadora?

8ª A formação da cidadania esteve presente entre os arte-educadores?

9ª Ocorreu envolvimento dos alunos e dos professores com o projeto?

10ª Como foi a sua experiência com os colegas e os professores?

11ª Você acha que o Campus das Artes contribuiu para a aquisição de conhecimentos?

12ª O que deu certo e o que poderia ter sido melhor?

13ª Quais foram as dificuldades encontradas durante as atividades do Campus das Artes e quais atividades que mais te envolveu?

14ª O que você sugeriria como mudança?

15ª Entre as atividades desenvolvidas no CCVP, quais as que mais te marcou ou qual foi a melhor atividade para você?

16ª Faça um comentário das diferentes linguagens aprendidas (pintura, desenho, mosaico, linoleogravura, fotografia, documentário, etc).

17ª Como foi pesquisar a estética da favela durante o projeto Campus das Artes?

18ª O que representou o Campus das Artes na sua vida?

19ª O que mudou em você após participar do Projeto Campus das Artes?

21ª Qual a visão que você tem hoje da favela após o Projeto Campus das Artes?

22ª Você desenvolve hoje alguma atividade que contribuiu para o seu desenvolvimento artístico ou profissional ou em benefício da comunidade?

23ª Quais os seus planos para o futuro?

24ª Feche os olhos... Pense numa imagem que representa o projeto Campus das Artes para você.

25ª Feche os olhos... Pense numa imagem que representa o Centro Cultural Vila Prudente para você.

DADOS OBTIDOS POR INTERMÉDIO DAS ENTREVISTAS

1ª Onde você nasceu?

R₁ Nasci no Ipiranga, em São Paulo.

R₂ Nasci na cidade de Salitre, no Estado do Ceará.

R₃ Nasci em Salitre, no Ceará.

R₄ Em São Paulo, na Vila Prudente.

R₅ Nasci em Campos Sales, no Ceará.

R₆ Eu nasci aqui na Vila Prudente mesmo.

2ª Quanto tempo você mora na favela de Vila Prudente?

R₁ Há 17 anos.

R₂ Dez anos.

R₃ Morei por três anos.

R₄ Dezoito anos.

R₅ Eu moro na favela há uns dezoito anos.

R₆ Vou completar vinte anos em dezembro.

3ª Quanto tempo participa do Centro Cultural Vila Prudente?

R₁ Dez anos.

R₂ Dez anos. Desde que eu vim morar na favela eu participo do CCVP.

R₃ Participei por dois anos e oito meses.

R₄ Uns dez anos.

R₅ No Centro Cultural Vila Prudente eu freqüento há uns nove anos.

R₆ Desde pequenininho; desde quando... A primeira atividade quando entrei no CCVP foi fazer bolinhas de papel reciclado. O CCVP mudou tudo. Tá bonito, tá lindo. Mudou totalmente.

4ª Porque quis participar do Centro Cultural Vila Prudente?

R₁ Na verdade não foi uma vontade minha. Eu era criança ainda, ai minha mãe ficou sabendo do CCVP e ela perguntou para mim se eu tinha interesse em participar e eu falei que sim.

R₂ Bom, eu conheci o Centro Cultural Vila Prudente através de uma amiga que já participava lá, ai ao conhecer o projeto eu interessei porque é uma coisa diferente que existe na favela.

R₃ Sempre gostei de arte, meu amigo me fez o convite e aceitei.

R₄ Na verdade minha mãe me matriculou e eu não estava muito afim de ir na época. Ai eu acabei indo e gostando e continuando.

R₅ Porque foi um meio que, graças a Deus, eu encontrei de poder desenvolver uma experiência que eu sempre gostaria de aprender, que era artes plásticas. Desde criança eu sempre tive uma vontade de aprender a desenhar e pintar.

R₆ Porque... Bem, minha mãe me trouxe para o CCVP, e sei aqui, eu que a gente precisa de ter alguma coisa para abrir nossa mente, né. Por isso eu sempre quis freqüentar aqui.

5ª Você acha que o Centro Cultural Vila Prudente foi importante para a sua vida?

R₁ Foi. Foi bastante importante. Eu vejo algumas pessoas que começaram comigo no CCVP e saíram depois do CCVP. Eu vejo a vida difícil que eles estão levando hoje onde eu moro.

R₂ É importante pra a minha vida. O Centro Cultural Vila Prudente é um projeto que até tira crianças das ruas. Às vezes a criança que vai lá ela começa a ver a vida diferente; digamos um novo horizonte. Nas ruas o que a criança vê? Então, digamos hoje, eu vejo crianças cantando músicas de *funk*, essas coisas. As crianças do CCVP não têm esse comportamento. De ficar falando palavrões. É uma criança mais sensível. O Centro Cultural sensibiliza a criança a uma vida mais digna. É isso.

R₃ Foi muito importante para mim. Estava passando por uma fase difícil em minha vida: uma nova cidade e novos problemas, desemprego, adaptação; com o tempo consegui um emprego e tudo foi se resolvendo.

R₄ Foi. E está sendo muito importante. Me abriu oportunidades. Estou fazendo um curso através de vocês e dos amigos da Marilda.

R₅ Sim, foi muito importante para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Me fez enxergar minha realidade, seus desafios e como enfrentá-los.

R₆ Contribuiu e contribui ainda. De verdade eu agradeço a Deus por esse projeto; para as crianças e os jovens que precisam de verdade e o CCVP é abençoado por Deus de verdade. Eu amo de verdade o CCVP e ele me ajudou a ver o mundo de outra forma.

6ª Você acha que o CCVP contribuiu para auxiliar à comunidade?

R₁. Contribuiu sim. O que eu disse: para as pessoas que ficaram como eu, mais alguns outros, para as crianças, né, digamos para a nova geração que tá, meu irmão, por exemplo, para essas crianças tá contribuindo importante para que eles não caiam em outra vida.

R₂ Com certeza. Eu digo isso por experiência. Os que já participaram do centro cultural e vivem lá, mesmo não estando ligados ao centro cultural, são pessoas diferentes. Eu analiso isso quando vejo meus colegas do centro cultural. Meu, o comportamento é totalmente diferente. É como se eles não fizessem parte daquela comunidade. O centro cultural conseguiu diferenciar eles.

R₃ Sim, porque todos os trabalhos do CCVP são voltados para a comunidade e é uma luta constante para mostrar à ela que podemos melhorar.

R₄ Contribui. Tira as crianças da rua para fazer artes.

R₅ Eu acredito que ajudou muito, tanto as crianças quanto as famílias delas. Porque ajudou com que elas pudessem ter uma criação melhor, dar uma criação melhor para seus filhos.

Então ajudou tanto para que elas pudessem pensar melhor no futuro delas e poder desenvolver assim um trabalho e uma experiência de vida. Uma coisa que eles não tinha antes.

R₆ Ele contribuiu bastante. Acho que o povo gosta disso: gosta de cultura; gosta de saber lidar com a arte, né. A arte está em todo lugar e o projeto ensinou isso para nós.

7ª A arte conseguiu envolver toda a comunidade? Se sim, você acha que ela contribuiu para desencadear alguma ação transformadora?

R₁ A arte conseguiu, sim. É... conseguiu a concessão de espaços para fazer os mosaicos. Até algumas casa já fez mosaico. E o pessoal tá respeitando. O pessoal já não “picha” mais. Respeita mesmo a arte. O que antes não existia. Antes não existia isso.

R₂ Não, ela não conseguiu envolver toda a comunidade. Houve uma ação transformadora e na comunidade teve ações como o documentário na favela onde os moradores eram os próprios protagonistas de suas histórias e contavam suas histórias. E tem o mosaico também que nós estamos iniciando com a comunidade. Eles vão participar e alguns já participaram. Essa é uma das ações transformadoras que há na comunidade e que deve aprimorar com o decorrer do tempo para uma melhoria e integração da comunidade.

R₃ De uma certa forma a arte consegue envolver um pouco a comunidade. Através do Campus das Artes com a realização do documentário e das exposições de artes, envolvemos a comunidade e isso contribuiu para mostrar-lhes que a arte melhora a comunidade.

R₄ Sim. Através do mosaico, né, que a gente fez as placas e fomos colocando nas casas dos moradores.

R₅ Sim, na verdade a arte não envolveu toda a comunidade por mais que tenha sido um trabalho bom e bonito. Não consegui atingir toda a favela, porque, se fosse assim, não existiria hoje a violência grande que está cada vez mais se ampliando e eu acredito que aqueles que pelo menos conhecem o projeto, conheceram a arte e tiveram a oportunidade de conhecer, por exemplo o que aconteceu com o documentário. Foi legal o trabalho porque a gente procurou saber de onde cada morador da favela veio: se veio do Ceará, de Pernambuco. Cada um deu um depoimento de como veio parar na favela; o que eles esperavam; o que eles tinham vivido e qual era a experiência de vida deles na favela. Dos jovens eu lembrei que eles tiveram a oportunidade de expressar o que eles viviam na favela; o cotidiano deles no meio de toda a violência e agitação da favela que não se encontra em outro lugar. É uma agitação diferente. Digamos que é um outro mundo dentro de um mundo. É coisa engraçada porque é agitação a todo momento, né. Quando fica aquele silêncio é uma coisa estranha, todo mundo até estranha quando está em silêncio a favela. Então tudo é surpresa. Os adolescentes tiveram a oportunidade de passar tudo isso para a pintura, para a gravura, para a escultura. Finalizou com uma grande exposição.

R₆ Não, né. Mas ela ajudou muito o jovem a evoluir, a pensar que o mundo lá fora não tem muito a oferecer para nós, mas o projeto ajudou, né, o pessoal a fazer arte; ocupar sua mente e ter vida pela frente.

8ª A formação da cidadania esteve presente entre os arte-educadores?

R₁ Acho que sim. Porque sempre elas davam as aulas, mas sempre a gente conversava. Sempre uma coisa extra-curricular, digamos assim. As conversas envolviam sempre cidadania.

R₂ Sempre. Elas estavam sempre focando, abrindo os olhos, falando: “Meu”, olha, vocês são capazes. Busquem, pesquisem. Vocês têm todo o direito. Não é que vocês moram na favela que vocês não tem direito a nada. Vão lá, busquem mesmo. Acreditem em vocês. Elas estavam sempre focando isso. Nos alertando e animando mesmo.

R₃ Eles não queriam formar só artistas plásticos. Queriam formar verdadeiros cidadãos protagonistas da comunidade.

R₄ Esteve o tempo todo. Elas valorizavam a favela e nos ensinava a valorizar o lugar onde nascemos.

R₅ Esteve presente a todo momento. Ela ajudou não só com a arte mas também a ter um olhar; a conhecer onde moramos, a saber o porque que fomos parar na favela. Que vem da tradição da família, dos avós. Através do vídeo que fizemos descobrimos o porque das famílias estarem na favela. Foram tentar uma nova vida em São Paulo; ter uma moradia; um trabalho. Coisa que elas estavam, coisas que elas não conseguiam por causa da fome e da seca. Então, eu acredito muito que teve há todo momento essa preocupação com a cidadania. Para todos pensarem sobre a cultura; pensar sobre como mudar tudo e para melhor.

R₆ Esteve sim. Os professores ajudou a gente pra caramba. Para a gente pensar positivo, né. Que nada é impossível. Se você tiver uma idéia na cabeça tem que lutar por ela. O mundo lá fora não é só feito de rosas, mas tem espinhos também.

9ª Ocorreu envolvimento dos alunos e dos professores com o projeto?

R₁. Ocorreu. Ocorreu sim.

R₂ Teve interação sim entre os alunos e os professores. Sempre. Onde um estava sempre ajudando o outro para uma boa integridade do projeto.

R₃ Ocorreu sim, até porque certos trabalhos eram feitos coletivamente.

R₄ Ocorreu. A maioria concluiu o curso com poucas desistências. Fizemos a exposição final.

R₅ Ocorreu depois de um tempo. No inicio, entre nós, a comunicação entre os arte-educadores e os adolescentes estava difícil. Porque eram adolescentes que não tinham tanto conhecimento. Então, estavam ainda conhecendo a pintura. Tinham muitos que não gostavam de pintar; tinha outros que não gostavam de desenhar. Então, tudo isso se transformava numa grande barreira para muitos. Então, eles não se envolviam muito na aula e acabavam indo embora cedo. Depois de uns dois a três meses, aos poucos eles foram conhecendo e gostando do projeto. Ai que eles começaram a desenvolver o trabalho dentro do Campus das Artes.

R₆ Teve sim, né, entre os educadores e os alunos, né. A gente gostava de participar das aulas.

10ª Como foi a sua experiência com os colegas e os professores?

R₁. A experiência foi boa. Tanto que a gente conseguiu fazer um filme, né, pequeno. Tinha de ter uma experiência boa para fazer aquilo. Aquilo foi uma experiência boa.

R₂ Foi boa pois a gente se conheceu mais. Com os professores também. Nossa, nesse projeto Campus das Artes, foi um dos projetos onde a gente se conheceu mais. Houve uma grande integração mesmo.

R₃ Normal com conversas, brincadeiras, brigas e no final de tudo isso muitas amizades.

R₄ Foi muito boa. Aprendi bastante coisas. Então eu ainda utilizo os ensinamentos adquiridos como o mosaico, a pintura.

R₅ Para mim foi uma experiência muito boa, uma grande experiência porque com eles, eu pude desenvolver um grande; assim, para mim um grande trabalho porque tinha além da prática tinha muita teoria. Porque a gente trabalhava ao mesmo tempo em que estávamos esculpindo, modelando na argila, gravando em linóleo ou então pintando, a educadora passava informações para a gente; sempre com o livro podendo explicar as técnicas. Então foi uma grande experiência e com os colegas no início houve muitas brigas. Era muito difícil. Tinha muita bagunça, né, como eu tinha dito, tinha muitos adolescentes ali que não estavam muito afim de trabalho, né. Às vezes estavam com outras intenções. E depois mais a frente do curso que começamos a se interessar e deu para prestar mais atenção na aula. Aí que deu mais para fazer um trabalho melhor, deu para se concentrar melhor.

R₆ Foi muito legal conhecer as pessoas que eu via passar e não conhecia a história direito. Aí, numa simples pintura a gente foi se descobrindo, tendo amizade. Os professores e os funcionários também.

11ª Você acha que o Campus das Artes contribuiu para a aquisição de conhecimentos?

R₁ Contribuiu muito. Para quem queria e quer seguir na arte mesmo, que não é muito meu caso, para quem quer, contribuiu bastante e também para quem tinha outros interesses. A vivência foi muito boa. Cidadania que os monitores passavam para a gente; a convivência entre a gente mesmo.

R₂ Com certeza sim. Em questão de técnicas, da história da arte, foi muito abrangente; muita coisa mesmo.

R₃ Todo artista tem que se envolver com temas. Temas exigem pesquisas, seja bibliográfica de campo, etc.

R₄ Contribuiu.

R₅ Adquiri conhecimentos quando... Eu já tinha trabalhado como por exemplo a argila, a modelagem eu já tinha feito um antes no centro cultural mesmo mas eu fui aprimorando mesmo no Campus das Artes. Eu comecei a trabalhar com modelagem lá e conheci até um pouco mais sobre a técnica. E a gravura que foi a primeira vez que eu trabalhei com a gravura lá e também teve o grafite que foi muito legal; foi um trabalho muito bom.

R₆ Bastante. Eu não conhecia muito essa coisa de arte, né. Eu achava que qualquer um poderia fazer. Então, hoje eu tenho uma outra idéia de tudo isso graças ao Campus das Artes.

12ª O que deu certo e o que poderia ter sido melhor?

R₁ Tudo o que a gente propôs a fazer no Campus das Artes deu certo, né. A exposição que a gente fez, o vídeo. Tudo deu certo. Acho que poderia ter sido melhor, acho que poderia ter sido mais extenso. Acabou o projeto e o Campus das Artes parece que acabou.

R₂ O que deu certo foi, digamos, esse conhecimento de interação entre aluno e professor, professor e aluno. E houve mesmo lá. Foi uma troca muito grande, muito bonita. Nossa, estava todo mundo, acho aberto a isso. Todo mundo se deu bastante por isso que foi, acho, um dos melhores que houve no Centro Cultural Vila Prudente. E o que poderia ter sido melhor é esse projeto ter sido ampliado. Aí teria sido a melhor coisa. E esse projeto poderia até sei lá, ser exemplo para outros projetos do Brasil ou do mundo mesmo. Porque esse projeto foi marcante.

R₃ Poderia ter sido melhor se no projeto existisse cursos profissionalizantes, pois o aluno sai muitas vezes e não sabe o que fazer.

R₄ Deu certo o mosaico, o documentário. Foi muito rápido a gravura, mais para ter uma idéia.

R₅ O que deu certo foi a conclusão do projeto com o vídeo que a cada vez que eu paro assim para ver e através dessas perguntas eu vejo que esse vídeo tem uma grande riqueza, né? Que ele foi muito bem concluído. Foi muito bom a conclusão desse vídeo. Porque ele fala de tudo. Parece que fala do curso. Fala a idéia é, do curso, né. Ajuda bastante para quem não conhece a favela; mostra bem o que ela é através da história dos moradores. O que infelizmente não deu certo, o que faltou foi que no ar ficou uma coisa de querer mais. Poderia ter dado uma continuidade no trabalho. Poderia ter dado uma segunda chance; um tempo mais para os jovens que só no final puderam conhecer o trabalho e como estavam a fim de continuar aquele trabalho e acabou.

R₆ Eu acho que para a juventude aqui da favela, eu acho que deveria ter mais. O jovem precisa cada vez mais de conhecimentos e ele quer buscar lá fora e não tem condições. Então, você frequentando o projeto vai adquirir muitos conhecimentos.

13ª Quais foram as dificuldades encontradas durante as atividades do Campus das Artes e quais atividades que mais te envolveu?

R₁ As dificuldades foram, principalmente a introdução do projeto; acostumar com a idéia do projeto. O que mais me envolveu, com certeza foi o vídeo e em segundo lugar a exposição que a gente fez.

R₂ Bom, dificuldades. Dificuldades a gente sempre tem mas, não essa coisa impossível, sempre a gente procurou resolver. Como eu falei, era uma equipe boa entre alunos e professores. Então, esse nome dificuldade não teve não. Agora, o que mais envolveu? Acho que tudo me envolveu. Nada ficou de fora. Tudo mesmo, seriamente.

R₃ Fiquei muito preso a temas escolhidos pelos professores. Me envolvi mais com o grafite. Gosto da forma de protesto, idéias lançadas nos muros para olhos observadores.

R₄ Não encontrei dificuldades. As atividades que mais me envolveram foi a pintura e o mosaico. O documentário foi mais por curiosidade, mais para saber como que era mesmo.

R₅ É no início do curso eu não tive empatia como uma das arte-educadoras. Só depois né o trabalho se desenvolveu, eu até conversei com ela. A gente conversou. Ela me puxou num canto e a gente conversou. Então, isso, a partir desse momento o trabalho melhorou, né. Assim eu pude melhor desenvolver o trabalho. O documentário me evoluiu bastante porque eu conheci mais ainda a favela. Eu tinha receio de passar em alguns becos; de passar em alguns trechos mesmo da favela. E isso fez com que a gente se soltasse um pouco mais. Não tivesse medo, né, conhecesse mais a favela. Então o vídeo foi maravilhoso e também tivemos a oportunidade de ir ao Instituto Tomie Ohtake e fazer um trabalho com várias técnicas das artes plásticas com outras Ongs participantes e foi um trabalho muito bom que a gente participou durante uns três meses, como se fosse um curso.

R₆ A atividade que me mais me envolveu foi a da argila, né. Eu não sabia muito mexer então eu ficava com medo de saber como que faz ou como não faz. Então quando eu comecei a saber que achei muito bom, né. Você modelar seu rosto; ar volume. Foi muito legal.

14ª O que você sugeriria como mudança?

R₁ Acho que a extensão do projeto.

R₂ Mudanças, humm. É... estender o projeto. Porque arte é o aprimoramento do intelecto, muito mais.

R₃ Deixar o aluno trabalhar mais aquilo que gosta.

R₄ Aprofundaria o documentário fazendo mais um, vários. E a gravura também, essas coisas.

R₅ Eu acho que teria de prolongar o curso para que pudesse desenvolver melhor cada técnica. Tivesse mais tempo para trabalhar pintura, mais tempo para trabalhar gravura porque foi um tempo muito curto para cada técnica. Então foi uma passagem muito rápida de cada uma para a gente conhecer, apesar de que também foi bom.

R₆ Mudanças? Sei lá... Experimentar outras coisas, né. Ah, vamos juntar tudo aquilo que a gente aprendeu, pintura como expressão corporal, sei lá uma coisa bem maluca.

15ª Entre as atividades desenvolvidas no CCVP, quais as que mais te marcou ou qual foi a melhor atividade para você?

R₁ Eu gostei bastante da dança, expressão corporal que a gente teve com a Mita. Nós apresentamos no SESC, no SESC Pompéia e em segundo lugar as artes plásticas.

R₂ O que mais me marcou foi a modelagem mesmo onde nós fizemos o nosso auto-retrato. Foi com a arte-educadora Raquel.

R₃ O que mais me marcou foi participar do vídeo Histórias da Vida Real, documentário que conta a trajetória das pessoas que migram para São Paulo.

R₄ As artes plásticas e o teatro.

R₅ Os primeiros meses que eu entrei no centro cultural, o Tarcísio já estava dando aula, né, e como eu estava naquela vontade de desenhar, de pintar a gente fazia um trabalho muito bom que era da colagem, de reciclar o material e lá eu pegava madeirinhas e colava uma sobre a outra e depois jogava tinta encima disso, então isso foi um marco na minha vida. É um momento muito legal de lembrar porque a gente ia lá, saia mesmo nos becos, ia até mesmo no lixo olhar as madeiras, né, plástico, pegava papel; pegava um monte de coisa que a gente poderia tá reciclando naquele momento e montar uma tela. A gente fazia vários painéis.

R₆ A atividade que mais me marcou foi o projeto Campus das Artes. Me marcou muito a oficina de argila. Gostei muito da pintura na tela, que foi a primeira coisa que eu fiz. Eu nunca tinha ouvido falar em pintura na tela. Foi muito bom, muito gostoso.

16ª Faça um comentário das diferentes linguagens aprendidas (pintura, desenho, mosaico, linoleogravura, fotografia, documentário, etc).

R₁ Acho que foi bom pelo fato que antes eu estava acostumado a desenhar aqueles desenhos simples, tudo bem regrado; padrão assim. No Campus das Artes foi meio que livre, tinha uma idéia, uma ideologia para você fazer, mas cada um se expressava do jeito que queria. Tanto que, pra pintar um quadro você pintava do jeito que queria; fosse mais interessante para você. Tinha também fotografia, documentário, isso também foi bem diferente, não deixa de ser arte. Eu nunca tinha feito esse tipo de arte, digamos assim. Para mim foi muito diferente.

R₂ Tivemos xilogravura, mosaico, modelagem e um pouco de história da arte. Depois veio a arte moderna. Foram experiências novas, conhecimentos que foram adquiridos no Campus das Artes. Isso é importante para minha vida, né. Isso abrangeu mais a minha forma de ver a arte e de estar praticando também, abrir meus horizontes. O Campus das Artes foi isso.

R₃ Já tinha tido experiência com pinturas em paredes, camisetas. No centro cultural aprendi a expressar meus sentimentos jogando para tela ou em outro trabalho qualquer. Com relação ao desenho meu traço melhorou muito. E com o mosaico acredito que desenvolvi bem mas não tinha muita paciência. Achei a linoleogravura cansativa, acho que não identifiquei com ela. Com a fotografia não participei das aulas. Gostei muito do documentário por entrevistar pessoas do nosso cotidiano. São verdadeiros guerreiros com muitas experiências de vida.

R₄ Foi interessante aprender outras formas de se expressar. Acabei me adaptando mais a algumas.

R₅ O Campus das Artes foi um curso que se pudesse repetir muitas vezes, milhares de vezes seria maravilhoso, porque cada linguagem foi, acredito eu, foi bem aproveitado. As arte-educadoras passavam aquilo mesmo que enxergavam da comunidade: todo o ritmo, toda aquela euforia, né, então a gente passou tudo isso para a gravura, para a escultura, para a pintura. Os rostos, eles expressavam alegrias e tristezas; as gravuras elas colocavam as casas né, isso foi muito legal. Na pintura aquelas cores manchadas, né, aquela desorganização das casas. Passavam tudo isso para cada técnica, então, eu acho que cada técnica foi muito bem aproveitada.

R₆ A pintura assim, foi um trabalho que fui aprendendo, né. Fui descobrindo as cores; das misturas o que dá o amarelo com o verde. E o documentário, né, foi o primeiro trabalho que fiz com gravação. Eu achei maravilhoso. Eu nunca tinha trabalhado com gravação. Agora teve também um desenho que eu fiz de uma casa que eu chamei de Arte Favela, né. Então, essa Arte Favela veio na minha imaginação; aí eu falei: vou jogar a comunidade também, né, em arte. Foi isso. O documentário me marcou bastante porque a gente foi conhecendo histórias de pessoas que moram dentro da favela mas a gente não sabia dessas histórias. Poxa, deu um documentário bacana, de verdade.

17ª Como foi pesquisar a estética da favela durante o projeto Campus das Artes?

R₁ Legal, porque acabei descobrindo um outro lugar onde eu moro. Eu enxerguei com outros olhos vendo uma beleza que não existia antes.

R₂ Foi algo muito revelador. A formação dos becos é uma coisa espetacular. Tudo no seu limite como se fosse um labirinto. Só as pessoas que moram aqui é quem sabe sobre suas saídas. A estética das casas revela que as pessoas não têm a preocupação com o belo, ditado pela arquitetura tradicional. Pelo que eu vejo, as casas estão inclinadas para uma melhor adaptação do lugar onde estão que é um espaço mínimo. As casas são de dois vãos ou dois andares. Embaixo há sempre junto um banheiro, uma cozinha, sala geralmente sem divisórias. No terceiro andar fica os quartos dos habitantes. Na janela do segundo andar aproveitam quase sempre para colocarem os varais de roupa. Para aqueles que não tem condições de construir o terceiro andar. Isso vale para as casas construídas com madeiras ou material. No terceiro andar ainda colocam a lavanderia de roupa.

R₃ Me revelou muitas curiosidades. Desde a construção das casas, às improvisações. Suas cores e os desafios de se viver em um lugar onde o espaço físico é limitador.

R₄ No começo foi meio estranho mas depois você querendo mais acabou ficando interessante: a arquitetura que é bem, tudo junto, tudo organizado mas para as outras pessoas é desorganizado. Me mostrou que ela tem uma organização também.

R₅ Foi bom que a gente viu a diferença de cada casa, o porquê de cada situação. Tinha alguns que tinha uma situação precária. Eram barracos mais amontoados, mais apertados, pequenos. Outros já tinham grandes casas, né. Já tinham uma situação melhor, mas também não deixa de ser morador da favela. Então a gente conheceu através de cada história que a gente via a

situação que cada um vivia na favela. E a gente via as paredes, umas de madeiras, umas casas quase caindo, umas casas bem erguidas.

R₆ Cara, foi muito bom. O pessoal ficava olhando a gente gravar e tal. A gente foi percebendo uma favela que parece que não via antes.

18ª O que representou o Campus das Artes na sua vida?

R₁ Passei a ver o lugar onde eu moro como morador. Porque antes eu morava ali mas não sabia dos problemas. Mas nunca era ciente daquilo: caramba, eu moro numa favela, mas antes eu não era despertado para esse assunto. Depois que eu vi o vídeo eu passei; eu comecei a pensar melhor como morador. Antes eu via mais de fora. Agora que vejo os problemas mais pela raiz: porque aquele cara tá naquele mundo; porque isso acontece e tal; por vários motivos. Ai eu comecei a enxergar melhor, isso, através do próprio documentário que a gente fez.

R₂ Mudanças. Mudanças boas.

R₃ Foi um ponto de ignição para enxergar uma nova realidade.

R₄ Para mim valeu como uma experiência boa. Até hoje sou grato a essa experiência. Me ajudou muito o desenho, a pintura e a minha forma de ver a favela.

R₅ Representou uma grande esperança de poder crescer naquilo que eu tenho vontade de desenvolver nas artes plásticas. É uma profissão de que desde criança eu tenho vontade de conhecer e de cada vez mais se aprofundar nesse assunto, mais nesse conhecimento que é a arte. Então para mim o projeto Campus das Artes me fez ver, me aproximou cada vez mais daquilo que eu tinha vontade de trabalhar e conhecer. Em um ano eu conheci muitas técnicas e aprendi muito sobre cada uma delas, né. Eu pude buscar, querer mais, batalhar por aquilo que eu tenho vontade de conseguir, de querer. Fortaleceu bastante para eu buscar meus objetivos. Infelizmente o morador da favela é difícil que tenha uma coisa que possa fazer com que ele tenha esperança de algo. Ele é muito excluído, infelizmente. É muito excluído o favelado. E graças a Deus, o Campus das Artes fez eu poder ter uma vontade de querer seguir, de querer batalhar por tudo que eu tenho vontade, assim relacionado à arte e a tudo então eu aprendi muito e a minha vida mudou muito a partir do Campus das Artes.

R₆ Ele representou muitas mudanças, né. Eu aprendi uma coisa: eu aprendi a experimentar um monte de coisas que você tem vontade, sabe. Mas você pode ter certeza que um dia uma delas vai dar um resultado.

19ª O que mudou em você após participar do Projeto Campus das Artes?

R₁ Acho que mudou essa visão mesmo. Mudou bastante. Um novo olhar, com certeza.

R₂ A minha auto-estima. Antes eu não acreditava muito. Eu acho que eu não acreditava muito em mim. Aí com o Campus das Artes houve essa questão: eu vou acordar. É: eu tenho direitos, eu tenho deveres. Então, vou buscá-los. É isso.

R₃ Apreendi a dar mais valor às coisas que tenho.

R₄ Valorizo mais a favela agora e mudou também minha forma de pensar sobre o que acontece dentro da favela, o que tem nela. Mudou minha forma de pensar.

R₅ Mudou na atitude de poder aceitar as diferenças entre as pessoas. Então eu acho que isso é um detalhe do que eu acredito que tenha mudado. De como estar se relacionando com as pessoas, né, de estar conversando, de como poder se relacionar com o grupo e no Campus das Artes eu vi que teve essa mudança de relacionamento, de busca.

R₆ Eu era muito bagunceiro, de verdade. Eu ficava muito dentro de casa pensando em que fazer, mas não tinha nada para fazer. Então o Campus das Artes me abriu uma grande porta para que eu pudesse desenvolver minha mente, né. Até hoje essa experiência fica aqui dentro de mim.

20ª Qual a visão que você tinha da favela antes de participar do Campus das Artes?

R₁ Para mim antes era um, ainda continua sendo um lugar, né, entre aspas, como outro qualquer. Para mim não tinha diferença entre a favela e um outro lugar. Agora eu vejo que há diferenças sim, boas e ruins.

R₂ A visão de que a favela era um lugar que as pessoas não conseguiriam nada na vida. Que as pessoas estavam presas ao sistema e que não poderiam lutar e que com o Campus das Artes me acordei e vi uma coisa diferente: você pode sim lutar, não importa qual a situação que você esteja. Você pode buscar que você vai conseguir. O Campus das Artes deu esse toque. Esse toque bom. Reviveu.

R₃ Violência, tráfico e jovens sem um futuro; por outro lado pessoas trabalhadoras que não tiveram chance ou deixaram escapar e jovens com um futuro brilhante.

R₄ Eu tinha vergonha de morar na favela. Muitas pessoas não gostam das pessoas que moram numa favela porque elas não pagam impostos; essas coisas.

R₅ Eu andava de cabeça baixa, não olhava para as pessoas da favela. Eu não olhava nos rostos delas e, eu na verdade, infelizmente, estava negando né, a realidade que eu vivo né. Então uma coisa que me fez enxergar o Campus das Artes foi isso: olhar ao meu redor.

R₆ Era uma visão muito triste. A gente se olhava assim como se não tivesse mais jeito, né. Então, Deus trouxe vocês para que a gente pudesse olhar e ver que a gente tem condições de mudar.

21ª Qual a visão que você tem hoje da favela após o Projeto Campus das Artes?

R₁ Um lugar comum que tem seus pontos positivos com certeza, mas que necessita de um pouco mais de atenção da sociedade mesmo. Um lugar que tem gente com potencial que muitas vezes é desperdiçado porque não tem um olhar mais atencioso para elas; mas é um lugar normal, mas menos favorecido.

R₂ Uma enorme visão. Hoje eu vejo uma favela como uma sociedade alternativa. As pessoas não estão lá porque querem estar. Elas foram levadas a estarem lá. Mesmo por falta de condições, elas lutam para saírem de lá. Muitos não conseguem, muitos se acomodam; se acostumam com aquilo lá. Mas lá tem muita gente que luta para sair de lá. Então, eu vejo a favela como um lugar onde tem pessoas lutadoras, pessoas heroínas mesmo, que mesmo no poço, lá no fundo do poço, ainda tem esperanças de uma vida melhor. Que lutam mesmo. É isso.

R₃ A mesma visão só que eu não tenho mais vergonha da favela.

R₄ Ah, hoje minha visão mudou porque eu valorizo mais a favela. Tem cultura, tem pessoas boas; tem tudo.

R₅ Hoje eu já olho no rosto das pessoas que moram na favela de Vila Prudente, eu já olho. E olho assim e paro para cumprimentar, converso. E hoje tenho mais prazer de parar e conversar com os moradores porque eu vejo que eles estão ali também da mesma forma que eu tento mudar correndo atrás dos meus objetivos, elas também estão procurando cada vez mais melhorar seu modo de viver, né. Por mais que você pode estar ali na maior violência e tudo, mas elas tem uma coisa simples: sempre estão felizes. Apesar de toda violência, são pessoas trabalhadoras, muito humildes. Tem pessoas na favela muito simpáticas.

R₆ Eu acho que é uma visão bem oposta. Eu vejo a favela hoje como possibilidade de mudanças e mais colorida também, né. Antes a gente só via o pedaço da madeira, né. Hoje a gente vê o pedaço da madeira mais colorido.

22ª Você desenvolve hoje alguma atividade que contribuiu para o seu desenvolvimento artístico ou profissional ou em benefício da comunidade?

R₁ Eu voltei sábado para o coral.

R₂ Sim. Hoje eu estou cursando o terceiro semestre de artes plásticas graças à bolsa que recebi do CCVP. E a técnica do mosaico que eu aprendi no projeto Campus das Artes, eu e mais dois colegas, a gente passa como oficina no CCVP. E acho que é isso.

R₃ Tenho meu pequeno ateliê e por enquanto eu vivo disso.

R₄ O mosaico porque já começamos; estamos fazendo as fachadas de algumas casas.

R₅ Sim. Eu trabalho com o auto-retrato. Eu trabalho com a técnica do carvão e papel canson. Normalmente eu faço o retrato com a pessoa na minha frente entre uns quarenta minutos a uma hora. E essa técnica eu desenvolvi com a influência de um artista irlandês chamado Brian Maguire e ele fez um trabalho bonito no centro cultural e que eu fui uma das crianças na época que foi retratado por ele, né. E vendo a maneira como ele desenhava eu desenvolvi essa técnica. Então eu já fiz vários retratos que estão no centro cultural. Eu trabalho como arte-educador. Estou passando tudo aquilo que aprendi no CCVP. Hoje eu estou também dando aulas de mosaico com mais dois adolescentes: o Domeciano e o Carlos com uma turma de adolescentes. Essa técnica do mosaico eu aprendi no Campus das Artes.

R₆ O teatro. Teatro é cultura, né. Então, hoje a minha paixão é o teatro. Quando eu estou em casa, às vezes, quando estou livre; eu vou atrás das coisas: mexo com tinta, argila, pintura em tela e quando eu vejo um documentário eu paro para ver. E penso: aquilo vai me servir para alguma coisa.

23ª Quais os seus planos para o futuro?

R₁ Estudar, com certeza e poder um dia, quem sabe, passar os meus conhecimentos para o CCVP. Passar de aluno para professor.

R₂ Primeiro concluir a faculdade. Depois ser arte-educador e passar tudo que eu aprendi. Eu quero contribuir para o projeto. Quero que me aceitem lá e também ser um artista plástico. Não parar mais. Fazer um mestrado e buscar sempre conhecimentos. Tudo que eu aprender levar para o CCVP. Porque foi aqui que eu ganhei esse conhecimento. Quero dar esse presente para eles. Dar continuidade. Esse é o meu plano.

R₃ Quero ser um profissional melhor e trabalhar com a comunidade.

R₄ Fazer a faculdade e arranjar um emprego.

R₅ Eu pretendo, se Deus quiser, me formar em artes plásticas e continuar dar aulas no Centro Cultural Vila Prudente porque tudo que aprendi sobre artes, grande parte foi no centro cultural. Não só as artes plásticas mas também outros cursos que eu fiz lá. Eu pretendo um dia também morar fora da favela não me distanciando dela; não me desligando totalmente da favela, porque como já me falaram, me disseram uma vez: a favela é minha raiz, né. Tudo tem uma raiz. E acredito que a minha raiz é a favela, assim, né. Foi onde tudo começou para mim. Onde eu aprendi muito foi na favela. E tudo que eu sou hoje né, foi tudo dentro da favela que eu aprendi, que eu conheci. Então eu pretendo ter uma casa, uma situação melhor, uma casa legal e não me desligar da favela. Podendo assim continuar dando aulas no CCVP e dar aulas em outras escolas também.

R₆ Desejo ser um grande ator de teatro, assim. Batalho de verdade assim. Noites e noites eu peço a Deus: Deus toca no coração de alguém para eu ter uma oportunidade no teatro.

24ª Feche os olhos... Pense numa imagem que representa o projeto Campus das Artes para você?

R₁ Seria uma casa bem simples com um grupo de pessoas em frente.

R₂ Uma imagem de uma galinha que acolhe seus filhos debaixo de suas asas.

R₃ Crianças subindo e descendo escadas, pintando e brincando e todas estão alegres.

R₄ Uma semente.

R₅ Uma casa.

R₆ Um círculo.

25ª Feche os olhos... Pense numa imagem que representa o Centro Cultural Vila Prudente para você?

R₁ Um grupo de pessoas de mãos dadas.

R₂ Um livro aberto onde eu tiro muitos conhecimentos. Pode ser o livro da vida.

R₃ Um lugar cheio de sonhos.

R₄ Um coração.

R₅ Uma família.

R₆ Tintas.

Movimento de Defesa do Favelado: Feira do Excluído e visita de Rigoberta Menchu



Primeira Feira do Excluído promovida pelo Movimento de Defesa do Favelado. Na foto destaca-se stand do Centro Cultural Vila Prudente (ainda Casa da Cultura) com a visita de Padre Alfredinho.

Foto – Acervo MDF.

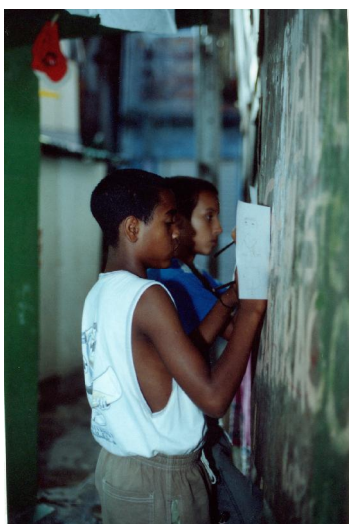
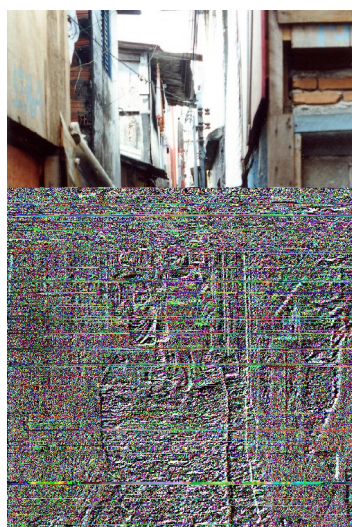


Crianças do Centro Cultural Vila Prudente durante apresentação de dança em homenagem à visita de Rigoberta Menchu ao Movimento de Defesa do Favelado.

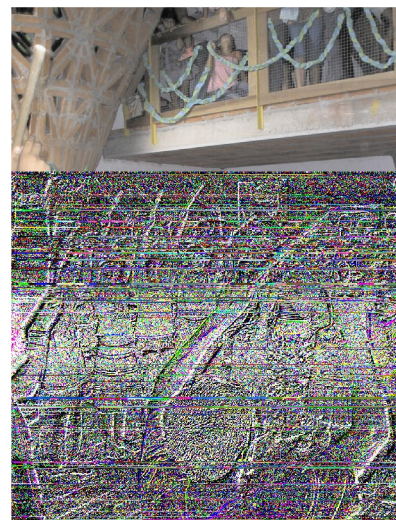
Foto – Acervo Patrick Clarke.

Making Off do documentário “Histórias da Vida Real”

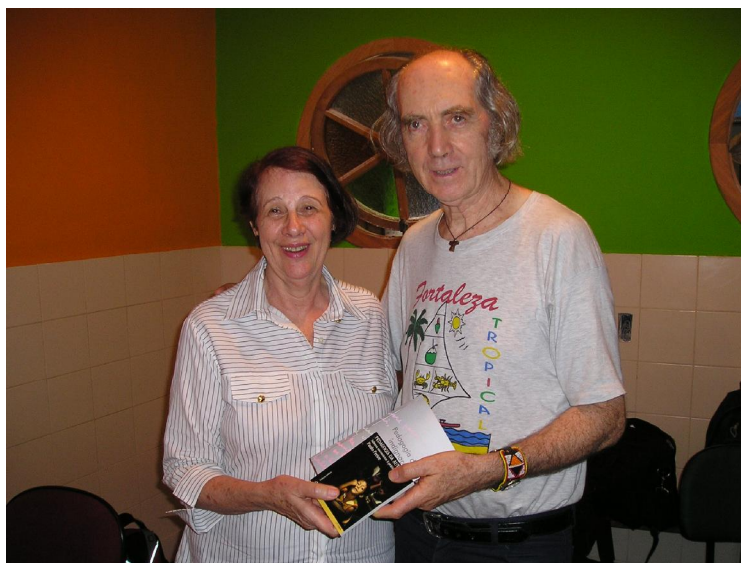




Diversos momentos do Centro Cultural Vila Prudente em 2006



Visita da Professora Ana Maria Araújo Freire (Nita Freire) ao Centro Cultural Vila Prudente em dezembro de 2006



Pe. Patrick Clarke com a Prof.ª Nita Freire.



Nita Freire com o jovem artista Fernandes Pereira, autor do quadro Paulo Freire.

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE – ESCLARECIDO**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

Programa de Educação, Arte e História da Cultura

Pelo presente instrumento, que atende as exigências legais, o Sr. (a):

Após leitura da carta de informação ao sujeito da pesquisa, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta. Fica claro que o sujeito da pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa e fica ciente que todo trabalho realizado torna-se informação confidencial, guardada por força do sigilo profissional.

São Paulo, de 200

Antonio Marcos da Silva, mestrando em Educação, Arte e História da Cultura.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)